

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Guilherme Jacinto Schneider

**GUARDIÕES DO ÉDEN:
NARRATIVAS DE ENCONTROS COM CRIATURAS MARAVILHOSAS NA
AMÉRICA PORTUGUESA – SÉCULO XVI.**

JUIZ DE FORA

2015

Guilherme Jacinto Schneider

**GUARDIÕES DO ÉDEN:
NARRATIVAS DE ENCONTROS COM CRIATURAS MARAVILHOSAS NA
AMÉRICA PORTUGUESA – SÉCULO XVI.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, na Linha de pesquisa “Narrativas, Imagens e Sociabilidades” como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Dra. Denise da Silva Menezes do Nascimento

Juiz de Fora

2015

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Schneider, Guilherme Jacinto.

Guardiões do Éden : Narrativas de encontros com criaturas maravilhosas na América portuguesa, século XVI / Guilherme Jacinto Schneider. -- 2015.

126 f. : il.

Orientadora: Denise da Silva Menezes do Nascimento

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2015.

1. Monstros. 2. Maravilha. 3. Relato de viagem. I. Nascimento, Denise da Silva Menezes do, orient. II. Título.

Guilherme Jacinto Schneider

GUARDIÕES DO ÉDEN:
NARRATIVAS DE ENCONTROS COM CRIATURAS MARAVILHOSAS NA AMÉRICA
PORTUGUESA – SÉCULO XVI.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Juiz de Fora, 7 de Maio de 2015.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Denise da Silva M. do Nascimento – Orientadora

Profa. Dra. Beatriz Helena Domingues – Presidente

Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira – Convidado externo

RESUMO

A dissertação trata sobre os relatos de encontros com criaturas maravilhosas na América Portuguesa durante o século XVI. A partir dos conceitos de representação, narrativa e maravilha, analisamos a forma como o universo maravilhoso foi apreendido e representado pelo viajante europeu a partir de seus relatos de viagem ao Novo Mundo. Inicialmente, foi preciso conhecer a tradição que se construiu desde a Antiguidade acerca dos monstros e criaturas maravilhosas. Por isso, alguns autores que se mostraram mais importantes para períodos posteriores, constituindo as chamadas autoridades do Mundo Antigo, foram identificados a partir de suas principais contribuições a essa tradição. Do mesmo modo, acompanhamos o desenvolvimento da representação do maravilhoso ao longo do Medievo, também a partir das principais autoridades do assunto, que se apropriaram da tradição antiga e a adequaram à representação cristã. Além disso, sobre o Medievo analisamos dois relatos de viagem que se mostraram os mais importantes para o século XVI, que foram as narrativas de Marco Polo e Mandeville, sempre com vistas à representação do maravilhoso expressa nessas fontes. A partir da expansão ultramarina europeia, analisamos os relatos de diversos viajantes europeus que visitaram a colônia portuguesa na América ao longo do Século XVI: Vespúcio, Gonneville, Pigafetta, Thevet, Léry, Staden e Knivet. A partir de suas narrativas, buscamos as influências da tradição e apropriações sobre o Novo Mundo, as mudanças e permanências acerca da representação do maravilhoso, sobretudo na visão do Paraíso Edênico e nas descrições de encontros com monstros e outros seres maravilhosos.

Palavras-chave: Monstros. Maravilha. Relato de viagem.

ABSTRACT

The research deals with the reported encounters with wonderful creatures in Portuguese América during the sixteenth century. From the concepts of representation, narrative and wonder, we analyze how the wonderful universe was seized and represented by the European traveler from their travel accounts to the New World. Initially, it was necessary to know the tradition that was built from Antiquity about the monsters and wonderful creatures. Therefore, some authors who were more important for future periods, constitute the so-called Old World authorities, were identified from its main contributions to this tradition. Similarly, we follow the development of the wonderful representation throughout the Middle Ages, also from the main subject of the authorities, who appropriated the ancient tradition and have adapted to the Christian representation. In addition, about the Middle Ages we analyze two travel accounts that were most important to the sixteenth century, which were the narratives of Marco Polo and Mandeville, always with a view to the wonderful representation expressed in these sources. From the European overseas expansion, we analyzed the reports of many European travelers who visited the portuguese colony in America during the sixteenth century: Vespúcio, Gomeville, Pigafetta, Thevet, Léry, Staden e Knivet. From their narratives, we seek the influences of tradition and appropriations of the New World, the changes and continuities about the wonderful representation, especially in view of Paradise and descriptions of encounters with monsters and other wonderful beings.

Key-words: Monsters. Wonder. Travel report.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, cujo apoio financeiro foi importantíssimo para a dedicação e bom andamento dessa pesquisa.

À minha orientadora, Dr.^a Denise Nascimento, pela acolhida de um mestrando desconhecido, com um tema singular, que não costuma deixar claro o que pretende fazer. Obrigado pela disponibilidade, pela confiança depositada e pelo espaço dado aos meus devaneios. Agradeço também aos demais membros da banca, Dr.^a Beatriz Helena Domingues, que desde a graduação me ensinou que a construção do conhecimento deve ser algo prazeroso, e que não devemos temer pesquisar aquilo que gostamos. Tenha certeza que essa lição foi fundamental para a escolha do meu tema e para a crença de que daria certo. Ao Dr. Daniel Ferreira, pela crítica extremamente construtiva à essa pesquisa, e por me passar a confiança de que este trabalho continuaria se aperfeiçoando e alcançaria a qualidade esperada. Pelas correções, indicações bibliográficas e dedicação na leitura do texto, meu muito obrigado, saibam que a orientação de vocês não se esgotou nesta dissertação, mas também trará frutos futuros.

À Minha mãe, Vânia Lucia Jacinto, pela educação que me guiou por esse caminho. Aos meus irmãos, Alessandro, Letícia e Yolanda, por serem o meu lar.

À Marília Nogueira, que me acompanhou pela maior parte desse processo, compartilhando alegrias, frustrações, medos e expectativas. Sem seu apoio incondicional essa pesquisa nunca teria se iniciado, quanto mais se concretizado. Aos meus amigos e companheiros Leonardo Menezes, Ana Clea Souza, Adebiano Rodrigues, Diego Schaeffer e Tiago Barroso, que me acompanharam por essa e outras jornadas, sem vocês eu não seria quem sou. Vocês são a minha família.

Aos demais que eu tenho a honra de chamar de amigos, que de uma forma ou de outra sempre estiveram ali para me ajudar. Na impossibilidade de citar todos os nomes, evoco apenas aqueles que estiveram mais vinculados à pesquisa e escrita dessa dissertação: Lorraine Pinheiro, Aline Viana, Luisa Correard, Leonardo Bassoli e tantas outras pessoas maravilhosas que eu tenho o prazer de conhecer, a confiança de vocês em mim me deu forças para tentar não desapontá-los. À Ana Paula Souza, que se não me emprestasse dinheiro para o taxi minutos antes do início da prova do mestrado, nada disso teria acontecido.

Muito obrigado. Esse trabalho foi escrito pensando em vocês.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: A BAGAGEM DOS NAVEGANTES: teratologia na Antiguidade e Idade Média	20
1.1 Monstros na Antiguidade	20
1.2 Maravilha, monstro e cristianismo no Medievo	23
CAPÍTULO 2: VIAGEM ÀS CERCANIAS DO ÉDEN: A busca pelo paraíso a partir das maravilhas.	50
2.1 O mar monstruoso	50
2.2 O viajante	63
2.3 Em busca do Paraíso	73
CAPÍTULO 3: GUARDIÕES DO ÉDEN: Os monstros nos relatos de viagem quinhentistas	85
CONCLUSÃO	112
BIBLIOGRAFIA	116

INTRODUÇÃO

Ao ler as narrativas de viagem dos primeiros navegadores europeus que vieram ao Novo Mundo, nos deparamos, em meio aos relatos das terras encontradas, com elementos descritivos que só podemos qualificar como maravilhas¹. Mais do que isso, além de descrever a natureza e certos fenômenos como maravilhosos, os viajantes europeus afirmavam ter avistado monstros nessas terras. O fato é que a América se tornou o lugar onde potencialmente se encontrariam tanto o paraíso terrestre² quanto uma legião de monstros conhecidos desde os tempos antigos.

A representação do monstro no período Antigo e Medieval é muito diferente da forma como ele passou a ser representado nos períodos posteriores. Para os homens da Antiguidade e do Medieval, o monstro era aquele que demonstrava, que ensinava com sua própria existência. Só o fato dele existir, e a crença nos monstros era generalizada desde a Antiguidade até o século XVI, já era suficiente para significar que tinha algo a dizer, a mostrar. Seja para o cristão medieval ou para o pagão da Antiguidade, o monstro era um enigma vivo, uma forma de conhecer a natureza decifrando-a através de criaturas que fogem ao padrão conhecido. Se os reinos mineral, vegetal e animal eram canais para se compreender o universo, o monstro seria o melhor atalho do estudo cosmológico, pois ao mesmo tempo em que poderia parecer uma desordem da natureza, obscurecendo sua compreensão, sua existência só se justificava como uma forma de revelar aquilo que era oculto, escondido, e por isso menos acessível e mais revelador.³

Durante a Antiguidade, vários autores relataram a existência de criaturas maravilhosas em terras distantes, sobretudo no Oriente, considerado como o fim do mundo, lugar de riquezas inumeráveis. Tais seres estariam localizados ao redor de regiões paradisíacas⁴, que anunciavam grandes recompensas àqueles que se lançassem ao desafio de enfrentar os perigos da jornada. Além das narrativas mitológicas⁵, o testemunho de vários autores gregos e latinos⁶

¹ Esse era o termo mais usado pelos próprios autores, tanto na Idade Média quanto na expansão ultramarina. KAPPLER, C. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 61.

² HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

³ KAPPLER, C. Op. cit., p. 4, 15, 50. Ver também: GIUCCI, Guilherme. **Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 77.

⁴ Aqui paraíso não no sentido cristão do termo, mas significando um lugar de riquezas principalmente materiais, mas também místicas, como fontes curadoras e rejuvenescedoras, etc.

⁵ Não é minha proposta analisar os mitos propriamente, no sentido teórico e preciso tratados por autores como Levi-Strauss ou Mircea Eliade. Utilizo o termo em sua concepção mais literária e ampla, como sinônimo de lendário, fabuloso.

que visitaram o Oriente confirmava a existência de monstros e outros seres exóticos, bem como as riquezas que guardavam.

Com a difusão do cristianismo na Idade Média, essa crença em regiões paradisíacas, também fundamentada na Bíblia, foi apropriada pelos autores cristãos, assim como as barreiras e perigos que circundariam o Éden, que incluíam criaturas monstruosas⁷. Os homens do Medievo buscaram explicar a existência de seres maravilhosos com base na visão cristã, detectando neles um ensinamento de Deus para os homens, englobando-os na Ordem da Criação. Dessa forma, a tradição teratológica dos autores antigos perdurou ao longo da Idade Média, embora apropriada por outros tantos autores cristãos como Agostinho, Isidoro, Brandão e Mandeville.

Todo esse imaginário acompanhava os europeus que rumavam ao Oriente buscando suas riquezas. Por isso, ao chegar à América sem perceber que se tratava de outro continente, o europeu julgou estar próximo das regiões paradisíacas que séculos de tradição e crença o haviam transmitido. Quando anos depois se confirmou que essas terras se tratavam de um lugar novo e desconhecido, a representação de um paraíso nas terras situadas à oeste do mar Oceano já havia se formado, transferindo o paraíso para o Novo Mundo, e cada vez mais apareciam relatos que respaldavam a proximidade com o Éden⁸, bem como de seres monstruosos.

Esse trabalho destinou-se a compreender a representação do monstro na expansão europeia ao Novo Mundo a partir dos relatos de viagem de europeus que para cá vieram até fins do Século XVI. Acreditamos que a partir do século XVII, a representação do monstro no Período Moderno tornou-se significativamente diversa da que ele possuía nos períodos anteriores, sendo necessário um tipo diferente de exame teórico-metodológico para tratar dos monstros a partir de então. Analisamos apenas os viajantes que visitaram a América Portuguesa, buscamos compreender o porquê da inserção, nos relatos de viagem desses europeus, de narrativas de encontros com monstros, quais os interesses dos autores da época em descrever tais criaturas e como se formou e perpetuou a representação do maravilhoso no período.

É difícil definir nitidamente o maravilhoso. A origem do termo remonta ao verbo latino *mirari*, que significa espanto, surpresa e admiração não necessariamente pelo belo, mas por

⁶ Como Plínio o Velho, Alexandre Magno, Ctésias e Megástenes. GIL, José. De los Mitos de las Indias. In.: BERNAND, Carmen (compiladora). **Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años**. México: Fondo de cultura econômica, 1994, p. 266-288.

⁷ A própria Bíblia possui descrições e indicações da existência de criaturas monstruosas, que se transformaram em animais hoje conhecidos nas traduções mais modernas: Isaías 13: 21; 34: 14; Jó 39: 5; 41: 1.

⁸ HOLANDA, S. Op. cit.

aquilo que é desconhecido, extraordinário⁹. *Mirari, mirae* – olhar, deslumbrar, contemplar – são raízes do *mirabilia*, maravilhoso¹⁰. Entretanto, os elementos do maravilhoso presentes nas narrativas de viagem entre o fim da Idade Média e a expansão para o Novo Mundo vão além dessa definição e carecem de uma análise histórica mais apurada¹¹.

O maravilhoso pertence àquilo que não é familiar, reproduzível e comprovável. Os espaços mais propícios para se localizar são as regiões remotas, pouco acessíveis, de onde apenas ouvem-se contar histórias. E uma vez alcançadas essas regiões, novamente o maravilhoso se desloca para novos horizontes vislumbrados, tal o seu nomadismo. Aquilo a que se refere é sempre considerado admirável, o que acaba sempre por mostrar a inferioridade da realidade conhecida. Enquanto está ligado ao desejo, às expectativas de se conseguir encontrá-lo, o maravilhoso apresenta-se como plausível e válido. Por esses e outros elementos, o maravilhoso tem mais a dizer sobre a cultura que o produz do que sobre o objeto a que se refere, e apesar da riqueza de representação que costuma expressar, é carente de formulação histórica precisa.¹²

O maravilhoso pode significar tanto terror quanto deslumbramento. Isso ocorre porque o maravilhoso não está primariamente ligado ao que o viajante encontra, avista, recebe através de seus sentidos, mas sim às suas representações, que farão com que aquilo que o indivíduo se depara seja considerado digno de maravilamento ou não.¹³ Ele é ao mesmo tempo inacreditável e inegável, é o desconhecido experimentado no qual mal se pode acreditar; nem ao menos sabemos julgá-lo do ponto de vista moral, pois o maravilhoso escapa a classificações de bem e mal,¹⁴ ao menos num primeiro momento, principalmente ao longo da viagem.¹⁵

⁹KAPPLER, C. Op. cit., p. 61.

¹⁰FARIA, Ernesto (org). **Dicionário Escolar Latino-Português**. 3 ed. Rio de Janeiro: MEC-CNME, 1962. Ver também: GREENBLATT, Stephen. **Possessões Maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 105.

¹¹ Existe também um debate sobre o maravilhoso na teoria literária, onde o tema do sobrenatural é abordado a partir de três gêneros: Maravilhoso, Fantástico e Estranho. O maravilhoso admitiria a existência do insólito, permitindo que o extraordinário mude de categoria, passando de um acontecimento incomum para algo ordinário e admissível, enquanto que no fantástico o sobrenatural é inexplicável e no estranho o sobrenatural acaba encontrando uma explicação racional. Ver: CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980. TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Editora Moraes, 1977.

¹²Giucci chega a enumerar onze características do maravilhoso na introdução de seu livro “Viajantes do Maravilhoso”, das quais as principais estão resumidas nesse parágrafo. GIUCCI, G. Op. cit., p. 16.

¹³ GREENBLATT, S. Op. cit., p 34

¹⁴Idem, ibidem, p 37-38, p 110

¹⁵ Isso poderia contradizer a moralização encontrada nos bestiários medievais, mas aqui nos referimos apenas ao momento mesmo do maravilamento, do contato imediato com a maravilha. Os bestiários são textos de categoria diferente dos relatos de viagem, e por isso fogem a esse aspecto do maravilhoso.

O maravilhoso é onipresente, pode estar em todos os lugares, mas não se encontra em parte alguma. Por ser carregado de desejo, ele persegue objetivos concretos, porém inalcançáveis e por isso está fadado a sempre se deslocar para um pouco além dos limites do conhecido, do visto, sem com isso perder sua força.¹⁶ A relação entre o remoto e a maravilha também é inversamente proporcional, ou seja, à medida que o viajante retorna ao seu lar o maravilhoso se distancia.¹⁷

A facilidade de penetração do maravilhoso na realidade atesta-se pela passagem da narração documental no relato de viagem para a descrição de maravilhas.¹⁸ A apropriação da realidade feita pelo viajante se aprofunda pela descrição que dela faz no seu relato, que geralmente seleciona aquilo que julga digno de nota e descarta o supérfluo, tornando muitas vezes para o leitor a maravilha como uma característica própria do relato de viagem, já que ela sempre é digna de nota.

O maravilhoso é, pois, um traço central no complexo sistema de representação como um todo, (...) através do qual as pessoas da Idade Média tardia e da Renascença apreendiam, e portanto possuíam ou descartavam, o não-familiar, o estranho, o terrível, o desejável e o odioso.¹⁹

O maravilhamento possui força suficiente para romper o laço representacional que liga o viajante à realidade que descreve, é capaz de criar diferenças irreduzíveis em meio a semelhanças culturais profundas, mas inaceitáveis²⁰. Perante a alteridade, o maravilhamento pode ir da identificação, assumindo semelhanças, até a alienação total do outro. Ora o viajante se confunde com o outro, ora ele é tão diferente que justifica qualquer atitude: renomeação, captura, morte, destruição.²¹

Um traço recorrente do discurso do maravilhoso é a visão paradisíaca, tão presente na Idade Média²² e principalmente na conquista da América²³. O paraíso, seja o cristão ou as fabulosas terras descritas pelos antigos, situava-se sempre nos limites do mundo conhecido, que ora significa o Oriente, ora ilhas afortunadas do Atlântico. Seja na poesia homérica pagã, no relato hagiográfico cristão (como as viagens de São Brandão) ou nos relatos de viagem, o

¹⁶ GIUCCI, G. Op. cit., p. 79. Demonstraremos ao longo do texto como essa característica se mostrou no deslocamento das maravilhas do Oriente para o Novo Mundo.

¹⁷ Idem, ibidem, p. 35

¹⁸ Idem, ibidem, p. 96

¹⁹ GREENBLATT, S. Op. cit., p. 40.

²⁰ Como as semelhanças entre o culto cristão e o asteca, a adoração a ídolos e a veneração de imagens católicas, o canibalismo e a comunhão, etc.

²¹ GREENBLATT, S. Op. cit., p. 176.

²² GIUCCI, G. Op. cit., p. 38, ver também: KAPPLER, C. Op. cit. e GREENBLATT, S. Op. cit..

²³ HOLANDA, S. Op. cit..

paraíso continuamente se alocava nos confins do mundo, espaços de prodígios e maravilhas, riquezas e monstros, lugares onde o europeu deposita seu desejo e seu medo.²⁴ Justamente por ser o lar tanto de riquezas materiais e espirituais quanto de monstros, o maravilhoso esteve sempre relacionado com heroísmo, seja na retórica clássica ou cristã.²⁵

Ao lado do heroísmo e da busca do paraíso, a esperança de encontrar riquezas maravilhosas, como fontes abundantes de metais e pedras preciosos, foi um dos motivos que impulsionaram o viajante e tornou-se um dos elementos mais comuns do discurso do maravilhoso nos relatos de viagem.²⁶ Indícios da presença de riquezas ou de especiarias e mercadorias caras aos europeus nas terras visitadas tornavam-se justificativas para que se perseguissem esses tesouros, sobretudo na América, principalmente devido à tradição de que as terras distantes guardavam riquezas incalculáveis.²⁷

As descrições de monstros na Antiguidade e Idade Média foram apropriadas nos relatos de encontros com tais criaturas nas Américas, já que muitas vezes os monstros vistos no Novo Mundo são os mesmos que os do Velho Continente²⁸. É importante mensurar essa relação entre os monstros já conhecidos pela tradição antiga e medieval e aqueles encontrados na América, identificar os principais autores e criaturas já famosos e consagrados pela tradição que possam ter servido de fonte para os relatos de viagem, verificar se existiu alguma mudança no conceito de monstro e na sua classificação na Ordem da Criação divina a partir da chegada ao Novo Mundo e também observar como as novas criaturas, muitas delas oriundas dos relatos de nativos, foram apropriadas pelo viajante europeu, além de identificar as estratégias textuais utilizadas pelos autores para dar credibilidade ao relato.

Antes mesmo do viajante escrever o relato de sua viagem ele passa pela experiência de classificar o real, de dar sentido àquilo que vivencia, ao mesmo tempo em que reclassifica a realidade a todo momento em contato com a mesma, num processo constante. Segundo Roger Chartier, a compreensão do “real” se dá por meio da incorporação das representações do mundo social, estas formadas e compartilhadas por grupos, que as forjam segundo interesses próprios²⁹. A apropriação da realidade pelo viajante se traduz em representações do real, em esquemas e formas de categorização, divisão e delimitação do concreto, que possibilitam dar sentido ao presente, ao espaço e ao outro.

²⁴ GIUCCI, G. Op. cit., p. 39.

²⁵ GREENBLATT, S. Op. cit., p. 101

²⁶ GIUCCI, G. Op. cit., p. 15.

²⁷ GREENBLATT, S. Op. cit., p. 100

²⁸ Como as sereias, criaturas mitológicas gregas que foram vistas por Knivet: KNIVET, Anthony. **As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2007, p. 234.

²⁹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 16-17.

O conceito de representação traz consigo as noções de apropriação, que é o esforço de classificar e delimitar o mundo real em constante atrito com os esquemas intelectuais dos diversos grupos sociais, e a prática de grupo que se busca reconhecer enquanto tal, detentor de uma identidade social que quer representar simbolicamente sua posição. As representações não são puramente subjetivas, pois se traduzem em práticas e ações que transformam a realidade de modo coletivo.

As representações são sempre construções coletivas, são esquemas intelectuais formados e incorporados por grupos sociais que trazem consigo interesses próprios, ainda que velados ou não-conscientes³⁰. Por seu caráter coletivo, social, analisamos as representações dos europeus sobre o inóspito, o maravilhoso das terras distantes e suas criaturas monstruosas através de viajantes de lugares e línguas diferentes, com trajetórias e tempo de viagem diversos, buscando assim detectar como essas representações estão veiculadas a uma cultura europeia mais ampla, que lança suas raízes na Antiguidade e que se formou no Período Medieval, em detrimento de uma interpretação dessas representações como ligadas a uma região (como a Península Ibérica) ou uma religião específica (católicos ou protestantes).

Essa ideia de representação, conceito de Emille Durkheim³¹ que Chartier incorporou e aprimorou,³² formada por um grupo a partir de interesses comuns, pode ser aplicada aos relatos dos viajantes europeus, permitindo-nos questionar os motivos da presença de descrições de encontros com criaturas monstruosas em meio às fontes sobre a conquista da América. Observaremos como a narrativa do maravilhoso servia aos interesses do autor, sejam eles estéticos, materiais, religiosos, pessoais ou coletivos.³³

O processo de apropriação, representação e prática é dinâmico, pois as representações são sempre atualizadas por novas apropriações que por sua vez se manifestam em novas práticas. Existe uma relação de forças entre as representações do grupo e do indivíduo, podendo haver divergências de apropriações pelos diversos integrantes do grupo, gerando lutas e mudanças de representações dentro do mesmo. Não podemos cair no determinismo e aceitar que as representações são necessariamente fechadas e restringidas por um grupo ou um sistema único de crenças, e que sua influência e efeitos sejam unidirecionais. Devemos ter em

³⁰Chartier não deixa claro se os interesses de grupos que determinam as representações são sempre conscientes. CHARTIER, R. Op. cit., p. 17.

³¹DURKHEIM, Émile. **As Formas elementares de Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

³²CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a História entre Certezas e Inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

³³Idem, *ibidem*, p. 110.

mente que existem múltiplos mecanismos de apropriação presentes em cada cultura e indivíduo, e que as lutas representacionais são vias de mão dupla.³⁴

Os viajantes, sempre em contato com o outro, seja ele homem ou mundo natural, testavam continuamente suas representações da realidade, seja reafirmando suas classificações ou reavaliando-as frente ao experimentado.³⁵ E de acordo com as mudanças de representação no indivíduo ou no grupo, é possível acompanhar o desenvolvimento de novos esquemas de classificação da realidade, em outras palavras, o próprio processo cultural.³⁶

Walter Benjamin, em seu texto “O Narrador”³⁷, ofereceu um modelo de análise de textos narrativos que consideramos assaz pertinente ao exame dos relatos de viagem no período em estudo. Seu tratamento sobre a arte da narrativa corrobora a compreensão dos textos que tratam sobre o maravilhoso, cuja construção textual é mais propriamente narrativa do que romance ou poesia épica³⁸. A figura do narrador, apresentada por Walter Benjamin, está profundamente enraizada nos homens que descreveram contatos com criaturas monstruosas ao longo do Período Antigo, Medieval e mesmo durante o século XVI, momento de contato com a América. Seu tratamento da arte da narrativa auxilia na compreensão tanto da construção do relato de viagem quanto do sentido atribuído à existência de seres monstruosos.

É a troca de experiência entre pessoas que nutre a narrativa de conteúdo, nesse sentido, as melhores narrativas são as que pouco se diferenciam do relato oral. Para Benjamin, existem dois grupos que se constituem enquanto narradores por excelência, sendo o primeiro o camponês sedentário, que devido à permanência no mesmo local acumula experiência ao longo dos anos, e o outro o marinheiro comerciante, que por ter contato com diferentes grupos e culturas em diversos locais, consegue trocar experiências em um curto período de tempo. Estes mestres na arte da narrativa foram mesclados na figura do artífice medieval, que possuía o privilégio de reter as experiências do passado, estando ligados ao trabalho sedentário, e ao mesmo tempo entrava em contato com o conhecimento de terras distantes, graças ao contato com migrantes.

³⁴ GREENBLATT, S. Op. cit., p. 20.

³⁵ Stephen Greenblatt começa seu quarto capítulo utilizando o conceito de representação para analisar a expansão ultramarina europeia, o que corrobora para confirmar a pertinência desse conceito para minha análise. Id. *ibid.* p. 159-164.

³⁶ CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. Perspectivas teóricas acerca da análise de relatos de viajantes: Hércules Florence, narrador, p. 5. In: **Fênix**, revista de História e Estudos Culturais. Abr./Mai./Jun. de 2005. Vol. 2, ano II, nº 2. Disponível em: www.revistafenix.pro.br acesso em: 15/02/14.

³⁷ BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

³⁸ Segundo categorias do próprio Benjamin, explicadas no mesmo texto citado.

Sabe-se que, em sua maioria, as primeiras narrativas sobre criaturas maravilhosas foram transmitidas oralmente ao longo das gerações³⁹. Os poemas épicos de Homero, por exemplo, perpetuaram-se oralmente ao longo de séculos, e só posteriormente foram redigidos⁴⁰. Muitas descrições presentes nos bestiários medievais seguem a forma de relatos orais, com a presença de termos que denotam narração verbal de fatos, como por exemplo “Os *hablaré* ahora del unicornio...”⁴¹, “...por eso es rey el león. *Escuchad* ahora sus propiedades.”⁴². Nas sociedades onde a escrita era praticamente utilizada apenas pela elite, a oralidade possuía uma força muito maior do que nos dias de hoje, o que a tornava inclusive muito mais crível do que atualmente.

Os dois grupos que são considerados os “pais da narrativa”⁴³ por Benjamin estão muito presentes no contexto da expansão ultramarina europeia. De certa forma todos são marinheiros, ainda que apenas pelo período da viagem ao novo mundo, e temos exemplos de marinheiros comerciantes que escreveram relatos de viagem, como Marco Polo. As semanas de viagem a bordo dos navios criavam condições propícias para a disseminação e amadurecimento de narrativas, bem como o comércio os contatava com diversos portos, possibilitando novamente que mais narrativas se espalhassem e fossem produzidas. Os próprios índios possuíam uma cultura oral, em que a narração de histórias ao longo de gerações era a forma de se manter e perpetuar sua cultura. Foi através dos relatos orais dos índios que os europeus tiveram contatos com as lendas sobre criaturas como o Curupira, Anhangá, etc.⁴⁴

Faz parte da natureza da narrativa ter uma função utilitária, prática, que se traduz na forma de conselhos, ensinamentos morais, provérbios, lições de vida, o que demonstra a profunda sabedoria que permeia qualquer narrativa. Por ser formada pelo acúmulo de experiências de vida e sofrer um processo de reformulação ao longo do tempo, pela repetição e difusão da própria narração, toda narrativa é carregada de sabedoria. Seus conselhos são oriundos não apenas de uma vida, mas de experiências de todos aqueles narradores que a carregaram e transmitiram com o passar dos anos.⁴⁵ As lendas dos povos indígenas americanos

³⁹ Relacionando narrativa e relato de viagem, Kappler explica que em várias: “(...) civilizações, a transmissão oral desempenha papel mais importante que a escrita...”. KAPPLER, C. Op. cit., p. 106.

⁴⁰ HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2011. HOMERO. *Iliada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁴¹ MALAXECHEVERRÍA. *Bestiario Medieval*. Madri: Siruela, 1987, p. 148

⁴² Idem, *ibidem*, p. 23.

⁴³ BENJAMIN, W. Op. cit., p. 199.

⁴⁴ CASCUDO, Luiz da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1976.

⁴⁵ BENJAMIN, W. Op. cit., p. 200-201.

sobre criaturas fantásticas estão recheadas de ensinamento, como o de não andar sozinho pelas selvas ou não vagar nas matas à noite, ocasiões em que seres como o Curupira costumam atacar. Também o relato de viagem sempre se pretende atender a alguma utilidade, ainda que esta nem sempre seja esclarecida⁴⁶. Assim, constata-se como as narrativas de encontros com monstros também são dotadas de sabedoria e conselhos, participando de uma função até mesmo utilitária no cotidiano dos homens do período.

A narrativa é formada pela transmissão, muitas vezes oral, de experiências de muitas vidas. Para ela, o conhecimento distante espacial e temporalmente possui valor, ainda que não possa ser comprovado. A sabedoria da narrativa convive com sua dimensão maravilhosa e misteriosa, já que ela não se preocupa em apresentar explicações para o que narra. É o próprio tempo que enriquece a narrativa, e não a exatidão de informações. Da mesma forma que ela, os relatos de viagem possuíam um saber que vinha de longe, tanto de terras distantes quanto de tempos passados, sendo justamente essa distância que validava o relato, ainda que os dados que trouxesse não pudessem ser comprovados empiricamente. Ao invés de serem plausíveis e verificáveis, os relatos muitas vezes são miraculosos e inexplicáveis, surpreendentes, maravilhosos, como a narrativa deve ser.⁴⁷

Se a narrativa se enriquece com o tempo e é favorecida pelo tédio⁴⁸, as longas viagens marítimas eram um terreno fértil para o seu amadurecimento. Na imensidão do Oceano, os marinheiros, ainda que realizando suas funções nos navios, teriam muito tempo para trocar experiências e expectativas com relação à viagem, ainda mais se caíssem no infortúnio de sofrer com as calmarias, quando o barco ficava à deriva durante longos períodos sem vento ou corrente marítima que os tirassem do lugar. As histórias contadas nos conveses de navios – que poderiam, é plausível cogitar, refletir na elaboração dos relatos de viagem – eram sem dúvidas narrativas.

A experiência e a convivência com a morte, outro elemento necessário ao florescimento de narrativas⁴⁹, sempre rondou a aventura⁵⁰ da expansão ultramarina europeia⁵¹. Seja durante as viagens – doenças, naufrágios, tempestades marítimas – ou depois da chegada ao Novo

⁴⁶GREENBLATT, S. Op. cit., p 19.

⁴⁷Ao descrever a Fênix, por exemplo, o Physiologus grego explica: “Existe una ave en la India, llamada fênix, que al cabo de quinientos años se dirige a los árboles del Líbano, carga sus alas de aromas agradables y anuncia su regreso al Sacerdote de Heliópolis, a comienzos del mês de Nisán...” MALAXECHEVERRÍA. Op. cit., p. 120.

⁴⁸BENJAMIN, W. Op. cit., p. 204.

⁴⁹Id. ibid. p. 207.

⁵⁰O termo é amplamente utilizado pela bibliografia pertinente. Exemplos: GIUCCI, G. Op. cit., p. 98, HOLANDA, S. Op. cit., p. 67.

⁵¹“Com muita frequência a viagem é a oportunidade de encontrar-se com a morte” KAPPLER, C. Op. cit., p. 106.

Mundo, a morte se fazia presente no cotidiano desses homens. Ainda mais quando o encontro com os povos que aqui viviam se transformava em conflito, o que era muito comum, a morte ceifava vidas de nativos e europeus. Não sabendo como lidar com as selvas tropicais, aqueles que por algum motivo se perdiam ou se afastavam dos demais geralmente não sobreviviam.⁵²

Além disso, durante o Período Medieval, a morte era encarada como algo necessário e natural, um aspecto constituinte da vida. Mikhail Bakhtin, ao escrever sobre a cultura popular medieval e renascentista através da obra de Rabelais⁵³, colocou em evidência o ciclo de vida, morte e renascimento, aspecto do chamado “realismo grotesco”, parte fundamental da cultura popular do período. A morte era muitas vezes celebrada e se tornava um espetáculo, no carnaval, por exemplo, como uma etapa necessária para o renascimento e manutenção do ciclo da vida, apenas mais uma representação da realidade dualista que imperava no período. Antes a morte era um espetáculo, um episódio importante tanto no âmbito individual como coletivo, seu papel era sublime e exemplar, pois é na morte que todos os homens assumiam a autoridade, a experiência da vida, que nutria a narrativa.

Se a narrativa é sabedoria de vida transmitida, ela engloba também o conto de fadas⁵⁴. O verdadeiro narrador é o que sabe narrar contos de fadas, uma maneira de transmitir sabedoria às crianças, sendo muitas vezes uma das primeiras narrativas com a qual o sujeito entra em contato, sendo um passo para nos libertar do terror do mito, com seu bom conselho em caso de emergência, retirando da natureza seu aspecto mítico. Ora, contos de fadas são sempre recheados de criaturas monstruosas, ainda que seja atribuindo características humanas a animais que não as possuem, como a fala, por exemplo. Da mesma forma que um conto de fadas, os relatos de encontros com monstros e suas descrições em Bestiários traziam um ensinamento, conselho, ao mesmo tempo em que lidavam com o maravilhoso e imaginário⁵⁵. Tais relatos, que hoje poderiam ser considerados simples “contos de fadas”, constituíam importantes formas de transmitir sabedoria para os homens da época. De certa maneira, podemos dizer que os relatos de encontros com monstros eram tentativas de explicar aquilo que era incomum, maravilhoso, buscando sentido no que aparentemente não o tinha.

Todos os que ouvem uma narrativa pretendem guardar o que foi narrado, para posteriormente transmiti-la a outros. Nesse ponto, a memorização torna-se fundamental para a

⁵² Um bom exemplo de todos os tipos de morte enfrentados pelos europeus é o relato de Cabeza de Vaca: CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. **Naufrágios e comentários**. Porto Alegre: LP&M, 1985.

⁵³ BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: O contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1993. Introdução.

⁵⁴ BENJAMIN, W. Op. cit., p. 212, 214.

⁵⁵ Em Mandeville encontramos uma possível referência ao reino feérico, quando descreve “uma bela dama de fayrye” que “não era um ser terreal, mas espiritual”, FRANCA, Susani Silveira Lemos (trad. e org.). **Viagens de Jean de Mandeville**. São Paulo: EDUSC, 2007, p 147.

manutenção da narrativa. Além disso, a própria construção do relato de viagem depende da memória, já que muitas vezes o texto é produzido com certa distância temporal daquilo que é descrito⁵⁶.

O narrador, no relato de viagem e em qualquer narrativa que construía, não carregava consigo somente elementos vivenciados durante a viagem, nem mesmo elementos apenas oriundos de sua própria experiência de vida. Junto com esses fatores pessoais conviviam representações de grupo, memórias oriundas do convívio social⁵⁷ e demais elementos culturais que compunham o arcabouço intelectual do viajante. Representação e memória são dois conceitos enriquecedores à análise das narrativas de viagem; memória como habilidade de localizar-se espacial e temporalmente, representação como construção de sentido diante do real. Essas duas categorias estão ligadas, já que toda representação é apropriada, transmitida e desenvolvida no tempo e espaço, e sua perpetuação se dá através da constante representação daquilo que foi apreendido no passado pela memória, enquanto que toda memória carrega consigo alguma representação da realidade.⁵⁸

As ligações entre memória e conhecimento, esquecimento e história provindas da tradição platônica influenciaram o Período Medieval, quando a memória era considerada como faculdade intelectual, memória-conhecimento⁵⁹. Jacy Alves de Seixas cita a importância que a memória voluntária possui com relação à história, relação que segundo o autor começou desde a Grécia antiga, quando a memória era o meio principal de acesso ao conhecimento do passado.⁶⁰ Daí compreendemos a força da oralidade nessas sociedades.

Com o tempo, daquilo que foi memorizado resta apenas um vestígio de memória, chamado reminiscência e que tinha como divindade romana correspondente Mens, deusa do pensamento⁶¹. A tradição de se narrar histórias ao longo do tempo é possível graças à Reminiscência, sendo a historiografia a escrita dessa reminiscência que se origina na epopeia

⁵⁶ Por memória quero dizer capacidade humana de se situar temporalmente, de proteger do esquecimento e perda total experiências do passado, processo mantido pelo lembrar e narrar. É pela memória que nos situamos no tempo e espaço.

⁵⁷ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

⁵⁸ CARVALHO, F. Op. cit., p. 7.

⁵⁹ SEIXAS, Jacy Alves de. “Percurso de memória em terras de história: problemáticas atuais”, In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.) **memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p 39.

⁶⁰ Id. *ibid.*, p. 37-58.

⁶¹ “O substantivo feminino moneta também era o nome que os romanos davam à Mnemosine (memória, musa da reminiscência, e mãe das musas). Esta vem do verbo monēō (advertir, avisar, lembrar, instruir, predizer, ensinar, punir, castigar). A raiz de monēō é men-, que leva a memini (lembrar-se, ter em vista). Mens, que também se origina de men-, pode significar mente, coração, alma. Mens era a deusa romana do pensamento.” SILVA, Verônica Guimarães Brandão da. **Estética da Monstruosidade**: o imaginário e a teratogonia contemporânea. Brasília: 2013. 195p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – UNB, p 29, nota 23. Essa deusa correspondia à divindade grega da poesia épica.

e que, por sua vez, contém a semente da narrativa. Esta, por sua duração breve e seu caráter difuso, múltiplo, é regida pela memória.⁶²

Benjamin chamou a historiografia de registro escrito da reminiscência. De forma semelhante, os relatos de viagem contêm em si vestígios dos relatos épicos dos povos da Antiguidade, tanto na origem da lenda quanto na forma de narrar. Muitos bestiários medievais eram cópias de textos mais antigos, sendo que “Naturalis historia” de Gaius Plinius Secundus (23-79 d.C.) e o “Physiologus” grego (séculos III - V d.C.)⁶³ eram os textos mais recorrentemente citados nos bestiários medievais que, muitas vezes, apresentavam traduções literais dos originais. Deste modo, ainda que de forma reminescente a poesia épica ainda estava presente nos relatos e descrições de monstros, assim como na narrativa.

Portanto, consideramos os relatos de encontros com monstros e suas descrições nos bestiários como formas de narrativa, o que torna seu estudo essencial para trabalhar com essas fontes. O tratamento que Walter Benjamin deu a esta arte, sua explicação pormenorizada, permite extrair elementos de análise bastante úteis para se pesquisar a perpetuação de tais relatos, bem como sua construção literária.

Em se tratando de tipos de fontes históricas sobre o estudo dos monstros no início do contato europeu com o Novo Mundo, de longe os relatos de viagem são aqueles que se mostram mais propícios a essa finalidade. A ligação umbilical entre terras distantes e narrativas maravilhosas fez dos relatos de viagem as fontes privilegiadas para conhecer este aspecto do imaginário da época, já que nessas narrativas a comunicação entre realidade e maravilha, que longe de serem dicotômicas, são dois aspectos do mesmo mundo, é muito mais intensa do que em outros tipos de fonte⁶⁴.

Convém ressaltar que muitos relatos de viagem do século XVI foram preservados e são de fácil acesso ao pesquisador, seja em livros impressos, cujas traduções são abundantes, seja em ambiente virtual, onde é possível acessar a fonte original, muitas vezes disponibilizada em sua primeira impressão e em alguns casos até mesmo o manuscrito⁶⁵. As fontes escritas desse período superam as iconográficas, com exceção dos mapas e plantas, já que os europeus julgavam poder descrever o que queriam com mais precisão através de um texto do que por meio de desenhos.⁶⁶

⁶² BENJAMIN, W. Op. cit., p. 210.

⁶³ MALAXECHEVERRÍA. Op. cit.. Introdução, p. 12 e 13.

⁶⁴ KAPPLER, C. Op. cit., p. 4, 7.

⁶⁵ Muitas das fontes que utilizamos foram retiradas de sites como o da Biblioteca Nacional: <www.bn.br/portal/>

⁶⁶ GREENBLATT, S. Op. cit., p. 187, nota 34.

Apenas os europeus letrados deixaram descrições textuais sobre o contato entre o Velho e Novo Mundo no século XVI. Os iletrados são os personagens da expansão que menos temos contato a partir dos textos do período, sendo a maioria deles soldados, marujos, servidores e artesãos, ou até alguns letrados que não puderam ou não deixaram registradas suas impressões. O acesso à sua visão sobre os fatos é mais restrito, muitas vezes as únicas referências a esses homens são seu nome, profissão, seu número, geralmente associados à quantidade de mortos, e raramente a ação de alguns grupos, como motins de marinheiros, a violência de soldados, a súplica dos que estão a afogar-se, etc.⁶⁷ Suas ideias, interpretações e apropriações dos eventos não nos foram diretamente transmitidas, apesar de poderem ser elucubradas através de um estudo da cultura popular do período, a voz desses indivíduos é mais difícil de ouvir.

Portanto, doravante, quando utilizarmos o termo viajante(s) referir-nos-emos apenas aos europeus letrados que vieram para o Novo Mundo e escreveram sobre essa experiência, já que a opinião dos viajantes iletrados é menos acessível (talvez indiretamente) através dos relatos de viagem. Interessam-nos nesse estudo, sobretudo, os relatos desses letrados, pois não nos propomos a analisar outros tipos de fonte que porventura possam ter sido produzidas por outro agente histórico.

É consenso historiográfico que o processo de letramento ao qual passaram os viajantes ou autores dos relatos de viagem é de suma importância na construção de seus textos, sendo que a base dessas narrativas é a retórica, cujas tópicos, oriundas da tradição literária que se desenvolveu desde a Antiguidade, muitas vezes se repetem nos diversos textos⁶⁸ - como a tópica do “locus amoenus”⁶⁹ – onde forma e conteúdo se misturam. Longe de ignorar a importância atribuída à retórica para o maravilhoso, não analisamos neste trabalho propriamente a formação e constituição do viajante enquanto letrado, pois acreditamos que o discurso do maravilhoso, sobretudo no Novo Mundo, vai além da simples repetição ou atualização de fórmulas literárias já estabelecidas na Antiguidade e que ditam aquilo que deve ou não ser narrado pelo viajante.⁷⁰ É claro que serão buscadas relações entre os textos que tratam sobre monstros na Antiguidade, no Medievo e na expansão ao Novo Mundo, mas não nos debruçamos sobre os clássicos literários (como a *Ilíada*, *Odisséia*, *Eneida*, *Divina*

⁶⁷ GREENBLATT, S. Op. cit., p. 187 e 188.

⁶⁸ HOLANDA, S. Op. cit., p. XX, XXI, 3, 161, 178, 291. GREENBLATT, S. Op. cit., p. 101, 102.

⁶⁹ Expressão que significa “lugar de clima ameno”, sem excessos de temperatura e fenômenos naturais. É muito comum em toda a literatura de viagem e recorrente nas visões paradisíacas. HOLANDA, S. Op. cit..

⁷⁰ Tendo a concordar com Guillermo Guicci: “...a conjunção do testemunho da experiência e do lendário, que frequentemente contamina o próprio texto, obedece a causas mais complexas que a ingenuidade de uma época ou a submissão a uma tradição literária estabelecida.” GIUCCI, G. Op. cit., p. 87.

Comédia, Lusíadas) que por ventura tenham influenciado os relatos de viagem. Nossas fontes são relatos de encontros com monstros, não clássicos literários cristalizadores de tópicos da retórica do maravilhoso. Atentamo-nos àquilo que destoa da forma retórica consagrada, ao conteúdo singular do relato de viagem.

De forma semelhante, mas ainda assim mais presente que os iletrados, o acesso à figura do nativo nos é acessível através da ótica do viajante. Mesmo que muitas vezes o nativo apareça nos relatos de viagem, sua representação e prática eram sempre filtradas pela apropriação do europeu.⁷¹ O viajante no Novo Mundo constituiu-se um intermediário da aparelhagem representacional que carregava consigo e que o impelia ao ultramar, ele era o representante não apenas de Sua Majestade, mas também de sua cultura, da própria cristandade, tanto perante os povos que entrou em contato, mas principalmente perante Deus e a sua própria cultura, já que seus relatos se destinavam aos próprios europeus. A enorme quantidade de representações textuais, sem dúvida possibilitada pela difusão da imprensa e produzida ao longo do primeiro século de expansão⁷² demonstra uma atividade discursiva massiva, gerada por interesses e motivos não necessariamente interligados⁷³.

O viajante que relatou sua viagem o fez porque esperava ser lido por alguém, não sabia, porém, se seria ouvido. Para além de seus próprios objetivos, o viajante enviado ao Novo Mundo estava encarregado de uma série de interesses ligados ao poder daqueles grupos que financiaram a viagem. Uma vez que os relatos de viagem são discursos que também representam interesses de grupos⁷⁴ que, no caso dos viajantes podiam ser as instituições de ensino (letrados), o Estado (Coroa), os grupos financiadores (mercadores, armadores) e até mesmo o grupo literário de gabinete, observamos como os motivos e interesses vinculados a cada viajante e aos grupos que ele representava refletiram na representação do maravilhoso avistado no Novo Mundo.⁷⁵

Os relatos de viagem dependiam de contextos de produção próprios. Antes de tudo era necessário que ocorresse o deslocamento do viajante, ou das testemunhas que seriam a fonte do relato, por um espaço geográfico por certo período. Além da apropriação do visto, vivido e ouvido ao longo da viagem, o viajante deveria transformar sua experiência em narrativa, o

⁷¹ GREENBLATT, S. Op. cit., p. 187, nota 36.

⁷² “Diários, cartas, memorandos, ensaios, questionários, relatos testemunhais, narrativas, inventários, disposições legais, debates teológicos, proclamações reais, relatórios oficiais, bulas papais, decretos, crônicas, registros notariais, volantes, fantasias utópicas, éclogas, romances dramáticos, poemas épicos”. Id. *ibid.*, p. 186. Greenblatt faz uma análise do que ele chama de “intermediários” no capítulo 4.

⁷³ Id. *ibid.*, p. 187, nota 35.

⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2 ed. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 13

⁷⁵ GIUCCI, G. Op. cit., p. 110. Ver também: KAPPLER, C. Op. cit., p. 110

que por sua vez dependia dos esquemas próprios de classificação da realidade do narrador – representações, influências de sua própria cultura e visão de mundo, que davam sentido às suas experiências – além da sua capacidade de rememorar os fatos e impressões ocorridos caso o texto fosse produzido após a viagem. Os interesses pessoais dele e os interesses de grupos que ele representava, as condições e objetivos materiais da viagem, tudo isso eram aspectos que participavam da construção do relato e poderiam determinar se o autor seria lido e prestigiado ou não, mesmo que este não fosse o objetivo do relato.⁷⁶

Os relatos de viagem poderiam se apresentar de formas diferentes. Sua forma mais simples era o próprio manuscrito, muitas vezes escrito durante ou logo após a viagem e que se destinaria a ser um relatório, roteiro ou diário sobre a viagem. Um pouco mais elaborados podiam ser os relatos escritos a médio prazo, geralmente feitos em gabinete após a viagem, na maioria das vezes destinados à prestação de contas à Coroa ou à sociedade letrada a qual pertencia o viajante. A forma mais elaborada era a de livro impresso, redigido a longo prazo, e comumente possuía maior alcance, principalmente com a difusão da imprensa, que reproduziu manuscritos célebres em larga escala, já que os relatos de viagem eram um tipo de literatura de sucesso no período⁷⁷, sobretudo os textos publicados em língua vulgar⁷⁸.

No século XVI já existia uma convenção literária do maravilhoso, à qual os relatos de viagem deveriam se adequar e que direcionava o olhar do viajante para a maravilha. O leitor já possuía expectativas com relação aos relatos de viagem, uma vez que as autoridades da Antiguidade fundaram uma tradição desenvolvida ao longo da Idade Média do remoto Oriente como lugar de maravilhas, representativas do poder de Deus⁷⁹. Portanto, para obter credibilidade, o relato de viagem deveria apresentar elementos maravilhosos, caso contrário entraria em desacordo com a autoridade dos antigos e a própria tradição medieval, que, sobretudo, acoplava a essa representação do maravilhoso uma explicação teológica, na qual cada maravilha era um símbolo de ensinamento divino. Portanto, ainda que buscando a maior objetividade possível do relato, os viajantes aliavam a observação pessoal e a descrição minuciosa do que encontravam com as representações do maravilhoso reproduzidas pela convenção literária.⁸⁰

⁷⁶ CARVALHO, F. Op. cit., p. 13.

⁷⁷ KAPPLER, C. Op. cit., p. 60.

⁷⁸ Id. *ibid.*, p. 59.

⁷⁹ GIUCCI, G. Op. cit., p. 89.

⁸⁰ GIUCCI, G. Op. cit., p. 91.

Outro tipo de literatura que influenciou o viajante a aventurar-se no Novo Mundo foram os romances de cavalaria⁸¹. Essas narrativas possuíam elementos não apenas ligados ao maravilhamento de paisagens distantes e povos diferentes – como as crônicas das cruzadas ou a luta contra os mouros no norte da África – mas também elevavam o personagem da história ao nível de herói, a partir dos feitos gloriosos e perigos superados por ele. Assim, ele se tornava exemplo de honra, coragem, dignidade e cortesia varonil, elementos esses que fizeram essas histórias serem muito populares entre os europeus que se lançaram à expansão ultramarina.⁸²

A historiografia já deixou claro que a contribuição dos portugueses para o aspecto maravilhoso nos relatos de viagens nos textos quinhentistas foi diferente, fruto de uma “atenuação plausível”⁸³. A expansão lusitana possuiu um realismo muito maior do que a castelhana⁸⁴, por exemplo, e esse caráter pouco fantasioso dos autores portugueses tornou seus relatos carentes dos chamados “mitos de conquista”⁸⁵. O maravilhoso português é peculiar, mais presente em seu cotidiano, pautado por um realismo mais forte, que tende a encontrar admiração nas coisas comuns e mais próximas da realidade do que em acontecimentos maravilhosos de terras distantes ou em criaturas monstruosas. Como nosso objetivo é identificar justamente a representação do maravilhoso na América portuguesa, optamos por não analisar fontes primárias de portugueses desse período, uma vez que nosso interesse recaiu justamente em narrativas sobre monstros. Não significa que os relatos de viagem dos portugueses sejam precários na abordagem sobre criaturas monstruosas, mas o maravilhoso português possui características típicas que o torna de certa forma distinto de uma representação do maravilhoso europeu como herdeiro de uma tradição milenar bem mais ampla, que é o que pretendemos avaliar.

Ao invés disso, buscamos analisar aquilo que os viajantes oriundos de regiões diferentes da Europa tinham em comum. As diferenças de representações existentes entre eles, que poderiam ser muito distintas e competitivas no âmbito interno europeu, fossem elas fronteiras regionais ou religiosas, cediam lugar às aproximações culturais ao entrar em contato com o Novo Mundo. As separações entre espanhóis e franceses, católicos e protestantes eram incomparavelmente menores que as disparidades entre europeus e americanos, “civilizados e

⁸¹ HOLANDA, S. Op. cit., p. 36.

⁸² Id. *ibid.*, p. 162.

⁸³ Id. *ibid.*, p. 1, 5, 7, 121, 122, cap. 12.

⁸⁴ GIUCCI, G. Op. cit., p. 19.

⁸⁵ Pobres, mas não estéreis. Holanda, de onde retiro a expressão entre aspas, trabalha melhor os aspectos maravilhosos dos portugueses em seu livro “Visão do Paraíso”, onde dá exemplos de outros mitos de conquista narrados pelos portugueses, como o do “outro Peru” e o de São Tomé no Brasil (ver: HOLANDA, S. Op. cit., Cap. IV e V).

bárbaros” em suas próprias palavras⁸⁶. Frente ao Novo Mundo, as divergências entre europeus eram sobrepujadas pelos elementos culturais que os identificavam, aproximavam e assemelhavam-nos em contraste com o outro.⁸⁷

Por isso, nosso objetivo foi analisar os relatos de encontros com monstros na América portuguesa, não só a partir da cultura Ibérica, mas principalmente como herdeiros de uma cultura europeia que possuía raízes na Antiguidade, perpassou o Medievo – não sem mudanças e apropriações – e encontrou no Novo Mundo condições propícias para se perpetuar. Assim, não nos propomos a analisar a cultura dos países ibéricos, mas sim acompanhar a formação e desenvolvimento do maravilhoso e da representação de monstro desde a Antiguidade até o século XVI no mundo europeu. Para tanto, os principais viajantes cujos relatos utilizamos como fonte histórica foram Américo Vespúcio, André Thevet, Anthony Knivet, Antonio Pigafetta, Hans Staden, Jean de Léry e Paulmier de Gonneville. Estes viajantes foram escolhidos por serem provenientes de partes diversas da Europa e devido a suas viagens se realizarem no século XVI, momento inicial de contato com o Novo Mundo, e aos seus relatos apresentarem descrições de encontros com criaturas maravilhosas – monstros.

Com relação ao Período Medieval, pretendemos utilizar autores que se mostraram mais influentes no posterior período das Grandes Navegações, como Marco Polo e o cavaleiro John Mandeville, cujos “Livros das maravilhas” relataram suas viagens ao Oriente, e que foram grandes perpetuadores da tradição do maravilhoso nos relatos de viagem em fins da Idade Média, sendo seus textos amplamente divulgados no século XVI⁸⁸. Existem outros autores importantes durante o período medieval, como Brandão, Isidoro e Agostinho, que temos acesso através de análises de outros historiadores, mas não analisaremos profundamente estes textos, utilizando apenas as partes concernentes à tradição do maravilhoso, já que os relatos de Marco Polo e Mandeville conseguem representar de forma consistente a representação do maravilhoso medieval nos relatos de viagem. De forma semelhante, os autores da Antiguidade, como Plínio, Megástenes e Solino, foram lidos a partir da historiografia sobre o período.

Ainda que não sejam relatos de viagem, os Bestiários Medievais são fontes riquíssimas para a compreensão da noção de monstro desse período. Neles podemos conhecer a descrição, localização, classificação e significação de cada criatura considerada maravilhosa e/ou

⁸⁶GREENBLATT, S. Op. cit., p 25, 27.

⁸⁷Greenblatt usa a expressão “capital mimético” para se referir à afinidade cultural dos europeus, que segundo ele a própria imprensa passou a perpetuar e fomentar.

⁸⁸ KAPPLER, C. Op. cit., capítulo II.

monstruosa, possibilitando alcançar as primeiras referências literárias sobre essas criaturas. Nos bestiários, a descrição das criaturas estava relacionada com algum aspecto da visão de mundo cristã do período. Assim, em sua maioria, os seres descritos nos bestiários representavam um vício ou pecado, ou então uma virtude, um aspecto de Deus. Nosso acesso aos bestiários se deu através da obra de Ignácio Malaxecheverría⁸⁹, que fez uma compilação de diversos bestiários medievais e organizou numa edição espanhola que utilizamos ao longo do texto.

No primeiro capítulo, “A bagagem dos navegadores”, fizemos um estudo sobre os monstros desde o período da Antiguidade, utilizando trabalhos historiográficos sobre esse período. O objetivo foi reconhecer os principais autores que tratam sobre o tema, sobretudo aqueles cuja obra influenciou os períodos posteriores, e observar o quê era descrito acerca dos monstros, sua importância para a representação da época e as possíveis ligações com o período da expansão ultramarina europeia. Com relação ao Período Medieval, acompanhamos as permanências e apropriações dos textos da Antiguidade pelos autores cristãos, bem como a inserção dos monstros na ótica cristã. Acompanhamos a formação de uma tradição do maravilhoso que atrelava monstros, tesouros maravilhosos e terras remotas, sobretudo o Oriente. Utilizamos uma coletânea de Bestiários medievais, bem como o relato de viagem de Marco Polo e Mandeville. A base do texto foi o exame de obras historiográficas sobre o período, assim como a análise das fontes.

No segundo capítulo, “Viagem rumo ao Paraíso”, além de esboçar alguns aspectos da cultura europeia no século XVI com base na historiografia do período, dissertamos sobre o mar tenebroso e o medo das viagens marítimas, bem como de monstros marinhos, observando as representações dos navegantes que vieram para o Novo Mundo, utilizando basicamente as fontes que descreveram viagens marítimas e a bibliografia a respeito do tema. A partir disso, remontamos à ideia largamente defendida por historiadores de que o paraíso, bem como muitas das maravilhas que se encontrariam no Oriente para os homens dos períodos anteriores, passaram a ser situadas nas terras recém descobertas, opinião amplamente difundida por diversos viajantes de regiões diferentes, o que reforça que essa representação não é somente ibérica, mas europeia. Descrevemos também as fontes utilizadas na pesquisa, analisando cada autor e seu relato de viagem. Aqui a bibliografia é bastante específica, as obras de Sérgio B. de Holanda, S. Greenblatt, Guillermo Giucci e Delumeau foram a base do capítulo, além de sua confrontação com os relatos de viagens.

⁸⁹ MALAXEVERRÍA, I. Op. cit.. São cerca de 33 bestiários, entre eles partes da “História Natural” de Plínio Velho, o “Physiologus” grego, o “Livro do tesouro” de Brunetto Latini e o “Romance da rosa”.

No terceiro e último capítulo, “Guardiões do Éden”, analisamos mais profundamente os relatos de encontro com monstros na América Portuguesa, demonstramos a ligação entre maravilha, monstros, paraíso e heroísmo, buscando compreender as razões da inserção de relatos de encontros com monstros nas narrativas de viagens dos europeus, acompanhando as apropriações dos autores antigos e mudanças na representação do monstro a partir dos relatos de viagem. Percebemos que no século XVI a tradição formada na Idade Média acabou por chocar-se com a experiência dos viajantes, o que causou mudanças na representação do europeu sobre o maravilhoso, incluindo na classificação daquilo que é considerado como monstruoso. Além dessa mudança representacional entre os homens quinhentistas e seus antecessores, ao longo do próprio século XVI percebemos mudanças na forma de representar e descrever as maravilhas do Novo Mundo, à medida que o contato com o mesmo crescia. A relação entre maravilha, tradição e experiência no Novo Mundo causou mudanças significativas na representação do maravilhoso desse período, e essas modificações também foram trabalhadas nesse último capítulo. Contudo, o assunto principal foi analisar a representação do viajante acerca dos monstros descritos nos relatos, o fato destas criaturas estarem sempre atreladas aos arredores do Éden, dificultando o acesso ao mesmo, como se fossem seus guardiões.

Foi a partir dessas considerações que essa pesquisa se construiu. O monstro, aspecto do maravilhoso muito presente nas narrativas – relatos – de viagem é parte importante dos esquemas de representação de mundo dos europeus do século XVI. Ao longo do texto, esses conceitos facilitaram a análise das fontes e nortearam a busca pela compreensão do lugar do monstro na expansão ao Novo Mundo.

CAPÍTULO 1: A BAGAGEM DOS NAVEGANTES:

Teratologia na Antiguidade e Idade Média

1.1 Monstros na Antiguidade.

É uma tarefa arriscada conceituar “monstro”, pois não há consenso etimológico sobre a exata origem da palavra⁹⁰. Entre as raízes do termo monstro no Ocidente temos o vocábulo grego *Terato* (monstro, daí teratologia) e o adjetivo latino *monstrum*⁹¹ que significaria notável, distinto, insigne, que por sua vez deriva de *monēō*, lembrar, advertir, aconselhar, instruir, ensinar, anunciar, profetizar e também de *mōnstrō*, que significa mostrar, designar, indicar⁹². *Monstrum* como substantivo latino, por outro lado, possui conotação religiosa e designa prodígio ou portentoso que revela a vontade do(s) deus(es). De qualquer forma, desde a Antiguidade a palavra monstro está umbilicalmente relacionada àquilo que se destaca pela diferença e que tem algo a mostrar, possivelmente ligado ao sagrado, sendo um sinal divino⁹³.

A mitologia greco-romana é repleta de seres monstruosos: dos gigantes e ciclopes às górgonas e harpias, essas criaturas estavam vinculadas à história divina (teogonia) e à formação do universo. Ora adversários, ora aliados dos deuses e heróis, seres monstruosos faziam parte do cosmos e povoavam também as obras do Período Antigo⁹⁴. A poesia homérica, por exemplo, preencheu as terras distantes da Grécia com seres maravilhosos como hidras e ciclopes⁹⁵. No Ocidente, portanto, desde o princípio os monstros estavam relacionados com o sagrado e com a própria estrutura do universo.

Não analisaremos os mitos de criação, tampouco a poesia épica antiga, pois nosso interesse recai sobre os monstros nos relatos de viagens. Longe de fazer uma lista exaustiva e completa do todos os viajantes e autores antigos que escreveram relatos de encontros com monstros, apresentaremos alguns que, por seu pioneirismo ou pela sobrevivência de seus registros, influenciaram a representação de monstro e maravilha ao longo da Idade Média.

Dentre os textos teratológicos da Antiguidade mais importantes que posteriormente embasaram a representação medieval sobre os monstros, uma vez que os escritores clássicos

⁹⁰ Kappler dedica um capítulo inteiro para tratar a noção de monstruosidade na Antiguidade e Idade Média e não encontra conclusão diferente sobre o tema. KAPPLER, C. Op. cit., cap. VI.

⁹¹ Os termos latinos e suas definições foram retirados do dicionário latino: FARIA, E. Op. cit..

⁹² Para José Gil monstro possui origem no verbo *monstrare* que significa mostrar, relacionado ao olhar. GIL, J. Op. cit., p. 73. Para Émile Beneviste, a etimologia de monstro tem a ver com *monēō*, advertir. Apud: SILVA, V. Op. cit..

⁹³ KAPPLER, C. Op. cit., p. 335.

⁹⁴ SILVA, V. Op. cit..

⁹⁵ GIUCCI, G. Op. cit., p. 24-5.

constituíram-se auctōritātis⁹⁶ fundadores de uma tradição que perpassou a Idade Média e ainda gerava frutos na expansão ultramarina do século XVI, podemos citar aqueles escritos por Ctésias de Cnido, Heródoto, Megástenes, Aristóteles e Julio Solino.

A maravilha e os monstros estavam associados aos lugares recônditos nos relatos de viagem, sobretudo ao Oriente, considerado como fim do mundo, desde a obra de Ctésias de Cnido (segunda metade do século IV a.C.). Médico, feito prisioneiro do imperador persa Ataxerxes II, em sua obra “Histórias do Oriente”, Ctésias situava a Índia nos confins da Terra, onde se localizariam muitas das criaturas e raças monstruosas referidas desde os tempos homéricos. Outro autor que também localizou nas regiões distantes e admitiu serem verdadeiras essas criaturas monstruosas foi Heródoto (484-425 a.C.), que fez um inventário das riquezas das civilizações vizinhas aos gregos. Além disso, colocou limites na divergência entre ele, representante dos gregos, e os povos monstruosos, que seriam diferentes apenas em grau, mas não em essência⁹⁷, noção que foi posteriormente trabalhada e aprofundada por Aristóteles.

Para Aristóteles (384-322 a.C.), o monstro não era um ser contrário à natureza, mas sim ao que é comum. No livro sobre a “Geração dos animais”, o autor explicou que na formação do indivíduo a forma – princípio masculino – age sobre a matéria – feminino – de maneira que o ideal seria a reprodução idêntica da forma na matéria, ou seja, um filho igual ao pai. Quanto mais distante ou diferente da forma for o filho, maior a imperfeição. O monstro seria o caso extremo dessa distância entre a forma e o resultado da ação dela na matéria. Essa noção de monstro é muito ampla, uma vez que qualquer filho diferente do pai (uma menina, por exemplo) já pode ser encarado como um desvio da norma e, possivelmente, um monstro. Entretanto, Aristóteles não considerava o monstro um erro da natureza, mas simplesmente um ser que contraria a generalidade dos casos, um exemplo máximo de diferença da forma original, por ser ainda dentro dos limites. Como veremos adiante, nesse ponto os autores medievais, como Agostinho e Isidoro eram concordantes, pois também não viam o monstro como um erro da natureza ou de Deus, tampouco como motivo para questionar a ordem do universo.⁹⁸

Os romances de Alexandre Magno (356-323 a.C.) foram outra fonte antiga de motivos teratológicos e temas de maravilha que influenciaram os homens do Medievo⁹⁹. Sua odisséia pela Ásia, relatada por Megástenes (350-290 a.C.), estava repleta de encontros com povos

⁹⁶ Autoridade, exemplo, opinião dominante, respeito, prestígio. FARIA, E. Op. cit.

⁹⁷ GIUCCI, G. Op. cit., p. 67-9

⁹⁸ KAPPLER, C. Op. cit., p. 292-5.

⁹⁹ HOLANDA, S. Op. cit., p. 36

monstruosos e regiões maravilhosas, como o reino das Amazonas. Megástenes, um geógrafo grego que nasceu na Ásia Menor, foi enviado como embaixador ao rei da Índia, Chandragupta, após o fim das campanhas de Alexandre, e escreveu “Índica”, para se referir ao seu testemunho ocular das maravilhas encontradas naquele país.

A narrativa de Megástenes sobreviveu graças a Plínio o Velho (Gaius Plinius Secundus, 23-79 d. C.). Nascido em Como, Plínio foi oficial da cavalaria na Germânia e procurador de finanças na Espanha. Escreveu cerca de 37 volumes, e cita inúmeros outros autores latinos, gregos e orientais. Sua obra “Naturalis Historia” era praticamente uma enciclopédia de todo o conhecimento que havia naquele período, reunindo, dentre inúmeros outros assuntos, muito do que se sabia a respeito de monstros durante a Antiguidade. Essa obra influenciaria, juntamente com o *Physiólogo Grego*¹⁰⁰, a produção cultural posterior acerca de criaturas maravilhosas, servindo como base para a confecção de bestiários medievais e o pensamento de grandes doutores da Igreja, como Agostinho e Isidoro de Sevilha. A descrição do Basilisco, por exemplo, foi apropriada posteriormente por diversos autores medievais, mantendo esse monstro nos bestiários até o fim da Idade Média e inclusive chegando aos relatos de viagem do século XVI, nos quais essa criatura ainda se fez presente:

A serpente basilisco é gerada pela província da Cirenaica, não tem mais que doze dedos de comprimento e pode ser reconhecida por uma mancha branca na cabeça, como um diadema. Com o seu silvo, afugenta todas as serpentes e não move o corpo como as outras através de uma série de volutas, mas avança alta e ereta sobre a metade do corpo. Seca os arbustos não só ao tocá-los, mas seu bafo queima a relva e despedaça as pedras: tal é a potência desse perigoso animal (...). E para semelhante monstro é mortal o veneno das doninhas: assim a natureza determinou que nada fosse destituído de um igual.¹⁰¹

O maravilhoso na Antiguidade possuía um lugar privilegiado – mas não exclusivo – para existir: o Oriente¹⁰². Nessa terra encontrar-se-iam riquezas em metais e pedras preciosas, bem como povos e criaturas monstruosas¹⁰³. Uma das obras mais importantes para a fixação da ideia do Oriente como espaço de maravilhas foi a “*Collectanea rerum memorabilium*”, de Julio Solino (séculos III-IV), texto no qual Solino selecionou e copiou variadas fontes da Antiguidade e que transmitiu ao Medievo a tradição de associar aos confins da Terra monstros

¹⁰⁰Obra provavelmente finalizada entre os séculos III a V d.C., apresentou muitas versões e traduções ao longo da Idade Média. Foi um dos textos base para a confecção de diversos bestiários. MALAXECHEVERRÍA. Op. cit., p. XIII.

¹⁰¹Plínio, *História Natural*, 33. Apud: ECO, Humberto. **História da feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

¹⁰²Juan Gil acrescenta que, além do Oriente, a Etiópia e o pólo norte também são territórios encarados como o “final do mundo” onde se encontrariam monstros e raças fabulosas. GIL, J. Op. cit., p. 266-288.

¹⁰³GIUCCI, G. Op. cit., p. 13

e riquezas¹⁰⁴. Essas noções herdadas da Antiguidade influenciaram a Idade Média de tal forma que pouca coisa divergiu da tradição das *auctōritātis*, e mesmo no plano religioso e teológico, com o advento do cristianismo, a tradição antiga foi apropriada à cosmovisão cristã por outras autoridades medievais. Assim, até o século XV pouca coisa que fosse divergente da tradição surgiu nesse campo¹⁰⁵. O maravilhoso cristão formou-se na Idade Média através dessa herança do maravilhoso antigo, perante o qual o cristianismo não pôde deixar de se posicionar, de se apropriar.¹⁰⁶

1.2 Maravilha, monstro e cristianismo no Medievo.

Uma das representações mais importantes apropriadas pelo cristianismo refere-se à ideia de paraíso. Segundo o livro do Gênesis, o paraíso, o Jardim do Éden, no qual surgiram o primeiro homem e a primeira mulher, encontrava-se propriamente neste mundo material. Estaria situado nas “bandas do Oriente” cujas terras são banhadas pelos quatro rios que nascem do rio primordial do paraíso. Esses rios, sendo dois deles o Tigre e o Eufrates¹⁰⁷, conforme ensina a Sagrada Escritura, tornariam até mesmo localizável o paradisíaco jardim, se Deus não tivesse colocado como guardião um querubim com uma espada flamejante guardando todos os lados do Éden¹⁰⁸, impedindo que o homem o pudesse adentrar. Além disso, “esse Paraíso está completamente rodeado por uma muralha (...) e só tem uma entrada, que é de fogo ardente, de modo que nenhum mortal possa transpassá-la”.¹⁰⁹

Na descrição bíblica, o paraíso é uma terra de bem-aventurança, isenta de pecado e do próprio conhecimento da maldade, da morte, da dor, do sofrimento e da fadiga. As criaturas de Deus e a natureza serviriam ao homem, se este não tivesse desobedecido às ordens divinas. A expulsão do homem do paraíso foi acompanhada de diversos castigos, relativos a cada um dos envolvidos, o homem, a mulher e a serpente, e tinha também o objetivo de evitar que o fruto da árvore da vida fosse provado, o que eternizaria a vida humana. Por isso, apesar do homem ter perdido sua inocência e pureza com o pecado original, o que já era suficiente para retirar muitas de suas dádivas sobre a criação divina, entre elas o controle da natureza, ausência de dor e morte, era preciso que ele e sua descendência jamais voltassem a ter acesso

¹⁰⁴ GIUCCI, G. Op. cit., p. 70.

¹⁰⁵ KAPPLER, C. Op. cit., p. 300.

¹⁰⁶ LE GOFF, Jaques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 21.

¹⁰⁷ Acreditava-se que os outros dois, cujos nomes bíblicos eram Giom e Pisom, corresponderiam ao Nilo e ao Ganges, respectivamente. FRANCA, S. Op. cit., p. 249. Posteriormente, até mesmo o rio Amazonas foi considerado como um dos quatro afluentes do rio edênico, como veremos adiante.

¹⁰⁸ Gênesis, 2: 8-25; 3: 1-24.

¹⁰⁹ FRANCA, S. Op. cit., p. 249

à árvore que poderia torná-los imortais. O paraíso estava, assim, fechado e inacessível aos homens.

Ao longo do tempo, esse quadro inicial foi ampliado para conter também riquezas materiais, desde boa madeira transportada aos reinos orientais pelos rios do paraíso¹¹⁰ até pedras preciosas e criaturas maravilhosas. Ora, é de se supor que no paraíso encontrar-se-ia tudo o que de melhor existe na Terra, não podendo haver lugar mais maravilhoso do que seu jardim, que contém apenas seres e coisas elevadas, nada ligado ao pecado e à corrupção. Assim, aos poucos elementos novos se somaram ao inventário edênico, oriundos tanto de outras partes das sagradas escrituras, como o Apocalipse e o Êxodo para a Terra Prometida, quanto de narrativas e crenças pagãs, até que se forme a representação medieval de paraíso.¹¹¹

A realidade física terrena do Éden era plenamente aceita durante a Idade Média¹¹², até porque defender o contrário seria contrariar as Escrituras e a existência de relatos das autoridades antigas pagãs sobre lugares semelhantes só contribuía para confirmar essa crença¹¹³. Livros devocionais, tratados teológicos, relatos de viagens, obras de cosmografia e até mapas respaldavam a existência do paraíso em regiões do Oriente¹¹⁴. E sua localização precisa nunca deixou de ser buscada, sendo que existem casos de viajantes, como Mandeville e Brandão, que por vezes relatavam terem vislumbrado as muralhas do paraíso, ou indicado onde o mesmo estava situado.

A existência física do paraíso também levantava questionamentos teológicos importantes. Teria sido ele submerso pelo dilúvio? Pela sua natureza imaculada, o Éden deveria ter sido preservado do castigo das águas. Assim, acreditava-se que o paraíso estaria num local alto o suficiente para ser imune às águas diluvianas: “(...) acha-se no ponto mais alto da terra, tão alto que quase roça o círculo da Lua e tão alto que o dilúvio de Noé não pôde chegar até ali, tendo coberto toda a terra do mundo, a parte de baixo e a de cima, exceto o Paraíso”¹¹⁵, o que levaria Colombo a afirmar posteriormente que a terra possui formato de pês-loa ou de seio de mulher (estando o Éden no que seria o mamilo)¹¹⁶. Além disso, a espada flamejante do anjo querubim foi muitas vezes considerada como uma muralha de fogo rondando o paraíso.¹¹⁷ Assim, encontrar o paraíso rumo ao Oriente significava enfrentar

¹¹⁰ Como o “lignum aloes”, madeira de aloé. FRANCA, S. Op. cit., p. 208.

¹¹¹ HOLANDA, S. Op. cit., p. X, 19, 185, 203.

¹¹² Id. *ibid.*, p.183.

¹¹³ Id. *ibid.*, p.187.

¹¹⁴ Id. *ibid.*, p.183.

¹¹⁵ FRANCA, S. Op. cit., p. 249

¹¹⁶ HOLANDA, S. Op. cit., p.197

¹¹⁷ KAPPLER, C. Op. cit., p. 34. Ver também: HOLANDA, S. Op. cit., p. 196

empecilhos, por vezes intransponíveis, mas insuficientes para impedir a atração e o desejo dos homens.

A Idade Média possuía uma cosmologia de certa forma homogênea, com poucas transformações ao longo dos séculos¹¹⁸. Nela o universo se estruturava segundo uma escala de valores, cada elemento constituinte do universo tinha um lugar determinado e uma simbologia que servia tanto para explicar a sua posição enquanto parte do todo quanto para elucidar o próprio todo. O elemento, o objeto ou o lugar, material ou espiritual, possuía ligação com o restante da criação, e através de cada elemento se poderia conhecer um pouco mais sobre os aspectos da criação, daí ser impossível separá-lo de sua relação com toda a “Ordem da Criação Divina”. O macro cosmo está contido no micro cosmo e este só se justifica enquanto integrante daquele.¹¹⁹

É como se cada parte fosse uma janela para vislumbrar todo o universo, cada reino – mineral, vegetal, animal, humano e angelical – possuísse o poder de ensinar, demonstrar a organização universal¹²⁰. Hierarquicamente, o reino animal e o humano eram mais elevados e possuíam mais ensinamentos a passar sobre a criação divina, ao mesmo tempo em que sua riqueza e complexidade os tornavam mais difíceis de decifrar. Nessa categorização, os maiores enigmas, aqueles que são mais difíceis de compreender pela sua aparente desordem, contradição e subversão dos elementos naturais eram os monstros, seres que uma vez compreendidos tinham muito mais a *demonstrar* sobre a Criação Divina do que qualquer outro elemento constituinte do universo. Eram seres cuja localização na geografia universal era de difícil compreensão, mas nem por isso significavam desordem ou imperfeição, e sim poder e riqueza da Divina Providência ao gerar “enigmas vivos”.¹²¹

A relação entre criatura e o lugar dela no universo era muito forte, sendo que este lugar poderia explicar a própria existência do ser. Daí que se julgava que o próprio lugar poderia originar seres específicos, que só poderiam surgir ali e não alhures. A terra, por exemplo, poderia conceber criaturas, uma vez que o próprio Deus assim ordenou: “Produza a terra seres viventes segundo suas espécies”¹²², o que levou S. Agostinho a afirmar que as rãs nascem da terra¹²³. Mais do que influências climáticas, o que importa é o lugar ocupado na hierarquia

¹¹⁸KAPPLER, C. Op. cit., p. 13

¹¹⁹ Id. *ibid.*, p. 14

¹²⁰ HOLANDA, S. Op. cit., p. 241.

¹²¹ KAPPLER, C. Op. cit., p. 15-16.

¹²² Gênesis, 1:24.

¹²³ AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 2 ed. Trad. e notas J. Dias Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian. Livro XVI, capítulo VII.

universal e as noções de alto e baixo são então importantes para compreender a função e existência de cada criatura, sobretudo as monstruosas.

O universo medieval é circular. A Terra ficaria no centro do universo: “Nosso Senhor fez a terra completamente redonda, situando-a no centro do firmamento”¹²⁴, sendo rodeada por círculos de elementos (água, ar, fogo) e pelas esferas celestes onde se encontrariam os astros e o céu empírico. O Inferno geralmente era situado no interior da Terra, no ponto mais distante da esfera mais externa, aquela que é considerada a mais perfeita, a morada de Deus, dos anjos e dos bem aventurados. A Terra, seja ela circular, esférica ou quadrada¹²⁵, estava assim incluída num sistema hierárquico de valor que vai do baixo ao mais alto das esferas celestes.¹²⁶ O universo é um corpo, um organismo onde as noções de alto e baixo possuem correlação com todo o restante da Criação. O homem está a meio caminho do inferno e do céu, rodeado pelos quatro elementos e no centro dos círculos componentes do universo.¹²⁷

A ligação entre as diferentes partes do cosmo era tão grande que nesse período havia a crença de que as pedras preciosas, além de possuírem diferenças de gênero e maturidade, nasciam e se alimentavam do orvalho do céu: “da mesma forma que a pérola toma forma e é emprenhada do rocío do céu, assim ocorre com o verdadeiro diamante”¹²⁸, ou seja, mesmo as pedras que se encontravam no seio da terra ou as pérolas do fundo do mar nutriam-se do alimento proveniente das esferas celestes.

Não apenas na cultura oficial da Igreja o universo era visto como um corpo, mas também na cultura popular. Até o século IX a cultura oficial religiosa ainda não se encontrava plenamente formada, já a cultura popular era muito forte, tanto que a própria Igreja fazia coincidir as festas cristãs com as festas pagãs locais, apropriando elementos provenientes de tradições pagãs. Se na cultura oficial as noções hierárquicas de alto e baixo e a representação do universo como um corpo são fundamentais, também na cultura popular isso ocorre, embora de maneira diferente, com a abolição de hierarquias.

¹²⁴ FRANCA, S. Op. cit., p. 248.

¹²⁵ A esfericidade da Terra já foi defendida durante a Idade Média, o que é muito explícito em Mandeville, que chega a essa conclusão a partir da astronomia, pois repara que as estrelas visíveis no firmamento não são as mesmas em todos os lugares, e que duas estrelas (a Polar e a Antártica) “não se movem e, ao redor delas, gira todo o firmamento, assim como uma roda gira por seu eixo”, “de tudo isso se pode deduzir que a terra e o mar são redondos” Id. *ibid.*, p. 170. Mas ainda que seja considerada circular, a Terra era inserida num quadrado para estar em acordo com as Escrituras, que afirmam que os anjos virão dos quatro cantos da terra para anunciar o apocalipse (Mateus, 24: 31). KAPPLER, C. Op. cit., p. 21.

¹²⁶ BAKHTIN, M. Op. cit.

¹²⁷ KAPPLER, C. Op. cit., p. 24.

¹²⁸ FRANCA, S. Op. cit., p. 155.

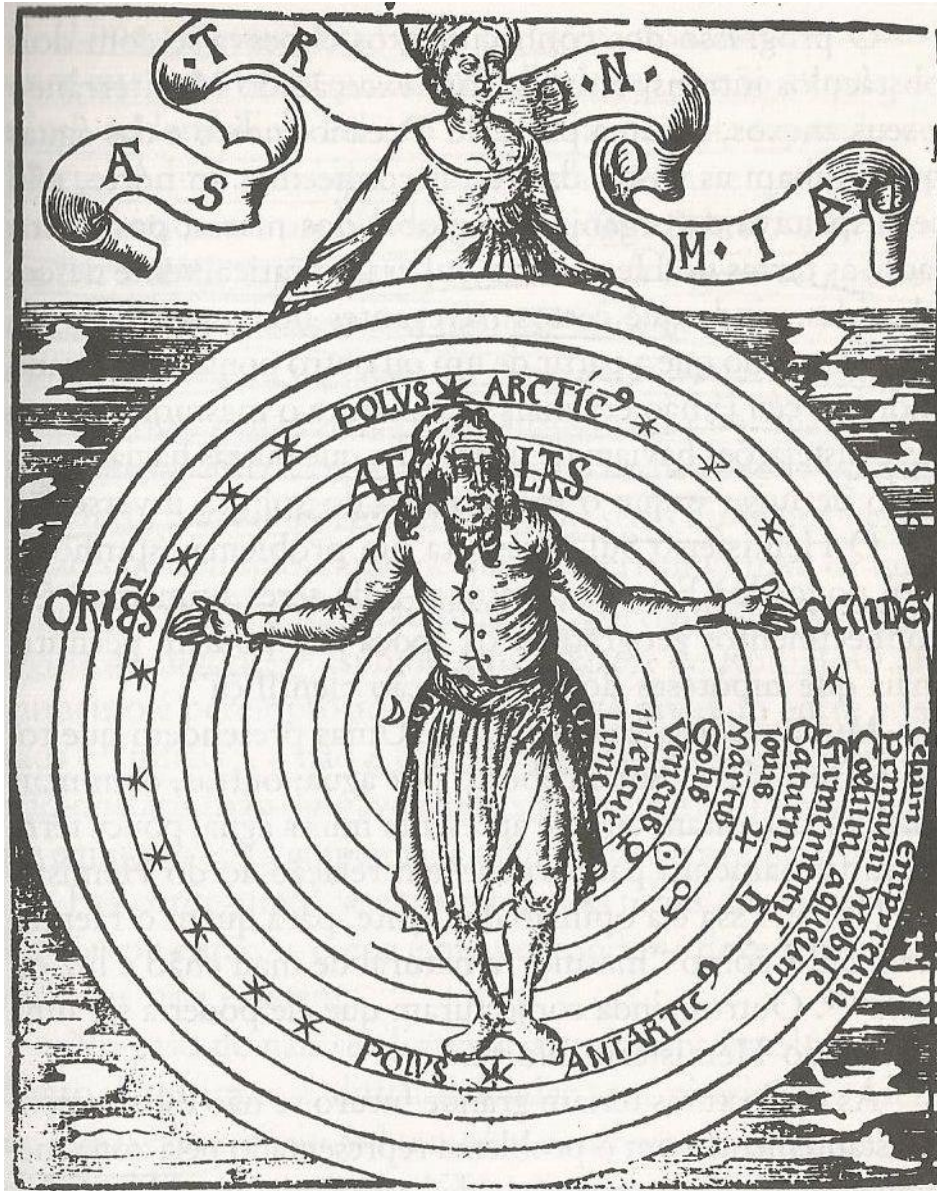


Figura 1: Astronomia. Gregorius Reisch, *Margarita Philosophica*, Estrasburgo, J. Schott, 1504, p. S 2 verso. Clichê da Biblioteca Nacional de Paris.

KAPPLER, C. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média.** São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 27.

O carnaval e as festas populares na Idade Média também eram perpassados pela visão dual do mundo, a cultura cômica popular medieval era uma espécie de panacéia da ordem vigente, mas investida de uma significação onde as hierarquias eram desconsideradas, o baixo material e corporal era supervalorizado, e o aspecto de renovação universal, de morte e renascimento, era representado de forma positiva, criadora, harmônica¹²⁹. Por meio da obra de

¹²⁹BAKHTIN, M. Op. cit., introdução.

François Rabelais, por exemplo, é possível compreender a cultura cômica popular e constatar a função primordial das noções de corpo e baixo material, estas inseparáveis do cosmos e do social. Até nos bestiários é possível detectar criaturas cuja relação entre baixo-ventre, nascimento e morte é exacerbada:

De la comadreja, dijo el Fisiólogo que tiene la propiedad siguiente: concibe a través de la boca y, una vez preñada, pare por las orejas. Hay algunos que comen el pan espiritual en la Iglesia: pero cuando se alejan de ella, arrojan la palabra divina fuera de sus oídos, como la comadreja impura, y se vuelven como el áspid sordo, que se tapa las orejas.¹³⁰

El Fisiólogo ha dicho de la víbora que el macho tiene rostro de hombre, y la hembra rostro de mujer; hasta el ombligo tienen forma humana, pero la cola es de cocodrilo. La hembra no tiene vagina en el vientre, sino solamente una especie de ojo de aguja. Así pues, cuando el macho cubre a la hembra, eyacula en su boca, y cuando ella ha tragado el semen, corta los órganos genitales del macho, y éste muere al instante. Cuando crecen, los hijos devoran el vientre de la madre, y de tal manera salen a la luz: las víboras son, por lo tanto, parricidas y matricidas.¹³¹

O alto e baixo corporal possuem equivalência com a estrutura do universo, o alto é a cabeça, o céu, tudo o que é sublime e elevado, o baixo é representado pelo ventre, barriga, os órgãos genitais, o ânus e os seios, que por sua vez está ligado à terra, ao material, àquilo que é podre e morto mas também ao renascimento, uma vez que o baixo possui uma ambivalência traduzida nas noções de morte e decomposição e ao mesmo tempo de nascimento¹³². Na cultura popular medieval, o corpo estava ligado e misturado ao cosmo, representando o universo material e corporal.

A ligação física entre o mundo material e o universo espiritual é também perceptível quando observamos que a terra possuía caminhos tanto para o inferno quanto ao paraíso. Os vulcões, por exemplo, eram portas para o inferno¹³³, havia rios que saíam do paraíso¹³⁴ e também outros que levavam ao inferno (Aqueronte), existiam buracos abertos na terra que não possuem fundo¹³⁵, os desertos costumavam ser povoados por espíritos malignos¹³⁶ enquanto alguns montes possuíam caráter sagrado¹³⁷. Tudo isso atesta a crença na ligação cósmica entre material, corporal e espiritual, entre o lugar e seu valor na hierarquia universal.

¹³⁰MALAXECHEVERRÍA. Op. cit., p. 164.

¹³¹Id. *ibid.*, p. 168.

¹³²BAKHTIN, M. Op. cit., p. 19.

¹³³“e diz-se que são entradas para o inferno” FRANCA, S. Op. cit., p. 76. O chamado “Vale perigoso” ou “dos demônios” também é outro exemplo de entrada do inferno em Mandeville. *Id. ibid.*, p. 235

¹³⁴“esse rio nasce do paraíso terrestre e flui pelos desertos da Índia” *Id. ibid.*, p. 68.

¹³⁵“E há ali muitas passagens perigosas e sem fundo” FRANCA, S. Op. cit., p. 55.

¹³⁶KAPPLER, C. Op. cit., p. 41

¹³⁷FRANCA, S. Op. cit., p. 146.

Agostinho (354 - 430), uma das maiores autoridades que influenciaram o Medievo e que fez uma apropriação, pela ótica cristã, do pensamento pagão antigo, debruçou-se sobre o problema da existência dos monstros. Como foi levado a esse problema por uma questão teológica, o único tipo de monstruosidade que tratou em sua obra “Cidade de Deus”¹³⁸ foi o das raças ou povos monstruosos, uma vez que se questiona se esses monstros humanos seriam descendentes de Adão e Noé. Possuiriam alma? Seriam também filhos de Deus? Mas se os homens foram feitos à Sua imagem e semelhança, como existiriam homens monstruosos? Tais dúvidas poderiam levar o bom cristão a questionar a veracidade do relato bíblico, daí a necessidade de esclarecer a revelação da Sagrada Escritura frente aos abundantes relatos sobre a existência destes povos.

Para responder a estas questões, Agostinho parte da teologia e da própria cosmovisão cristã, pois não considera jamais que possa existir na natureza algo que demonstre um erro do Criador, já que a obra divina é perfeita. Devemos buscar entender o monstro, segundo Agostinho, como um aspecto do todo universal, um elemento constituinte da diversidade e que também contribui para a beleza da Ordem da Criação. O pensamento de Agostinho não diverge tanto do de Aristóteles, que não considera o monstro como um erro da natureza, pois ela nada faz de engano.

O homem monstruoso podia ser diferente do homem comum, mas ainda assim compartilhava uma mesma essência. A dessemelhança poderia ser grande mas não o suficiente para que esses monstros saíssem da categoria humana e, por conseguinte, não fossem provenientes também eles do primeiro homem. Da mesma forma que entre os homens comuns aconteciam nascimentos monstruosos, os monstros não deixavam de possuir equivalentes no universo. Se dentre os homens comuns existiam indivíduos excepcionais considerados monstruosos, da mesma forma existiam povos excepcionais, considerando o gênero humano como um todo. Dentro de um povo monstruoso, aqueles homens monstruosos existentes entre os europeus deixariam de ser um absurdo.

Relação entre o micro e macro, o indivíduo e o universo, a exceção inexplicável e a beleza dos contrastes da Criação. É a partir dessas noções comparativas de semelhança que Agostinho integra os povos monstruosos no reino humano.¹³⁹

Pergunta-se, além disso, se é crível que dos filhos de Noé, ou melhor, de Adão, de quem esses também procedem, se hajam propagado certas raças de homens monstruosos de que a história dos povos dá fé. (...) Deus, criador de todas as coisas,

¹³⁸ AGOSTINHO. Op. cit., livro XVI, capítulo VIII.

¹³⁹ KAPPLER, C. Op. cit., p. 295-8.

conhece onde, quando e o que é ou foi oportuno criar e, ademais, conhece a beleza do universo e a semelhança ou diversidade das partes que a compõem. A quem é incapaz de contemplar o conjunto choca certa desproporção em determinada parte, por ignorar a parte a que se adapta e a que diz relação. Sabemos nascerem homens com mais de cinco dedos nas mãos e nos pés. Trata-se, por certo, de diferença mais leve que aquela; mas, embora o porquê nos seja desconhecido, Deus nos livre de desatinar ao extremo de pensar haver-se o Criador equivocado no número de dedos do homem (...). Assim, para concluir essa questão com circunspeção e prudência, direi que não passam de pura novela as coisas escritas sobre algumas nações, que, se se trata de realidade, não são homens ou que, se homens, descendem de Adão.¹⁴⁰

Apesar dessa explicação, não encontramos em Agostinho uma definição precisa de monstro, nem parece ser de seu interesse dissertar sobre a monstruosidade nos outros níveis da criação (animal, vegetal, mineral), uma vez que seu maior problema era explicar a procedência edênica ou não de homens monstruosos. Entretanto, ao diferenciar maravilha de milagre, Agostinho realizou uma categorização interessante para a representação cristã medieval de maravilhoso, que de certa forma auxiliou na explicação dada às raças monstruosas.

Segundo Agostinho, as maravilhas da natureza são fenômenos normais, permanentes, cotidianos, que só foram considerados extraordinários devido à ignorância, à distância ou ao desconhecimento. Se na Índia existiam povos e criaturas monstruosas que aos olhos dos europeus contrariam a natureza ou a normalidade, para os indianos essas coisas eram comuns, não constituíam maravilhas, já que a todo momento podiam ser encontradas e localizadas. Da mesma forma, os orientais poderiam considerar maravilhosos alguns aspectos comuns e conhecidos dos europeus, mas raros na Ásia, e graças ao pouco contato com aquilo que era considerado normal, porém incomum em certos lugares, poderia levar o sujeito a considerar esses objetos ou criaturas como maravilhas, o que seria fruto da ignorância dos fenômenos da natureza. O maravilhoso, portanto, não resistiria à força do tempo e do hábito, pois uma vez conhecida a maravilha e mantido o contato constante com ela, perceber-se-ia o quão natural e comum ela era.¹⁴¹

Esse pensamento se reflete na afirmação de Mandeville, que não se espantou com uma maravilha do Oriente, já que ela possuía uma relação correspondente com outro fenômeno comum aos europeus:

Nele (no país) cresce uma espécie de fruto parecido com as cabaças, no qual, quando maduro e partido ao meio, é encontrado um pequeno animal de carne, osso e sangue, parecido a um cordeiro sem lã. Tanto o fruto quanto o animal são comidos. É uma grande maravilha! No entanto, disse-lhes que não me surpreendia, pois em nosso país havia uma maravilha de igual dimensão, a dos barnacles. Expliquei que

¹⁴⁰ Agostinho, *A Cidade de Deus*, XVI, VIII. Apud: ECO, H. Op. cit., p. 114.

¹⁴¹ AGOSTINHO. Op. cit. Apud: GIUCCI, G. Op. cit., p. 72-73.

tínhamos umas arvores que davam frutos dos quais saíam aves voadoras, boas para comer. Enquanto as que caíam na água viviam, as que caíam em terra morriam imediatamente. (...) Ao ouvirem, ficaram maravilhados, e alguns julgaram ser impossível algo assim.¹⁴²



Figura 2: Jean de Mandeville. Miniatura do Livro dês merveilles, ms. Fr. 2810, Biblioteca Nacional de Paris, f.º 210 vº.

KAPPLER, C. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.79.

Uma vez diminuída a importância da maravilha como fenômeno extraordinário, Agostinho ressalta a grandeza do milagre. Se o maravilhoso era fruto do desconhecimento da grandiosidade e diversidade da natureza (criação divina), o milagre constituía uma intervenção divina no mundo natural e na história humana, sendo uma ação direta de Deus, inigualável e sempre extraordinária, jamais delegável ao comum e reproduzível. A maravilha dizia respeito ao incomum, desconhecido, mas nem por isso seria antinatural. Já o milagre era sobrenatural e rompia com o cotidiano, com o que era habitual. Embora maravilha e milagre possuíssem proveniência divina, ao demonstrar a superioridade de uma sobre a outra, Agostinho tentou também sobrepujar o maravilhoso pagão, desqualificando-o como comum e natural frente ao milagre bíblico.¹⁴³

Da mesma forma, os povos monstruosos eram maravilhas, pois só eram incomuns para os ocidentais, já que no Oriente constituíam uma realidade cotidiana que nada possuía de extraordinário. Se pareciam ir contra a natureza, é porque o conhecimento que possuíam dela

¹⁴² FRANCA, S. Op. cit., p. 225. A lenda (irlandesa ou escocesa, dependendo do bestiário) dos “barnacles” já era conhecida pela difusão da obra de S. Brandão, e fazia simbolismo com a concepção sagrada e pura da Virgem Maria.

¹⁴³ LE GOFF, J. Op. Cit., p. 25.

era limitado e impreciso, uma vez esclarecida essa ignorância, não haveria motivos para desconsiderar os povos monstruosos como naturais e, por conseguinte, descendentes de Adão.¹⁴⁴ Isso explica o fato de Mandeville ter apresentado o monstro como uma criatura de Deus, mais do que isso, um homem disforme, mas pertencente à linhagem humana:

No deserto do Egito, certa vez, um santo homem, um ermitão, encontrou um monstro; um monstro é um ser disforme, seja homem, animal seja qualquer outro ser, por isso se chama monstro. Esse monstro era como um homem, porém, com dois cornos pontiagudos na testa e com um corpo de homem até o umbigo e daí para baixo tinha forma de cabra. O ermitão perguntou-lhe quem era, e o monstro respondeu que era uma criatura mortal, tal como Deus o havia criado, e que vivia naquele deserto procurando sustento. Rogou, então, ao ermitão que rezasse a Deus por ele, ao Deus que veio do céu para salvar toda a linhagem humana...¹⁴⁵

Agostinho advertia, porém, sobre a crença em homens monstruosos que possuísem caracteres mais animais do que humanos, pois se a diferença era tão grande a ponto de não apresentarem mais a essência humana, a existência de tais seres não era digna de credibilidade.

Os povos monstruosos, por não se enquadrarem nas explicações soberbas da razão, demonstravam a magnificência divina frente à tentativa humana de explicar o mundo por seus próprios meios intelectuais. Não conseguindo enquadrar essas raças em suas classificações, o homem orgulhoso deveria reconhecer sua ignorância e incapacidade de interpretar a natureza por outros meios que não o da revelação divina.¹⁴⁶ Eram, portanto, exemplos da grandiosidade da obra de Deus.

Além do maravilhoso e do milagroso, a esfera do sobrenatural também possuía um terceiro membro, a magia. Inicialmente um elemento neutro, dado que se considerava a existência de uma magia branca considerada lícita, benigna, e por outro lado a magia negra, relacionada ao diabo e às forças infernais, a partir de meados da Baixa Idade Média (século XIII em diante) o âmbito do “magicus” acabou sendo relegado ao domínio de Satanás, visto como enganação, fruto de forças maléficas a serem combatidas.¹⁴⁷ Isso ajuda a compreender os casos em que Marco Polo fala de feiticeiros aliados a demônios nas terras dos pagãos e infiéis, assim como os viajantes descrevem rituais mágicos dos nativos americanos geralmente associados ao diabo.

¹⁴⁴ GIUCCI, G. Op. cit., p. 75-8.

¹⁴⁵ FRANCA, S. Op. cit., p. 70.

¹⁴⁶ GIUCCI, G. Op. cit., p. 76.

¹⁴⁷ LE GOFF, J. Op. Cit., p. 24.

Foi sempre através da teologia cristã que Agostinho traçava seus ensinamentos. E ele foi o responsável por um pensamento que, embora possuísse origens na Antiguidade e estivesse na própria raiz da palavra monstro, iria definir e qualificar o monstro de forma que perpassou a Idade Média, influenciando a tradição posterior sobre o assunto até o século XVI. Agostinho ligou o termo monstro ao vocábulo latino *monstratio*, que significa “ação de mostrar, indicação”¹⁴⁸, concluindo daí que o monstro é aquele que, pela própria existência, tem algo a mostrar, seja sobre o futuro (como um presságio) ou sobre um aspecto divino¹⁴⁹. Eram prodígios que, além de simbolizar a magnificência da divindade, podiam pressagiar o futuro e também revelar o plano divino aos homens. Na Antiguidade o monstro significava um prodígio portador de uma revelação dos deuses, Agostinho apropriou-se dessa conceituação à maneira cristã, colocando o monstro como um ensinamento de Deus, sendo essa a visão que marcou a representação de monstro no Medievo.

Isidoro (560-636) foi outra importante *auctōritātis* medieval que abordou os monstros em sua obra “*Etimologiarum*”. De forma semelhante a Agostinho, Isidoro tratou a questão através da teologia cristã, discordando da opinião pagã de que o monstro contrariava as leis da natureza, ao contrário, era um ato divino, e se parecia contrariar a natureza, era devido ao desconhecimento humano da mesma. Para Isidoro, o monstro condensava as funções dos prodígios, portentos e ostentos, pois ao mesmo tempo o monstro mostrava, manifestava e anunciava os mistérios da vontade e criação divina, carregando em seu próprio corpo a mensagem de Deus aos homens. Em contrapartida, Isidoro fez um inventário dos monstros e classificou-os, separando aqueles que considerava verdadeiros dos falsos, respaldando teologicamente a existência de povos e criaturas maravilhosas em terras remotas¹⁵⁰, como fez Agostinho.

Os Cinocéfalos têm tal nome porque possuem cabeça canina e porque seu latido próprio os identifica mais como animais do que como homens: nascem na Índia. A mesma Índia gera os Ciclopes, assim chamados porque se acredita que têm um único olho no meio da testa (...). Alguns acreditam que na Líbia nascem os Blemmyae, com boca e olhos no peito. Outras criaturas viriam à luz sem pescoço e com os olhos nos ombros. Textos afirmam que no Extremo Oriente existem pessoas com rostos monstruosos (...). Dizem que na terra dos Citas vivem os Panótios, que têm orelhas tão grandes que com elas podem cobrir o corpo inteiro (...). Dizem que os Artabaritas vivem na Etiópia e andam de quatro como ovelhas: dizem que nenhum deles supera os quarenta anos. Os Sátiros são homenzinhos de nariz adunco, cabeleira na testa e pés semelhantes aos de uma cabra (...) Vive na Índia também um

¹⁴⁸FARIA, E. Op. cit., p. 615.

¹⁴⁹GIUCCI, G. Op. cit., p. 77.

¹⁵⁰Id. Ibid. p. 78, Ver também HOLANDA, S. Op. cit., p. 21.

povo cuja estatura é igual a de um cúbito, a quem os gregos dão o nome de Pygmaei...¹⁵¹

Esses autores foram amplamente citados ao longo de toda a Idade Média. Santos e doutores da Igreja, Agostinho e Isidoro foram as maiores autoridades cristãs em se tratando de teratologia¹⁵², de forma que seus ensinamentos dificilmente foram diretamente contraditos. Assim, a representação do maravilhoso das terras distantes, já cristalizado pela tradição dos antigos, seguia agora pelos séculos apropriada e respaldada por duas grandes autoridades cristãs. Até em Mandeville podemos detectar a fidelidade a essa tradição, quando ele se espantou ao encontrar uma maravilha inexplicável, que por isso mesmo possuía muito a revelar. Trata-se da história dos peixes que vinham reverenciar o rei do lugar em tal número que era possível que qualquer pessoa apanhasse quantos peixes quisesse:

Considero que é a maior maravilha que jamais vi, pois a natureza faz muitas coisas e maravilhas, mas não é maravilha natural, e sim contranatura, que os peixes, que têm toda a liberdade para percorrer o mundo, venham por sua própria vontade oferecer-se para morrer sem serem forçados. Estou convencido de que por trás disso há um grande mistério e uma força poderosa.¹⁵³

Esse papel do monstro enquanto criatura que ensina com sua existência aparecia também nos bestiários medievais. Esses textos, em sua maioria provenientes de fontes mais antigas, como a História Natural de Plínio, as Etimologias de Isidoro e o Fisiólogo grego (século V, que possuirá versões em outras línguas, como a famosa versão em armênio)¹⁵⁴, além de apresentarem a descrição de cada criatura exótica, traziam consigo uma explicação moralizada e cristianizada de cada besta. Muitas vezes os bestiários eram cópias de textos mais antigos, acrescidas de comentários moralizadores acerca do ensinamento que cada animal devia passar aos homens:

El grifo es el ave más grande de todas las del cielo. Vive en el lejano Oriente, en un golfo de la corriente oceánica. Y, cuando se yergue el sol sobre las profundidades marinas y alumbra el mundo con sus rayos, el grifo extiende sus alas y recibe los rayos del sol. Y otro grifo se alza con él, y ambos vuelan juntos hacia el sol poniente, tal y como está escrito: «Extiende tus alas, dispensador de la luz; entrega al mundo la claridad». De semejante manera representan ambos grifos la Cabeza de Dios, es decir, al arcángel San Miguel y a la Santa Madre de Dios, y reciben tu

¹⁵¹ Isidoro de Sevilha. Etimologias, XI, 3. Apud: ECO, H. Op. cit., p. 121.

¹⁵² Claro que sua influência não se restringiu a esse campo, mas no presente estudo só este aspecto de suas obras é que se torna pertinente. HOLANDA, S. Op. cit., p. 194, 204.

¹⁵³ FRANCA, S. Op. cit., p. 178.

¹⁵⁴ Le Goff explica que esse texto inicialmente tratava de maravilhas sem apresentar explicações e significados às mesmas, e que, a partir da evolução de suas versões latinas, cada elemento maravilhoso do texto foi ganhando uma simbologia cristã. LE GOFF, J. Op. Cit., p. 30.

espíritu, de forma que no pueda decirse: «No te conozco». Bien ha hablado el Physiologus en lo referente al grifo.¹⁵⁵

Da mesma forma a descrição do grifo segue no bestiário Valdense (séc. XII) ainda tributário da tradição e entranhado de significação moral cristã:

De ahí que, por la primera parte [del grifo], que es la de águila, debemos entender que hemos de tener el pensamiento y la contemplación puestos en Dios y en la criatura celestial. Como está escrito: “Busca en primer lugar el reino de Dios”. En segundo lugar, debemos preocuparnos de las cosas terrenas, lo que se desprende de la segunda mitad del grifo, que es de león. Pues el león es fuerte en las huye por miedo, y no teme el ataque de muchos hombres. Y en las situaciones prósperas, el león es humilde y pausado. Pues mientras el león va enfurecido contra alguien, con intención de herirlo, si el hombre contra el que se precipita se arrodilla o se sienta humildemente en tierra, el león no le hiere ni le hace daño alguno, sino que le mira mansamente en señal de humildad. De otros debemos seguir esta naturaleza y propiedad, pues debemos tener humildad en las circunstancias favorables, y fortaleza sólida en las adversidades.¹⁵⁶

Nos bestiários, cada criatura representava uma virtude ou vício, cada um deles era uma lição a ser seguida ou execrada pelo cristão que pretendesse aprender sobre Deus através de sua obra. O elefante, por exemplo, representava a castidade: “...ignoran lo que es la concupiscencia; y, no obstante, son ton castos...”¹⁵⁷; a Fênix representava Jesus Cristo: “Este pájaro representa a Jesus, hijo de Maria, pues tuvo el poder de morir a su albedrío, y de la muerte regresó a la vida...”¹⁵⁸; o tigre era símbolo da vaidade, pois era despistado ao ver sua imagem em espelhos; o castor era símbolo da prudência, pois ao ser caçado arrancava seus testículos para conseguir fugir, já que o caçador só o perseguia para apanhar essa parte do corpo, que possuía propriedades curativas; o lince era o animal com a melhor visão de todas, pois enxergava através da matéria, ao passo que a toupeira era cega e vivia apenas de terra, como o camaleão que vivia apenas de ar e a salamandra que vivia de fogo; as sereias e centauros, ambos híbridos de homens e animais, representavam a conduta dúbia dos cristãos pecadores. Alguns podiam inclusive representar tanto o bem quanto o mal, já que “... todas las criaturas son de naturaleza doble: dignas de alabanza y censurables”¹⁵⁹, como o unicórnio que só deixava que uma donzela virgem se aproximasse dele, que representariam Cristo e a Virgem Maria, mas quando sua descrição se aproximava do rinoceronte o unicórnio tornava-se símbolo do demônio, cuja fúria só era aplacada pela pureza como a da donzela virgem. São

¹⁵⁵ MALAXECHEVERRÍA. Op. cit., p. 79.

¹⁵⁶ Id. ibid., p. 83.

¹⁵⁷ Id. ibid., p. 7.

¹⁵⁸ Id. ibid., p. 123.

¹⁵⁹ MALAXECHEVERRÍA. Op. cit., p. 116.

muitos os exemplos que poderiam ser citados, todos demonstrando que o ensinamento moral é o que dá sentido à existência do monstro, sua razão de ter sido criado.



Figura 3:Unicórnio (monoceros). Monstruos e Híbridos, p. 146 (Fº 21 rº). Miniatura do Bestiário de Oxford, Manuscrito Ashmole 1511 da Biblioteca Bodleian.

MALAXECHEVERRÍA. **Bestiário Medieval.** Madri: Siruela, 1987, p. 283.

Outro registro medieval que foi de grande importância na formação da representação de um Oriente maravilhoso foi a famosa Carta do Preste João, um suposto governante cristão de um reino distante, além das terras dos infiéis. Essa carta apócrifa do século XII, visto que não se conseguiu identificar sua autoria, descrevia maravilhas nas terras do Preste João: riquezas imensuráveis, monstros prodigiosos, fontes rejuvenescedoras, alimentos celestiais... Eram tantas maravilhas que os viajantes posteriores buscaram sempre alcançar o reino beatífico desse governante cristão dos confins da terra, inicialmente localizado na Ásia e depois identificado como a Etiópia cristã. As maravilhas são próximas à descrição do paraíso antes do pecado original:

Eu, Preste João, sou senhor dos senhores e, em cada riqueza que há sob o céu, e virtude e em poder, supero todos os reis da terra (...). Em nossos domínios nascem e vivem elefantes, dromedários, (...) sagitários, homens selvagens, homens chifrudos, faunos, sátiros e mulheres da mesma espécie, pigmeus, cinocéfalos, gigantes de quarenta cúbitos, monóculos, ciclopes, uma pássaro chamado Fênix e quase todo o tipo de animal que vive sob a abóbada celeste (...). Em uma de nossas províncias corre um rio que se chama Indo. Este rio, que brota do paraíso, estende seu curso em toda a província em diversos braços onde se encontram pedras preciosas (...).

Possuímos uma ilha (...) à qual Deus manda duas vezes por semana, durante o ano inteiro, copiosa chuvas de maná que as populações recolhem e comem, não se alimentando senão disso. De fato, não lavram, não semeiam, não colhem nem trabalham a terra (...). Todos esse homens (...) vivem quinhentos anos (...) recuperam as forças bebendo por três vezes a água de uma fonte (...) entre nós ninguém mente (...) nenhum vício tem poder sobre nós.¹⁶⁰

Brandão (séc. V-VI) foi outro santo que contribuiu para a representação de monstros e maravilhas nas terras distantes, porém localizou-os não no Oriente, mas a Ocidente. Nascido na Irlanda, Brandão foi um monge que navegou por ilhas no Mar Oceano a oeste dos Pilares de Hércules e deixou um relato, a “*Navigatio Sancti Brendani Abbatis*”, no qual foram descritas as chamadas “ilhas afortunadas”, uma série de localidades maravilhosas provenientes da apropriação de antigas lendas greco-romanas e célticas à tradição cristã, como o paraíso de Avalon e o Jardim das Hespérides, representada na busca pelo paraíso terrestre. Seu texto foi significativo, pois fugiu ao padrão tradicional de relacionar o paraíso ao Oriente, embora colaborasse para a noção de que as terras remotas possuíam maravilhas e riquezas materiais e espirituais só acessíveis através de grandes perigos. O paraíso, a ilha dos bem-aventurados, segundo o relato de Brandão, só foi avistado após uma epopéia por um mar infestado de monstros e ilhas maravilhosas, estando o mesmo escondido por trevas sobrenaturais que só a graça divina podia transpor, e ainda circundado por uma muralha de pedras preciosas, impedindo seu acesso.¹⁶¹

Pelo menos 120 manuscritos latinos da sua “*Navigatio*” sobreviveram, evidenciando o sucesso de seu relato e importância do mesmo para a ideia do maravilhoso remoto. Além disso, a partir do século XIV até meados do século XVII, as ilhas descritas pelo monge apareceram em muitos dos mapas-múndi mais famosos, atestando novamente o sucesso de sua narrativa e a credibilidade de seu relato¹⁶². A maior contribuição de sua obra para o presente estudo foi mostrar que o maravilhoso distante poderia ser transferido de Oriente para o Ocidente, o que de fato se deu no século XVI na América, como trataremos adiante.

Os mapas-múndi, assim como os vitrais e as esculturas das igrejas, tinham a função de ensinar, por meio de imagens, a mensagem bíblica, bem como as maravilhas da criação divina. Os territórios santos eram preenchidos com imagens vinculadas a episódios das escrituras; os confins do mundo, como o Oriente e o mar Oceano, eram grafados com símbolos teratológicos e lendários. Os monstros retratados nas regiões desconhecidas do mundo geralmente possuíam função real e alegórica, representando vícios e virtudes da

¹⁶⁰ Carta do preste João (século XII), apud: ECO, H. Op. cit., p. 117.

¹⁶¹ HOLANDA, S. Op. cit., p. 24, 84

¹⁶² GIUCCI, G. Op. cit., p. 36, 40. Ver também: HOLANDA, S. Op. cit., p. 210.

mesma forma que nos bestiários medievais, desenhados para demonstrar as maravilhas de Deus, ao passo que ao seu lado podemos encontrar indicações de riquezas extraordinárias em metais e pedras preciosas, sobretudo na Ásia.¹⁶³ O paraíso também era encontrado nos mapas-múndi com frequência, sempre rodeado por criaturas e povos monstruosos. O maravilhoso encontra-se assim situado nos lugares desconhecidos, distantes e quando muito vislumbrados, mas ainda na fronteira da zona familiar, conhecida e desbravada.

Uma forma frequente de representar o mundo na Idade Média eram os mapas “T.O.”, onde a Terra é desenhada num círculo (O) cercado de água e recortado por três mares que formariam um “T”: o Mediterrâneo, o Helesponto, atual Dardanelos e o Índico, por vezes substituído pelo rio Nilo ou pelo Mar Vermelho, separando os três continentes conhecidos: Ásia, Europa e África. A terra era formada então pelo círculo, símbolo de Deus, o que não tem começo ou fim, o eterno, e pela cruz (o T), a Ásia localizada sempre na parte superior, a Europa à esquerda da haste do T e a África à direita¹⁶⁴. O fato do paraíso terrestre se localizar na Ásia é um dos motivos desse continente estar acima dos outros, “superior”. Jerusalém, a cidade santa, “que está no centro do mundo”¹⁶⁵, encontrava-se na interseção entre a haste e a barra superior desse “T”.

Os limites distantes do mundo eram pouco conhecidos, a África só alcançaria a cordilheira do Atlas e se acreditava que era um pequeno continente que não continuava abaixo da linha do equador. Os confins do Oriente também eram desconhecidos, recheados de ilhas: Mandeville afirmou haver “mais de cinco mil ilhas habitadas, boas, grandes, além de outras que estão desabitadas e de outras pequenas”¹⁶⁶. Para além dos Pilares de Hércules, o estreito de Gibraltar, considerados desde a Antiguidade como os limites da terra¹⁶⁷, só poderiam existir ilhas afortunadas descritas e visitadas por São Brandão.¹⁶⁸

¹⁶³ GIUCCI, G. Op. cit., p. 80-2.

¹⁶⁴ KAPPLER, C. Op. cit., p. 24.

¹⁶⁵ FRANCA, S. Op. cit., p. 34.

¹⁶⁶ FRANCA, S. Op. cit., p. 157.

¹⁶⁷ GIUCCI, G. Op. cit., p. 23

¹⁶⁸ KAPPLER, C. Op. cit., p. 26. Ver também: HOLANDA, S. Op. cit., p. 183



Figura 4: Mapa T-O. Isidoro de Sevilha. *Etymologiae*. Augsburg, 1472. Retirado de: GREENBLATT, Stephen. **Possessões Maravilhosas; o deslumbramento do Novo Mundo.** São Paulo: EDUSP, 1996, p. 112.

A “zona tórrida”, que separaria o hemisfério norte do sul, era considerada uma região tão quente que impediria a sobrevivência humana: “ao sul, faz tanto calor que também ali ninguém pode viver, porque o sol projeta seus raios com toda a sua força nessa parte”¹⁶⁹, “no mar da Líbia não há peixes, pois não podem resistir ao grande calor do sol e a água está sempre fervendo em razão desse calor”¹⁷⁰. Assim, os dois hemisférios estavam irremediavelmente separados pelo calor. Portanto, supondo que a parte inferior da terra seja habitada pelos antípodas, aqueles cujos pés estão em lados opostos do mundo em relação aos europeus, esses nunca seriam conhecidos, graças à intransponibilidade da zona tórrida¹⁷¹. Quando muito, essa região seria o lar de criaturas ligadas ao elemento fogo, como o Dragão que “Nace em Etiopia y em La India, en lugares donde el calor es perpetuo”¹⁷². Inclusive, Agostinho comprovou teologicamente que o hemisfério sul era desabitado, pois uma vez que

¹⁶⁹ FRANCA, S. Op. cit., p. 133.

¹⁷⁰ Id. Ibid. p. 146.

¹⁷¹ GIUCCI, G. Op. cit., p. 54-5

¹⁷² MALAXECHEVERRÍA. Op. cit., p. 181

as escrituras asseguram que a Palavra de Deus foi pregada em todo o universo¹⁷³, não seria possível que existissem povos sem acesso à revelação divina e ao abrigo da Igreja¹⁷⁴. Essa visão só começou a ser questionada quando os portugueses iniciaram a navegação da costa ocidental da África no século XV, comprovando empiricamente que essas regiões são não apenas habitáveis como também muito povoadas e de clima agradável.¹⁷⁵

Se o hemisfério sul era visto como desabitado e impenetrável, desde as expedições de Alexandre Magno o extremo Oriente permanecia como um local remoto, cujo acesso os europeus não mais possuíam, o que não impedia de povoá-lo com inúmeras maravilhas. O Oriente próximo, entre os séculos XI e XII, era um território hostil, graças às várias expedições de guerra movidas por cristãos contra os infiéis buscando conquistar a Terra Santa. Com o advento do Império Mongol no século XIII, que conquistou a China em 1214 e partiu em direção ao Ocidente, dominando vastas regiões do continente asiático, o Oriente tornou-se novamente aberto aos europeus, pois os mongóis, ainda que infiéis – professavam uma espécie de xamanismo antigo – eram mais tolerantes aos cristãos, o que possibilitou um período de maior contato entre essas culturas.¹⁷⁶

Por isso, o século XIII foi um século de grandes viagens rumo ao Oriente, quase todas continentais. A própria Igreja decidiu enviar missionários para conhecer e converter os Mongóis à fé cristã (1245, no Concílio de Lyon), já que em 1241 tropas mongóis invadiram Viena e ameaçaram conquistar todo o restante da Europa, o que não ocorreu, pois no mesmo ano a expansão mongol foi interrompida. Não apenas monges e religiosos passaram então a viajar rumo ao Oriente, mas também mercadores, objetivando também alcançar as riquezas inumeráveis que se imaginava existir nos confins do mundo.

São muitos os viajantes que visitaram as terras do império do Grande Khan¹⁷⁷ nesse período, sendo que muitos deixaram relatos de suas viagens, na maior parte religiosos, pois os mercadores não se mostraram tão entusiasmados a relatar suas andanças: Guilherme de Roebruck, Giovanni Del Pian de Carpini, Jourdain de Severac, Odorico de Pordenone, a família Polo, entre outros. Desses relatos, o que obteve maior fama foi o “Livro das

¹⁷³ Mateus 24:14

¹⁷⁴ AGOSTINHO. Op. cit., livro XVI, capítulo IX. A obra de Agostinho será amplamente aceita como autoridade suficiente sobre o assunto. KAPPLER, C. Op. cit., p. 29

¹⁷⁵ “o ar é mais fresco e temperado naquela região do que fora dela, e que é tanta a gente que dentro dela habita, que de número são muito mais que aqueles que fora dela habitam”. VESPUCIO, Américo. **O Novo Mundo**. Porto Alegre: LP&M, 1984, p. 55.

¹⁷⁶ É comum na literatura desse período dotar os imperadores mongóis de uma suposta tolerância religiosa. KAPPLER, C. Op. cit., p. 56-60

¹⁷⁷ Os títulos Grande Khan, Grão Can ou Kahn referem-se ao imperador dos Mongóis, sendo Gênghis Kahn o primeiro e mais famoso de todos, avô de Kublai Khan, imperador na época das viagens de Marco Polo.

Maravilhas”, apelidado de “Il Milione” – O Milhão, fazendo referência à inumerável riqueza descrita no relato – do comerciante veneziano Marco Polo.

Nascido em 1254 e filho do mercador Nicoló Polo, que já havia visitado e conhecido o então Imperador mongol Kublai Khan, Marco deixou sua cidade com 17 anos e partiu com seu pai e Tio Matteo rumo ao Oriente, chegando à corte do Grande Khan em 1275, lá permanecendo por cerca de vinte anos, trabalhando como embaixador de Kublai Khan e conhecendo seu vasto império. Segundo o próprio Marco, sua permanência na corte do Grande Khan se deveu a sua habilidade de descrever detalhes sobre as regiões e povos que visitara, entretendo o Imperador e fornecendo informações precisas e valiosas, relativas tanto ao comércio e às riquezas de cada lugar quanto aos costumes de seus habitantes:

O soberano, quanto mais lhe conhecia os atributos, mais lhe demonstrava simpatia. (...) Entusiasmado com o que vira, descreveu os lugares por onde tinha estado e as pessoas com as quais tinha privado com tanta inteligência que o Grande Khan considerou-o o melhor dos embaixadores. Os outros, a quem o rei costumava confiar as suas mensagens, limitavam-se apenas a informar o que se relacionava exclusivamente à missão. Marco achava-os uns bobos, que não sabiam apreciar o que visitavam, e percebendo que o Grande Khan gostava de conhecer a cultura de outras regiões, demorou-se a descrever tudo o que visitara.¹⁷⁸

De retorno à Europa, Marco acabou participando da batalha naval entre Gênova e Veneza (1296) e, com a vitória da primeira, acabou preso. Na prisão, o escritor Rusticello, de Pisa, organizou os registros de Marco Polo e tomou nota de suas memórias, finalizando um livro em 1298. Já liberto em 1299, Marco Polo casou-se e foi nomeado membro do Conselho de Veneza (1320), onde morreu em 1324.

Marco não foi o único a visitar o Império Mongol, mas somente ele dentre os mercadores deixou um relato sobre suas viagens ao Oriente. As cópias de seu livro começaram a se multiplicar, a primeira versão italiana era a tradução de um texto latino, traduzido de um texto toscano originado de uma versão francesa, o que provavelmente trouxe modificações ao manuscrito original. Seu relato possui informações bastante precisas sobre cidades e reinos asiáticos, com informações sobre comércio, rotas, produtos, mercados, tempo de viagem, distância, população, religião, costumes e até clima das várias cidades e reinos que visitou, o que podemos atribuir ao seu ofício de mercador, atento a características importantes para quem pretendesse viajar ao Oriente. Entretanto, o que chama a atenção e que acabou apelidando o livro de “O Milhão” é justamente o aspecto maravilhoso das terras orientais: seus reinos são riquíssimos, seus impérios os mais vastos, as especiarias, metais e pedras

¹⁷⁸ POLO, Marco. **O livro das maravilhas**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 20-1.

preciosas são abundantes, bem como os diversos povos e culturas diferentes das inúmeras cidades e ilhas descritas, o que incluía a descrição de raças monstruosas e criaturas maravilhosas.

No texto de Marco Polo, são muitos os soberanos que possuem, cada um, o maior tesouro e o palácio mais decorado com ouro: “O Califa daqui soube acumular em seu tesouro o maior número de pedras preciosas, ouro e prata”, mais adiante falando sobre outro reino: “no mundo não se encontra outro (palácio) igual; as salas e os quartos são todos pintados com outro em folha”¹⁷⁹, ainda “o palácio do senhor da ilha é muito grande e todo coberto de ouro”, concluindo que “Não se pode avaliar essa fortuna!”¹⁸⁰, pois “nessas terras encontra-se o ouro, ainda virgem, e em grande quantidade, tanto que não se pode acreditar”¹⁸¹, mas o Império Mongol era considerado o maior e mais importante de todos. A lista de maravilhas é extensa, sendo algumas delas com fundamento real, como o papel moeda considerado pelo autor como fruto de alquimia, a fonte que jorra óleo (petróleo) ou as pedras que ardem (carvão mineral), outras oriundas da tradição, como a terra onde só vivem mulheres guerreiras, o calor tórrido do mar, a longevidade de alguns povos e até o túmulo do apóstolo São Tomé¹⁸², que teria ido pregar o evangelho no Oriente. Havia desertos onde os espíritos falavam, frutas do paraíso (banana) e um mar onde “existem sete mil, quatrocentas e cinqüenta ilhas, a maioria das quais habitada. Nelas não nasce árvore que não tenha o perfume gostoso do aloé”¹⁸³.

Como mercador, a maior ênfase atribuída na narração de maravilhas materiais e riquezas acabou deixando em segundo plano a descrição de criaturas monstruosas, mas ainda assim estes seres estão presentes em seu relato¹⁸⁴. Com relação aos homens e criaturas daquelas terras, Marco Polo descreveu outra torrente de maravilhas. Alguns povos foram considerados feiticeiros, com patronos demoníacos que lhes davam poderes sobre o dia e a noite, a chuva e os ventos¹⁸⁵, outros eram “homens de rabo comprido (...). Os rabos são grossos como os do cachorro.”¹⁸⁶, encontrara ainda os famosos cinocéfalos “são idólatras e vivem como animais selvagens. Têm todos cabeça de cachorro e dentes e narizes parecidos com os de um grande mastim. É uma terra onde (...) os habitantes são maus, pois comem todos os forasteiros que podem capturar”¹⁸⁷ e alguns que “são tão grandes e musculosos que

¹⁷⁹ POLO, Marco. Op. Cit., p. 35.

¹⁸⁰ Id. Ibid. p. 102.

¹⁸¹ Id. Ibid. p. 105.

¹⁸² Id. Ibid. p. 67, 70, 123, 120, 116, 114, respectivamente.

¹⁸³ Id. Ibid. p. 49, 30, 104, respectivamente.

¹⁸⁴ KAPPLER, C. Op. cit., p. 73.

¹⁸⁵ POLO, Marco. Op. Cit., p. 30, 36, 78.

¹⁸⁶ Id. Ibid. p. 108.

¹⁸⁷ Id. Ibid. p. 109.

parecem gigantes, tão forçados que suportam um peso só carregado por quatro homens normais. (...) são pretos e andam nus (...) em qualquer outro país seriam considerados diabos.”¹⁸⁸. Marco Polo desmentiu a crença tradicional, oriunda da antiguidade e representada nos bestiários medievais, dos pigmeus que viviam em combate com os pássaros grou, dizendo que no oriente não existiam “homens tão pequenos que podem ser carregados por falcões”¹⁸⁹, assim como a existência de seres que viveriam no fogo, como as salamandras, afirmando que essas não eram animais e sim toalhas que se limpavam no fogo. Criticou também a representação europeia dos grifos:

(...) estes grifos são mais parecidos com águias de grande porte e força. Agarram elefantes e os suspendem, para depois os largar e espatifá-los, pois os elefantes constituem seu pasto favorito. As pessoas que viram esses pássaros dizem que suas asas são tão grandes que chegam a medir vinte passos. (...) Os ilhéus chama àquele pássaro fabuloso de *rut*; pelo tamanho, creio ser verdadeiramente um grifo¹⁹⁰

Sua descrição do grifo retirava parte de sua constituição maravilhosa, que era o hibridismo entre águia e leão, mantendo apenas sua grande estatura, o que o assemelha à descrição do Pássaro Roca, provável fonte das narrativas ouvidas por Marco Polo. De forma semelhante, o mercador apresentou o unicórnio como um animal “horível de se ver”, pois ao ver um rinoceronte logo o identificou como aquela criatura descrita nos bestiários. Entre as descrições da girafa, cobras gigantes, uma raça de galinhas que apresenta pelos ao invés de penas (as *Silkies*, que realmente existem), o Milhão de Marco Polo seguiu como um relato de viagem onde o maravilhoso estava sempre presente, bastando rumar ao oriente para encontrá-lo.

Esse período de contato entre Oriente e Ocidente não durou muito, pois em 1368 a China se fechou graças à ascensão da dinastia Ming, e no mesmo século os mongóis converteram-se ao islamismo, o que interrompeu a série de viagens à Ásia. Porém, esse breve contato com terras do Oriente serviu para fomentar ainda mais o gosto por histórias sobre maravilhas remotas, pois os viajantes desse período respaldaram, em seus relatos, a representação do Oriente como terra de delícias e maravilhas já consagradas pela tradição ao longo de séculos. A partir de então, além do testemunho dos antigos, os viajantes do século XIII também ofereceram o testemunho ocular ao imaginário europeu, e o fato do Oriente ter se fechado novamente só contribuiu para cristalizá-lo como locus do maravilhoso.¹⁹¹

¹⁸⁸Id. Ibid. p. 125.

¹⁸⁹Id. Ibid. p. 107.

¹⁹⁰Id. Ibid. p. 124.

¹⁹¹ GIUCCI, G. Op. cit., p. 85-7

Além do livro de Marco Polo, houve outro um pouco posterior que se tornou o mais popular e que influenciou de forma mais marcante o imaginário europeu nos séculos seguintes: o “Livro das maravilhas do Mundo” de John Mandeville¹⁹². Embora o autor se apresente como cavaleiro inglês, proveniente de St. Albans, e declare ter saído em viagem no ano de 1322 rumo à Terra Santa e às regiões além, não existe nenhuma prova de que ele tenha realmente existido. Contudo, sua identidade só foi questionada e desacreditada no século XIX. Nos períodos anteriores Mandeville era visto como um dos grandes viajantes, aquele cujo relato se mostrou dos mais ricos e prazerosos. Seja como um pseudônimo de um verdadeiro autor por trás do nome Mandeville, seja ele um personagem fictício, ao estilo de Homero ou da “Carochinha”, o fato é que sua narrativa, com todas as características próprias desse tipo de texto – função utilitária, conhecimento que provém de longe, aconselhamento, entre outros elementos – é considerada hoje como uma compilação de muitos relatos, crônicas e roteiros de viagem que circulavam na Europa em fins do século XIV. O texto foi finalizado entre 1356 e 1357 e alcançou enorme popularidade, sendo considerado o *best-seller* dos Quatrocentos e chegando a 250 manuscritos e 80 edições, em 10 línguas, até o fim do século XV.¹⁹³

A narrativa de Mandeville é um ótimo exemplar da representação do Oriente como terra de maravilhas. Apresenta na primeira parte a peregrinação do autor pela Terra Santa e Jerusalém, com o cuidado de explicar os diversos caminhos para se chegar a essa cidade, bem como de descrever os locais onde se encontram as verdadeiras relíquias dos cristãos. O fato mais maravilhoso relatado, em meio a muitos milagres das relíquias e fontes que emanam água do paraíso, foi a transformação da filha de Hipócrates em dragão. A segunda metade do texto, a partir do 16º capítulo, conta a viagem do cavaleiro até o extremo Oriente pelas terras do Grande Khan e reinos vizinhos, enaltecendo a grandeza do Império Mongol e da China, exacerbando as maravilhas do Oriente, já consagradas pela tradição. Pelo fato de ser uma compilação de fontes anteriores¹⁹⁴ e também de ter sido a obra mais divulgada do fim da Idade Média, Mandeville representa de modo ímpar o imaginário medieval acerca das terras

¹⁹² FRANCA, S. Op. cit.

¹⁹³ Provavelmente por ter sido escrito originalmente em língua vulgar. De fato, como são abundantes as traduções e edições dessa obra desde o início, optamos por utilizar a tradução para o português atual de Susani Lemos França, uma vez que essa tradução (da versão crítica e atual francesa) apresenta o texto em sua versão mais ampla, deixando claro quando alguma passagem foi omitida em manuscritos do século XIV ou quando algum termo não possui tradução, os erros dos copistas e a localização atual dos lugares citados, tudo obviamente explicado nas notas. Id. Ibid. Introdução.

¹⁹⁴ “A lista de fontes estudadas, apropriadas direta ou indiretamente, compiladas ou recortadas pelo narrador é extensa: Albert de Aix, Vincent de Beauvais (por meio do qual teria tomado contato com Plínio, Solino, Isidoro de Sevilha, Piano Carpini e outros), Guilherme Boldensele, Jacobo de Varazze, Jacques de Vitry, Haiton de Armênia, Rabanus Mauro, Petrus Comestor, Flávio Josefo, Guilherme de Trípoli, Marco Polo, manuais de peregrinos, novelas de cavalaria e compêndios de viagens.” FRANCA, S. Op. cit. p. 18.

distantes e suas maravilhas, que tanto influenciou os viajantes que mais tarde destinaram-se à América.

A narrativa de Mandeville segue a forma retórica comum no período. O autor construiu seu relato demonstrando devoção, “em nome do Deus glorioso” e terminou encomendando sua alma a Deus e pedindo orações aos seus leitores por sua salvação. Ele deixou claro que, ao longo da viagem, ao tomar contato com as riquezas inumeráveis do Oriente, em momento algum caiu no pecado da cobiça, pois alegou não procurar riquezas materiais. Mesmo quando, no “Vale Perigoso”, encontrou “grande quantidade de ouro, prata, pedras preciosas e jóias em abundância de um lado e de outro”, Mandeville não tocou em nada, “porque não queria que aquilo me desviasse da minha devoção, pois estava mais devoto que jamais tinha sido”, e porque “sempre a graça de deus nos ajudou”¹⁹⁵ (a ele e seus companheiros). Exortou igualmente os cristãos a reconquistar a Terra Santa: “Cada bom cristão, portanto, deve se empenhar em conquistar nossa herança legítima, expulsando todos os infiéis e se apropriando dela.”¹⁹⁶, “E Deus não quer que essa terra santa fique muito tempo nas mãos de traidores nem pecadores, sejam estes cristãos ou outros.”¹⁹⁷. Mas também não hesitou em criticar o comportamento de cristãos frente aos bons costumes dos povos infiéis, dizendo que “é de uma grande vergonha para nossa religião e nossa fé quando gente que não tem religião nem fé nos reprovam e nos repreendem por pecarmos”¹⁹⁸.

O interesse declarado pelo autor em descrever sua viagem foi o prazer literário ou poético, o que ele mesmo explicitou no prólogo: “dado que muito tempo se passou sem nenhuma travessia para além-mar e muitos homens se deleitam em ouvir falar da Terra Santa e disso extraem algum prazer e consolo”¹⁹⁹ e também no último capítulo: “e a todo mundo sempre agrada ouvir falar de coisas novas”²⁰⁰. Mandeville fez uso de diversos recursos para que seu relato fosse considerado verdadeiro, como as ocasiões em que afirmou não ter visto pessoalmente algo muito maravilhoso, como o dragão que é a filha de Hipócrates, ou o Paraíso Terrestre, apenas ouvido contar sobre tais fatos ou lugares, em outros momentos ele mesmo corrigiu algumas histórias que julgou irrealis ou errôneas, como vários casos de relíquias repetidas, como a lança de Longinus, que feriu Jesus e se encontrava em dois lugares diferentes, bem como sua coroa de espinhos, chegando até a dizer que seu livro foi tido por verdadeiro pelo sábio conselho privado do Santo Padre em Roma, pois foi comparado com

¹⁹⁵Id. Ibid. p.236.

¹⁹⁶Id. Ibid. p.34.

¹⁹⁷Id. Ibid. p. 90.

¹⁹⁸Id. Ibid. p.139.

¹⁹⁹FRANCA, S. Op. cit. p.35.

²⁰⁰Id. Ibid. p.255.

outro livro ainda mais repleto de maravilhas e que foi usado para confeccionar o mapa-mundi.²⁰¹

Ao falar dos impérios e reinos do Oriente, Mandeville seguiu o texto de Marco Polo. Os palácios eram repletos de colunas de ouro, paredes de prata, escadas alternadas com degraus de ouro e prata, coroas com pedras preciosas cujo valor era igual ao de um pequeno reino, as cidades de Catai e arredores possuíam mercados com as mais diversas maravilhas da terra, os reinos e ilhas eram grandes e povoados, com milhares de cidades, sendo estas muitas vezes cercadas por extensas muralhas, as cortes eram servidas por milhares de menestréis e serviçais, entre outros atributos que atestavam a riqueza e maravilha das terras orientais. De todos, o Império Mongol era o maior, mais rico e mais nobre, sendo uma tristeza para Mandeville que o Grande Khan não fosse cristão²⁰². Essa representação do Oriente como o lugar de impérios riquíssimos e ordenados, já narrada por Marco Polo, foi evidenciada em Mandeville, o que contribuiu futuramente para impulsionar mercadores e aventureiros na busca de rotas marítimas para essas localidades, seja contornando a África como fizeram os portugueses, seja circunavegando a terra, como Colombo tentou.

Além da viagem à Terra Santa e o encantamento com os reinos de ultramar, a narrativa de Mandeville fez inúmeras referências a criaturas e povos monstruosos, alguns dos quais já foram citados. Grifos, basiliscos, camaleões que vivem apenas de ar, gansos bicéfalos, leões brancos do tamanho de bois, centauros, ciclopes, pigmeus combatentes de grulas, cinocéfalos, homens selvagens com chifres, outros inteiramente peludos, outros que não se alimentam e vivem apenas do odor de maçãs, gigantes, mulheres más com olhos de pedras preciosas e que tinham um olhar mortífero, seria exaustivo citar todos os exemplos, sendo que a grande maioria era proveniente tanto de textos antigos, como os romances de Alexandre Magno e a História Natural de Plínio, quanto medievais, o que já era esperado de uma narrativa retórica que é em si uma coletânea de fontes anteriores, uma reunião de elementos do Maravilhoso. Chega a ser admirável como, num mesmo parágrafo, Mandeville colocou uma enxurrada de seres monstruosos:

Em uma delas (ilhas) há gentes de enorme estatura, como gigantes, que são horrorosos à vista. Têm apenas um olho no meio da testa e não comem senão peixes e carne crus. Em outra ilha, a sul, vivem também pessoas de feia constituição e má índole. Não têm cabeça, possuem os olhos nos ombros e a boca curvada como a ferradura de um cavalo, situada no meio do peito. Em outra ilha, há também gentes sem cabeça, com os olhos e a boca na parte de trás dos ombros. Na terceira, há

²⁰¹Susani aponta que o trecho da visita e aprovação do Papa à obra de Mandeville não aparece em muitos manuscritos. Id. Ibid. p. 255, nota 10.

²⁰²Id. Ibid. p. 194, 210.

gentes de cara completamente plana e igualada, sem nariz e sem olhos, somente com dois pequenos furos redondos no lugar dos olhos e uma boca completamente plana, como uma fenda sem lábios. Numa quarta ilha, há gentes de horrorosa configuração física, com o lábio superior tão enorme que, quando estão dormindo ao sol, cobrem toda a face com esse lábio. Numa quinta, há gentes de uma estatura tão pequena como a dos anões, contudo, são maiores que os pigmeus e têm um pequeno orifício redondo no lugar da boca (...). Numa sexta ilha, há gentes com grandes orelhas, que chegam até os joelhos. Numa sétima, há gentes com pés de cavalo. (...) Numa oitava, há gentes que andam sobre as mãos e os pés, como os animais, e são peludas e trepam rapidamente nas árvores, como os símios. Numa nona, há gentes que são ao mesmo tempo homem e mulher, contando com a natureza de um e de outro. (...) Há, ainda, outra ilha onde se encontram gentes que, maravilhosamente, caminham sempre de joelhos e a cada passo que dão parece que vão cair. Têm em cada pé oito dedos (...).²⁰³



Figura 5: As Maravilhas do Oriente. Libro de las Maravillas del mundo Llamado Selva Delectosa, Alcalá, 1547. Houghton Library, Harvard university. Retirado de: GREENBLATT, Stephen. **Possessões Maravilhosas; o deslumbramento do Novo Mundo.** São Paulo: EDUSP, 1996, p. 113.

De forma semelhante, Mandeville descreveu muitos lugares maravilhosos, como o reino das Amazonas, referido por Heródoto, Alexandre e Isidoro, no qual só existiam mulheres guerreiras²⁰⁴; a terra do Preste João; a Fonte da Juventude, cujas águas, que ele alegou ter bebido algumas vezes²⁰⁵, eram provenientes do Paraíso; ou então o Mar Arenoso, que flui e reflui com grandes ondas de areia e sem uma gota de água²⁰⁶, que por sua vez é abastecido por

²⁰³FRANCA, S. Op. cit., p. 184, 185.

²⁰⁴FRANCA, S. Op. cit., p. 145, 153.

²⁰⁵Idem, ibidem, p.162.

²⁰⁶Idem, ibidem, p.230.

um rio formado de pedras preciosas, também proveniente do paraíso; e ainda uma terra de trevas eternas²⁰⁷, de onde se podem ouvir gritos e sons de homens e animais, o que demonstra que é habitada. Há muitos outros exemplos além destes que constroem a geografia do maravilhoso em Mandeville, tornando sua narrativa ainda mais maravilhosa e, por isso também, mais saborosa para a época.

O Oriente foi, assim, o lugar privilegiado das maravilhas, tanto para os antigos quanto para os homens medievais²⁰⁸. Além de abrigar o paraíso terrestre, em suas terras podiam ser encontrados povos monstruosos como os cinocéfalos e as blêmias, riquezas incomensuráveis como as montanhas de ouro guardadas pelos grifos²⁰⁹ e formigas-leão²¹⁰, impérios abundantes como o dos mongóis e também povos malditos como as dez tribos de Israel que foram aprisionadas por Alexandre entre montanhas da Escítia, referidos pela tradição e por Mandeville como Gog e Magog²¹¹. É do Oriente que são provenientes os “reis Magos”, as minas de Tarsis e Ofir e uma série de referências bíblicas que colaboram para torná-lo um lugar exótico e maravilhoso. Desde os primeiros viajantes gregos até depois do fim da Idade Média, o Oriente foi visto como o local onde se podem encontrar grandes riquezas rodeadas e guardadas por perigos e monstros²¹². Ao falar sobre o deserto onde se encontram as árvores do sol e da lua, referidos nas histórias de Alexandre Magno, Mandeville afirmou:

(...) creio que nem 100 mil homens armados poderiam atravessar a salvo esses desertos, em razão da grande quantidade de animais selvagens, enormes dragões e enormes serpentes que matam e devoram todos que se aproximem deles. Nessa terra, há inumeráveis elefantes brancos, unicórnios, leões de diversos tipos, muitos animais dos quais já vos falei e muitos outros animais espantosos. Na terra do preste João, existem muitas outras ilhas e muitas maravilhas, das quais levaria muito tempo falar, e muita riqueza, nobreza e grande quantidade de pedras preciosas.²¹³

Riquezas e maravilhas rodeadas de perigos e monstros. O respaldo dado pelas autoridades cristãs ao testemunho dos antigos sobre os portentos orientais só fortaleceu e oficializou a representação europeia da Ásia como terra de maravilhas e monstros, crença que persistiu e levou os europeus a procurarem tais riquezas dando a volta no orbe terrestre,

²⁰⁷ Idem, *ibidem*, p. 220.

²⁰⁸ É consenso historiográfico que o continente asiático é o *locus* privilegiado de maravilhas medievais. GIUCCI, G. Op. cit., p. 66-7.

²⁰⁹ MALAXECHEVERRÍA. Op. cit., p. 80.

²¹⁰ “há grandes montanhas de ouro guardadas cuidadosamente pelas formigas (...) são grandes como cachorros, de modo que as pessoas não ousam aproximar-se dessas montanhas, pois seriam por elas atacadas.” FRANCA, S. Op. cit., p. 247. Ver também: HOLANDA, S. Op. cit., p. 83.

²¹¹ FRANCA, S. Op. cit., p. 226.

²¹² GIL, J. Op. cit.. Ver também: HOLANDA, S. Op. cit., p. 21.

²¹³ FRANCA, S. Op. cit., p. 245.

navegando a oeste de Gibraltar, em meio ao Mar Oceano²¹⁴, rumo ao Oriente. O que não se esperava é que haveria outro grande continente no caminho.

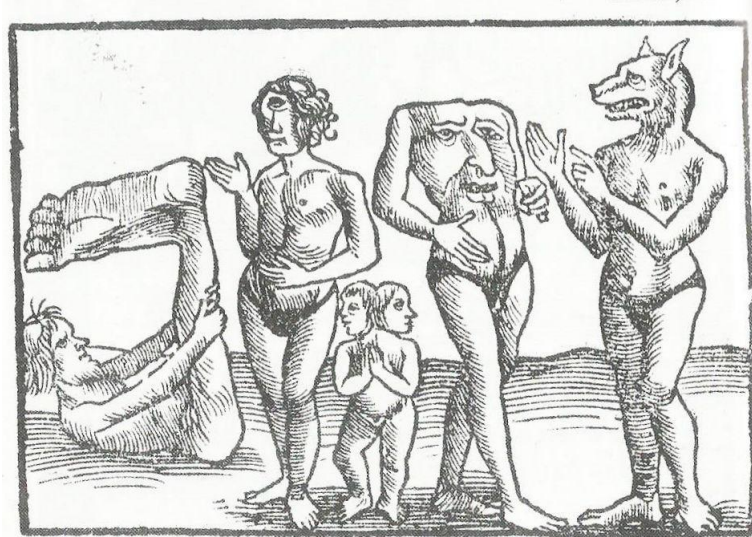


Figura 6: DEL PRIORE, Mary. **Esquecidos por Deus:** monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história sobre monstros do velho e do novo mundo (séculos XVI – XVIII). São Paulo: Companhia das letras, 2000.

²¹⁴ O Mar Oceano era o nome usado para se referir a toda massa de água salgada que se acreditava circundar a terra, e que posteriormente se dividiu nos diversos oceanos atuais: Atlântico, Pacífico, Índico, etc.

CAPÍTULO 2: VIAGEM ÀS CERCANIAS DO ÉDEN:

A busca pelo paraíso a partir das maravilhas.

2.1 O mar monstruoso.

Para os europeus do Medievo e ainda no século XVI, o mar representava um local de medos e perigos. O mar era considerado uma região marginal, instável, fora da experiência comum do cotidiano. E se o Mediterrâneo já fora o *mare nostrum* europeu, o chamado Mar Oceano que circulava os continentes era um local inóspito e temível. Já advertia o salmista Daniel no Antigo Testamento sobre os perigos do mar:

Os que descem ao mar em navios, os que fazem comércio nas grandes águas, esses vêem as obras do senhor, e as suas maravilhas no abismo. Pois ele manda, e faz levantar o vento tempestuoso, que eleva as ondas do mar. Eles sobem ao céu, descem ao abismo; esvaece-lhes a alma de aflição. Balançam a cambaleiam como ébrios, e perdem todo o tino. Então clamam ao senhor em sua tribulação, e ele os livra de suas angústias. Faz cessar a tormenta, de modo que se acalmam as ondas.²¹⁵

Estando as rotas para o Oriente praticamente fechadas após 1368 com a ascensão da dinastia Ming na China, o olhar do viajante europeu voltou-se para o oeste, não apenas para buscar novas rotas para o Oriente, como fizeram Colombo, Vespúcio e Magalhães no século XVI, mas o também buscavam as ilhas afortunadas, cuja existência fora relatada por Brandão²¹⁶. Para se chegar a elas, deveriam ser atravessados os Pilares de Hércules, o estreito de Gibraltar, que desde a Antiguidade eram vistos como um dos limites do mundo, os extremos ocidentais do copo místico de Cristo, após os quais não haveria mais terra habitada. Exceto por essas ilhas, o que sobrava era a imensidão das águas terríveis, cujas ondas os homens não deveriam singrar, sob o risco de nunca retornar. Por isso, navegar pelo Mar Oceano era um ato contra qualquer prudência, considerado tanto quanto audacioso e corajoso quanto imprudente e até mesmo loucura²¹⁷.

Vários provérbios²¹⁸ da época, bem como a poesia e a literatura, sobretudo os relatos de peregrinação à Terra Santa, avisavam dos riscos inerentes a quem se embrenhasse em suas

²¹⁵Salmo 107: 23-29.

²¹⁶KAPPLER, C. Op. cit., p. 58.

²¹⁷GIUCCI, G. Op. cit., p. 23- 49.

²¹⁸Lembrando que, conforme a explicação de Walter Benjamin, os provérbios são formas reminiscetes de narrativas, possuem portanto o resquício da experiência acumulada de diversas vidas, com função utilitária.

águas: tempestades, monstros, calmarias, morte. Além disso, vários males que assolaram os europeus vieram do mar, como as invasões dos sarracenos ou mesmo a Peste Negra.²¹⁹

Aqueles que viviam longe do mar comumente associavam-no ao pecado. Os marinheiros muitas vezes eram considerados pecadores ou maus cristãos, ou mesmo loucos e ladrões, pelos europeus do interior e até por homens da Igreja, apesar de muitos marinheiros empenharem-se em peregrinações e ex-votos, principalmente após terem sobrevivido a tempestades ou naufrágios.²²⁰ Além disso, o mar era considerado pelos marinheiros como um local privilegiado para a ação dos poderes demoníacos, o que se manifestava tanto nas furiosas tempestades quanto na presença de monstros que buscavam afundar os navios, o que gerou o costume de rezar partes do exorcismo antes de viagens ou mesmo jogar relíquias ou oferendas pagãs nas ondas²²¹, buscando espantar seus demônios. Isso tudo se devia ao caráter atribuído ao elemento água, muitas vezes associado ao caos, à loucura, principalmente quando em grande quantidade²²²: “abandonei-me à sorte e à mercê de um dos mais inconstantes e impiedosos elementos, em pequenas, frágeis e inseguras embarcações de madeira”²²³

Um dos fenômenos mais comuns associado à loucura, ao caos e às forças demoníacas do mar nos relatos de viagem desse período era a tempestade. Seja em Homero, nas novelas medievais, nas crônicas de peregrinação à Terra Santa ou nos relatos de viagem do século XVI, a tempestade era parte importante de qualquer narrativa dos que se aventuravam nas ondas do mar. Sua chegada é descrita em geral como súbita e violenta, acompanhada de escuridão, ventos contrários, relâmpagos, trovões, redemoinhos e ondas ameaçadoras, que ora sobem aos céus ora descem aos abismos mais profundos, ameaçando engolir as embarcações: “erguiam-se repentinamente borrascas que com tal fúria açoitavam as nossas velas, que nem sei como não nos viraram cem vezes de mastros para baixo e quilha para cima”²²⁴. Era comum a crença em sorvedouros que arrastavam os navios para o fundo do mar²²⁵. As tempestades podiam ser longas, chegando a alguns dias, e sempre representavam um perigo mortal para os marinheiros.²²⁶ Vale lembrar que um dos cabos mais difíceis de se dobrar era

²¹⁹ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 41.

²²⁰ Id. Ibid. p. 49.

²²¹ “daí vem o costume, usado ainda hoje por muitos navegantes, de atirar-se às águas uma moeda, na hora da partida, à guisa de presente e oferenda, homenageando os deuses do mar a fim de torná-los propícios e favoráveis.” THEVET, André. **As singularidades da França antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1978, p. 18.

²²² DELUMEAU, J. Op. cit., p. 50.

²²³ THEVET, A. Op. cit., p. 12.

²²⁴ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução de Sérgio Milliet. Biblioteca do Exército, 1961, p. 56.

²²⁵ KAPPLER, C. Op. cit., p. 233.

²²⁶ DELUMEAU, J. Op. cit., p. 43

chamado justamente de Cabo das Tormentas antes que Bartolomeu Dias conseguisse atravessá-lo, o que rebatizou-o de Cabo da Boa Esperança, em 1488, abrindo a rota para as Índias. Gonville afirmou ter enfrentado muitas tempestades:

(...) às vezes elevavam-se turbilhões em tempo sereno, que atormentavam muito mas não duravam. E também eram incomodados por chuvas fétidas, que manchavam as roupas; caindo sobre a pele, provocavam borbulhas; eram muito freqüentes. (...) E foi essa infelicidade seguida por outra, a saber, rudes tormentas, tão veementes que obrigados foram a se deixarem ir, por alguns dias, ao sabor do mar, ao abandono; e perderam a rota; o que muito os afligia, dada a necessidade que tinham de água e de se refrescarem na terra. Dizem que a tormenta foi seguida de calmarias...²²⁷

Nos primórdios da criação, Deus havia separado a terra das águas do mar e do céu, e viu que isso era bom²²⁸. Portanto, qualquer perturbação dessa ordem divina era vista como sobrenatural ou mesmo demoníaca, seja quando as ondas chegavam a tocar os céus, descer aos abismos do inferno ou engolir a terra, daí podemos perceber o caráter caótico e demoníaco atribuído às tempestades marinhas. Jean de Léry se admirou de ter sobrevivido às tempestades, “com a tormenta no mar somos erguidos ao alto dessas incríveis montanhas de água, como que até o céu, e subitamente jogados tão baixo como se devêssemos submergir nos mais profundos abismos”²²⁹. Por isso era comum que os marinheiros, em meio às tempestades, prometessem aos seus santos protetores e à Virgem Maria que logo que possível fariam ex-votos, penitências, peregrinações e mandariam rezar missas em sua honra, caso sobrevivessem a tais tormentos. Além disso, muitos comandantes exigiam que sua tripulação confessasse, comungasse e assistisse à missa antes de embarcarem para viagens longas, como relatado por Pigafetta sobre Magalhães: “ (...) todas as manhãs se saltava para a terra a fim de assistir à missa na igreja de Nossa Senhora de Barrameda. E, antes de partir, o capitão ordenou a toda a tripulação que se confessasse...”²³⁰

Uma maravilha muito relatada pelos navegadores durante as tempestades era a aparição do fogo de São Telmo em cima dos mastros dos navios, sinal de proteção e de que logo a tormenta passaria.

Durante as tempestades vimos frequentemente o que se chama Corpo Santo, isto é, São Telmo. Uma noite muito escura nos apareceu como uma maravilhosa tocha, na ponta do mastro maior, onde ardeu pelo espaço de duas horas, o que foi um consolo

²²⁷ MOISÉS, Leyla Perrone. **Vinte luas** : viagem de Paulmier de Gonville ao Brasil 1503-1505. 2ªed.São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 19, 20.

²²⁸ Genesis, 1: 7-10.

²²⁹ LÉRY, J. Op. cit., p. 47.

²³⁰ PIGAFETTA, Antonio. **A primeira viagem ao redor do mundo**: o diário da expedição de Fernão de Magalhães. Porto Alegre: L&PM, 2011, p. 51.

em meio à tempestade. Ao desaparecer, projetou uma luminosidade tão grande que nos deixou, por assim dizer, cegos. Nos considerávamos perdidos, porém o vento cessou naquele instante.²³¹

Esses fenômenos, que aparentemente possuem causas naturais ligadas à energia elétrica envolvida em tempestades com relâmpagos, podiam também ser interpretados de forma oposta, isto é, como manifestações demoníacas anunciadoras de problemas, assim como os fogos fátuos que dançavam sobre as ondas.²³²

Até mesmo o ar do mar podia ser pestilento: “... as ditas doenças provinham de estarem gastas e fedorentas as águas do navio, e também o ar marítimo, como pudemos verificar, já que o ar da terra e carnes e águas frescas curaram todos os doentes”²³³. Se quando em revolta o mar era temido, igualmente quando em calmaria suas águas eram amedrontadoras. Sem ondas ou ventos que pudessem retirar o navio do lugar, os marinheiros assistiam o tempo passar com a certeza de que morreriam de fome ou sede caso a situação não mudasse²³⁴: “tivemos tormenta durante três ou quatro dias. Em seguida o mar se tornou tão manso que os navios pareciam fixos na água e se o vento não se levantasse, nunca mais teríamos saído dali”²³⁵.

Outra maravilha do mar eram as rochas imantadas que atraíam os ferros dos navios, destruindo-os ao passar por seus arredores. Segundo Plínio Velho essas rochas, que por vezes eram relatadas como uma montanha, ficavam em algum ponto no caminho para as Índias²³⁶, Mandeville localizou-as nos mares que banham a terra do Preste João:

(...) em muitos lugares do mar há grandes rochas de pedras imantadas, cuja própria natureza atrai o ferro; daí que não navegam por ali barcos que tenham amarras ou cravos de ferro, pois logo seriam atraídos até essas rochas e não poderiam jamais sair dali. Eu mesmo vi nesse mar, ao longe, algo que parecia uma grande ilha cheia de arvores e matagais com grande quantidade de espinhos e sarças. Disseram-nos os marinheiros que eram barcos que haviam sido atraídos até ali pelas rochas imantadas. E quando apodreceu o que havia dentro, cresceram esses arbustos, espinhos, sarças e outras ervas em grande quantidade. Há rochas como essas em muitas partes dos arredores...²³⁷

Thevet também relatou a existência de “formidáveis rochedos que atraem os navios por causa do ferro de suas chapas”²³⁸. Um perigo que foi se tornando progressivamente comum no

²³¹Id. Ibid. p. 52.

²³²DELUMEAU, J. Op. cit., p. 48.

²³³MOISÉS, L. Op. cit., p. 25-26.

²³⁴DELUMEAU, J. Op. cit., p. 42.

²³⁵LÉRY, J. Op. cit., p. 59.

²³⁶DELUMEAU, J. Op. cit., p. 52.

²³⁷FRANCA, S. Op. cit., p. 229.

²³⁸THEVET, A. Op. cit., p. 185.

Atlântico era o saque de piratas e corsários. Paulmier de Gonneville perdeu tudo o que havia recolhido de sua viagem ao Brasil para piratas, incluindo o navio com os diários de bordo, durante seu retorno à França:

(...) nas vizinhanças das ilhas Jersey e Guernesey, quis a infelicidade que encontrassem um corsário Inglês, chamado Edouard Blunth, de Plymouth: contra o qual decidiram, de comum acordo, defender-se; o que foi feito, até que por detrás das ditas ilhas apareceu um outro bandido espinhoso, francês de nação, a saber, o capitão Mouris Fortin, bretão, já condenado por piratarias. E então, por não estarem em igualdade de condições, foi preciso ir dar à costa, onde os homens foram em parte salvos, e o navio despedaçado e perdido com tudo que nele havia, afora o que os ditos corsários tiveram tempo de saquear antes que o navio acabasse de afundar. E houve homens mortos e matados.²³⁹

Os piratas eram um perigo não só aos navios, mas também às cidades e vilas costeiras que estivessem desguarnecidas, aumentando ainda mais o temor trazido pelo mar. Knivet relatou vários exemplos de saques a navios e povoações da costa brasileira durante sua viagem sob o comando do pirata inglês Thomas Cavendish:

quando finalmente nos aproximamos da costa avistamos dois pequenos barcos, um dos quais capturamos e o outro escapou. O que tomamos estava carregado de negros e alguma mercadoria (...). De tarde, após incendiarmos mais um navio e queimarmos todas as casas, deixando o comerciante e todos os seus negros na praia, partimos de lá.²⁴⁰

O próprio Knivet, que atuou como pirata e saqueou navios portugueses, chegou a lamentar a escolha de ter-se lançado ao mar, quando se viu no meio de canibais, longe de qualquer europeu, no interior do território brasileiro sem esperança de um dia retornar à Inglaterra: “então comecei a amaldiçoar o dia em que pela primeira vez ouvi falar do mar, e me lamentei, pensando como pude ser tão tolo em abandonar minha própria terra onde nada me faltava.”²⁴¹

Como se as tempestades, calmarias, piratas e o pouco conhecimento das regiões marinhas não bastasse, o mar também era povoado por monstros. O Gênesis conta que “criou, pois, Deus os monstros marinhos”²⁴², e ainda no antigo testamento é descrito o Leviatã, gigantesco monstro marinho²⁴³. Plínio Velho dizia que cada criatura terrestre possuía uma versão marinha equivalente, como o leão marinho, cavalo marinho, e até mesmo diabos do mar, bem como o monge marinho e até o peixe bispo, “um monstro marinho semelhante a um

²³⁹ MOISÉS, L. Op. cit., p. 28.

²⁴⁰ KNIVET, A. Op. cit., p. 37-9.

²⁴¹ Id. Ibid. p. 123.

²⁴² Genesis 1: 22.

²⁴³ Jó, 41: 2-27.

bispo vestido com seus hábitos pontificais”²⁴⁴. Gonneville falou de bandos de peixes voadores “com asas como as dos morcegos”²⁴⁵, além de peixes-galos, enquanto Pigafetta encontrou lobos marinhos²⁴⁶. Os bestiários medievais atribuíam maravilhas às criaturas marinhas, como o *Liber Monstruorum de diversis generibus* (século VI-IX, Irlanda), que dizia:

São sem dúvida infinitas as raças de feras marinhas que, com corpos desmesurados como altas montanhas, sacodem com seus peitos as ondas mais gigantescas e as extensões de água quase erradicadas das profundezas (...) Sugando com horríveis redemoinhos as águas já agitadas pela grande massa de seus corpos, dirigem-se para a praia oferecendo a quem as observa um espetáculo aterrorizante.²⁴⁷

Knivet experimentou as conseqüências de se encontrar com baleias no mar: “enquanto atravessávamos uma grande baía, uma baleia virou uma de nossas canoas, mas recolhemos os homens que caíram no mar e continuamos em nossa rota”²⁴⁸. A baleia era considerada um perigo, “verdadeiros monstros marinhos”²⁴⁹, pois tinha o costume de ficar imóvel na superfície da água, sendo confundida com uma ilha devido ao seu tamanho, naufragando quem nela aportasse:

El monstruo es enorme, como una isla. Los navegantes, en su ignorancia, fondean junto a él su embarcación. Como en la orilla de una isla. Encienden fuego encima para preparar su comida; cuando el monstruo siente el calor, se hunde en las profundidades del mar y arrastra consigo la nave y a todos los marinos.²⁵⁰

²⁴⁴ PLÍNIO. *Historia Natural*. Capítulo IX, 2. Apud: KAPPLER, C. Op. cit., p. 327.

²⁴⁵ MOISÉS, L. Op. cit., p. 19.

²⁴⁶ PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 57.

²⁴⁷ ECO, H. Op. cit., p. 112.

²⁴⁸ KNIVET, A. Op. cit., p. 94.

²⁴⁹ LÉRY, J. Op. cit., p. 128.

²⁵⁰ MALAXECHEVERRÍA. Op. cit., p. 48.

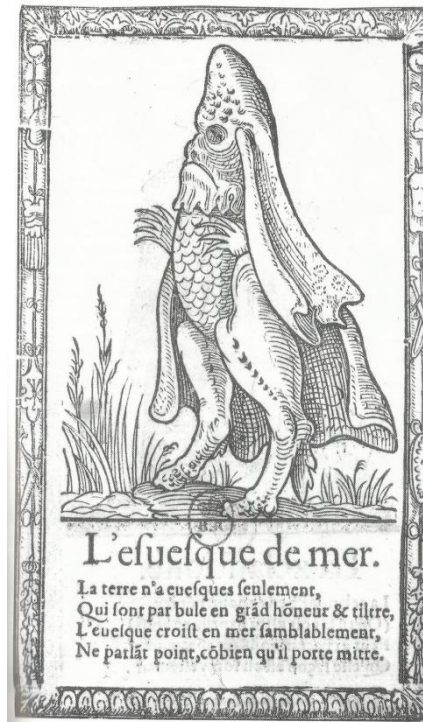


Figura 7: O Bispo do Mar. DEL PRIORE, Mary. **Esquecidos por Deus:** monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história sobre monstros do velho e do novo mundo (séculos XVI – XVIII). São Paulo: Companhia das letras, 2000.

Jean de Léry assustou-se à primeira vez que viu uma baleia, acreditando tratar-se de um rochedo que despedaçaria o navio, e quando a criatura submergiu às profundezas, o alívio ao ver que o choque não ocorreria foi logo frustrado pelo temor do barco ser também tragado pelo redemoinho criado pelo mergulho do animal, “na verdade é um espetáculo horrível (...) ver esses monstros folgarem a bel-prazer na imensidão das águas”²⁵¹. Já a Rêmora, que realmente consegue fixar-se a outros peixes, era vista como uma maravilha, pois podia imobilizar navios, o que durante as tempestades poderia ser a salvação dos navegantes:

Este pez no llega a um pie de longitud. Y tiene la gran propiedad de que no encuentra nave demasiado grande ni demasioado rápida, si se aferra a ella, como para inmovilizarla, de forma que no pueda avanzar ni retroceder. Y quando hay gran tempestad en el mar, suele suceder ocasionalmente que él se coloca debajo de alguna nave. Entonces, la nave está totalmente segura; pues no puede perecer ni sufrir daño, ni ela ni nada de lo que contenga. Y algunas se han salvado – naves, y gentes que viajaban en ellas - , merced al poder del pez que se aferro al barco.²⁵²

²⁵¹ LÉRY, J. Op. cit., p. 59.

²⁵² MALAXECHEVERRÍA. Op. cit., p. 65.

Uma maravilha muito narrada sobre o mar era o encontro com cardumes de peixes-voadores²⁵³. Além do fato de poderem voar, que por si já constitui uma maravilha, esses peixes eram vistos sempre em grande número, o que causava espanto aos navegantes, “Vi também peixes voadores e outros pescados apinhados em tão grande quantidade que pareciam formar um barco no mar.”²⁵⁴, conta Pigafetta sobre esses peixes, acrescentando adiante:

Estes, quando são perseguidos, saem da água e abrem as barbatanas nadatórias, que são bastante longas, para servir-lhes de asas, e voam à distância de um tiro de balista, em seguida voltam a cair na água. Durante esse tempo, seus inimigos, guiados por sua sombra, os seguem, e no momento em que mergulham de novo na água os agarram e os comem. Estes peixes voadores têm mais de um pé de comprimento e são um excelente alimento.²⁵⁵

Staden, ao descrevê-los, acrescenta que voavam tão alto que “frequentemente os encontrávamos no convés de manhã, onde caíam à noite ao voar.”²⁵⁶. Thevet classificou-os em duas espécies distintas, uma maior com quatro asas, outro menor e mais comum, semelhante a uma lampreia, com duas asas só, dizendo que no mar à noite “é comum serem avistados enormes cardumes de peixes-voadores, sendo o seu número tão exagerado que muitos deles estão frequentemente chocando-se contra as velas do navio, caindo depois no convés”²⁵⁷. Léry, que confessou não ter acreditado na existência dos peixes voadores até o dia em que os viu em grande quantidade no mar²⁵⁸, descreveu-os de forma semelhante aos outros viajantes anteriores.

Haviam outros monstros singulares que habitavam sob as águas. Léry relatou que sua tripulação pescou “grande quantidade de peixes de várias espécies diferentes das nossas. Entre eles havia um disforme, monstruoso, todo sarapintado.”²⁵⁹ Mais adiante em seu relato, descreveu um peixe que “tem a cabeça muito grande, monstruosa, em verdade, em relação ao resto do corpo, duas barbatanas debaixo das guelras, dentes mais aguçados que os dos lúcios, espinhais penetrantes, e são armados de escamas tão resistentes que não creio lhes faça moossa uma cutilada”²⁶⁰. Ainda que relutante em confirmar ou desmentir a veracidade de um relato que ouviu de um índio brasileiro, uma vez que ele mesmo não havia encontrado peixes com

²⁵³ Existe efetivamente uma espécie de peixe que consegue saltar da água e planar por vários metros sobre o mar, chamado *Exocetus Volitans*.

²⁵⁴ PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 52.

²⁵⁵ Id. Ibid. p. 70.

²⁵⁶ STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 35.

²⁵⁷ THEVET, A. Op. cit., p. 222.

²⁵⁸ LÉRY, J. Op. cit., p. 52.

²⁵⁹ Id. Ibid. p. 66.

²⁶⁰ Id. Ibid. p. 129.

feições humanas, Léry preferiu narrar a história do nativo e deixar que o leitor decida acreditar ou não:

Disse-me ele que, estando certa vez com outros em uma de suas canoas de pau, por tempo calmo em alto mar, surgiu um grande peixe que segurou a embarcação com as garras procurando virá-la ou meter-se dentro dela. Vendo isso, continuou o selvagem, decepei-lhe a mão com uma foice e a mão caiu dentro do barco; e vimos que ela tinha cinco dedos como a de um homem. E o monstro, excitado pela dor pôs a cabeça fora d'água e a cabeça, que era de forma humana, soltou um pequeno gemido. Resolva o leitor sobre se se tratava de um tritão, de uma sereia ou de um bugio marinho, atendendo a opinião de certos autores que admitem existirem no mar todas as espécies de animais terrestres.²⁶¹

No mar, os tubarões representavam outro perigo aos navegantes: “enormes tubarões nadavam próximo de nosso navio. Esses tubarões têm fileiras de dentes terríveis e, se por desgraça encontram um homem no mar, o devoram no ato”²⁶². Em alguns relatos, o tubarão chega a ser descrito como assombroso:

Em toda a costa americana encontra-se um tipo de peixe muito perigoso e do qual os selvagens tem verdadeiro pavor, visto tratar-se de um bicho tão voraz e terrível quanto um leão ou lobo esfaimado. (...) os selvagens (...) temem-no extraordinariamente, e não sem razão: quando este animal consegue pegá-los, arrasta-os para o fundo e os despedaça; ademais, onde quer que morda, sempre arranca um pedaço!²⁶³

Jean de Léry descreveu-os como monstruosos: “não são apenas monstruosos, têm ainda os dentes aguçados e são tão perigosos que se pegam um homem pela perna ou outra qualquer parte do corpo ou arrancam o bocado ou carregam a vítima para o fundo do mar”²⁶⁴, acrescentando que como não fossem bons para se comer era entretenimento entre os marinheiros caçar essas criaturas, arrancar suas nadadeiras e amarrá-las pela cauda, deixando que se debatesse no mar até a morte. Anthony Knivet, herói de seu próprio relato, enfrentou mais essa fera e sobreviveu:

²⁶¹Id. Ibid. p. 131.

²⁶²PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 52.

²⁶³THEVET, A. Op. cit., p. 216-7.

²⁶⁴LÉRY, J. Op. cit., p. 55.

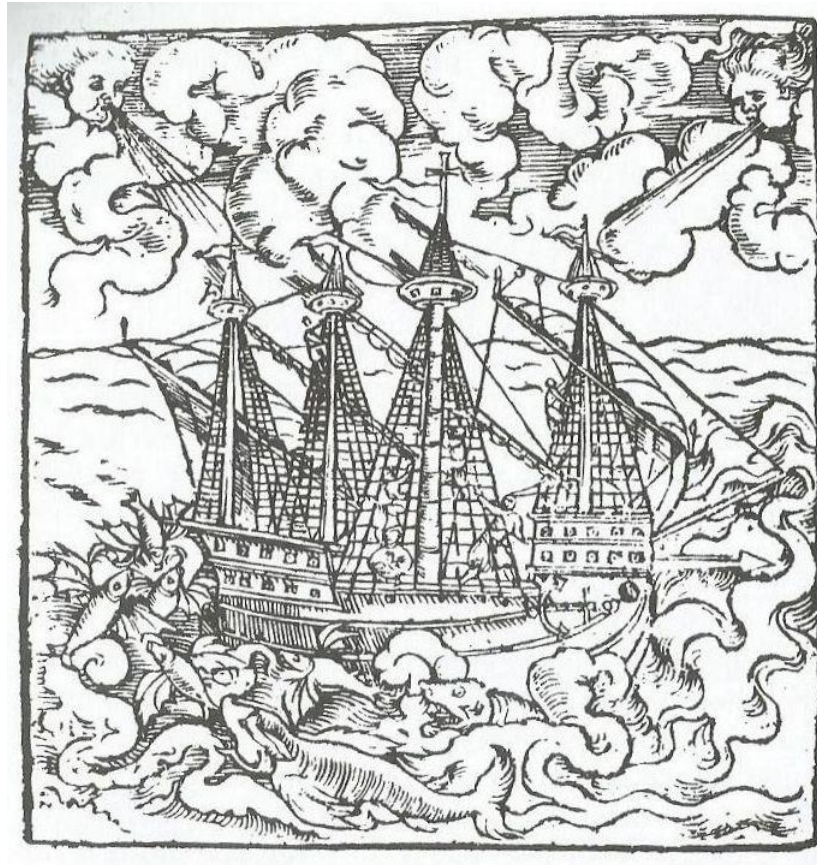


Figura 8:Navio em meio à tempestade e ventos contrários, rodeado por peixes voadores. STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil.** Porto Alegre: L&PM, 2013.

Mais ou menos à meia-noite (...) o tubarão físgou o anzol e, como a linha estava embaixo de mim, acordei. Com a linha na mão, ao correr pelas pedras, não sei como a linha acabou se enroscando na minha perna e o peixe me arrastou para o mar. Assim que caí na água o tubarão nadou na minha direção como se fosse me devorar, mas logo que o vi se aproximando consegui agarrar o anzol que estava na sua boca e, com um puxão para baixo, acabei conseguindo que o tubarão nadasse para longe.²⁶⁵

Se para a maioria dos europeus o mar era um local temido a ser evitado, para os navegadores era um desafio, sobretudo a partir do século XVI. Muitos dos almirantes e capitães que singravam o mar rumo ao Novo Mundo e ao Oriente deviam lutar constantemente contra o medo da tripulação acerca dos perigos marítimos. Se por um lado o avanço das técnicas de navegação, o progresso da cartografia, da construção naval e o maior conhecimento dos mares possibilitaram que muitos dos perigos das viagens marítimas fossem minimizados, o aumento do tempo das viagens acabou trazendo novos riscos aos marinheiros, como a putrefação dos alimentos, o escorbuto, o contato com povos inimigos ou

²⁶⁵ KNIVET, A. Op. cit., p. 78.

desconhecidos e até mesmo os ciclones das zonas tropicais²⁶⁶, tudo isso contribuindo para aumentar a mortalidade dos navegantes e o medo de realizar tais viagens:

(...) navegamos durante três meses e vinte dias sem provar nenhum alimento fresco. Já não tínhamos mais nem pão para comer, mas apenas polvo impregnado de morcegos, que tinham lhe devorado toda substância, e que tinha um fedor insuportável por estar empapado em urina de rato. A água que nos víamos forçados a tomar era igualmente pútrida e fedorenta. Para não morrer de fome, chegamos ao ponto crítico de comer pedaços do couro com que se havia coberto o mastro maior, para impedir que a madeira roçasse as cordas. (...) Frequentemente nossa alimentação ficou reduzida a serragem de madeira como única comida, posto que até os ratos, tão repugnantes ao homem, chegaram a ser um manjar tão caro, que se pagava meio ducado por cada um. Mas isto não foi o pior. Nossa maior desdita foi no vermos atacados por uma enfermidade (escorbuto) pela qual as gengivas se incham até o ponto de sobrepassar os dentes... morreram dezenove...²⁶⁷

A morte, elemento constituinte e enriquecedor de toda narrativa segundo Benjamin, rondava toda aventura dos que se lançavam ao mar. Ainda assim, os europeus dos séculos XV e XVI continuavam a enfrentar esses perigos em busca de terras distantes e suas recompensas.

Desejando encontrar as maravilhosas ilhas afortunadas, os viajantes acabaram por descobrir diversas ilhas no Atlântico: Madeira (1423), Canárias (1424), Açores (1432), Cabo Verde (1456-8); no mesmo período em que Constantinopla foi tomada pelos turcos (1453) e Gibraltar (1462) e Granada (1492) pelos espanhóis e que Gutemberg aperfeiçoou a imprensa (1449)²⁶⁸, causando uma crescente difusão de obras escritas a partir de então. Essas ilhas do Atlântico serão identificadas como “pertencentes ao grupo das ilhas Afortunadas”²⁶⁹ indicadas no relato medieval de Brandão, o que contribuiu para dotar as terras a oeste dos Pilares de Hércules de um caráter maravilhoso: “a navegação nossa foi pelas ilhas Afortunadas, desse modo antes chamadas, mas que presentemente se chamam ilhas da Grande Canária...”²⁷⁰

²⁶⁶ DELUMEAU, J. Op. cit., p. 44.

²⁶⁷ PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 79-80.

²⁶⁸ Os Chineses, além de terem inventado o papel no século I, também já possuíam um sistema de imprensa de xilogravura e de tipografia desde a dinastia Song (960-1279), apesar dessa última ser pouco utilizada, graças ao grande número de caracteres no alfabeto Chinês.

²⁶⁹ LÉRY, J. Op. cit., p. 48.

²⁷⁰ VESPUCIO, A. Op. cit., p. 91.



Figura 9: Viagem como loucura. Mapa anônimo baseado em original de Ortelio, c. 1600.

Douce Portfolio 142 (92). Boudleian Library, Oxford.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões Maravilhosas; o deslumbramento do Novo Mundo.**

São Paulo: EDUSP, 1996, p. 121.

É significativo o fato de que, antes que Vasco da Gama chegasse efetivamente às Índias navegando pelo sul da África (1498), Colombo julgava haver chegado ao Oriente navegando pelo Oeste do Mar (1492), dando a volta no globo e, pelo menos até que Américo Vespúcio desfizesse o equívoco e demonstrasse que as terras aportadas por Colombo tratavam-se de uma região desconhecida pelos europeus, a representação do maravilhoso oriental foi transferindo-se para as terras do oeste, contribuindo inclusive para realocar o paraíso, antes considerado situado no Oriente, para as terras que depois serão chamadas de Novo Mundo. O fato de saber que as terras a oeste do mar não eram as mesmas que as descritas pelos antigos e por navegadores como Marco Polo e Mandeville não destituiu dessas localidades o caráter maravilhoso atribuído pelos europeus.

Existia, desde a Antiguidade, um modelo climático do mundo dividido em cinco zonas, duas seriam regiões de frio extremo, as regiões polares, outra era a já citada zona tórrida, de um calor insuportável, e as duas restantes seriam as únicas capazes de abrigar vida, por serem mais temperadas²⁷¹. Porém, essas duas zonas temperadas estavam separadas pela

²⁷¹ Segundo Giucci, duas obras do século V formavam junto com a Bíblia as mais importantes autoridades geográficas da Idade Média: O “Comentário ao sonho de Cipião” de Macróbio e o “De nuptiis Philologiae et

intransponível zona tórrida. Embora as duas zonas pudessem ser habitadas, Agostinho já havia explicado que somente uma o era por homens, dado que teologicamente não poderiam existir filhos de Adão que não tivessem acesso ao evangelho, daí concluiu-se a inabitabilidade das antípodas, conforme explicamos no capítulo anterior. Entretanto, com as navegações iniciadas a partir do século XV na costa da África e nas ilhas do Atlântico, bem como depois da chegada dos europeus à América, a força dessas autoridades começou a chocar-se com a experiência dos viajantes, que passaram a defender que a zona tórrida era não apenas habitável e habitada, mas que também possuía clima muito agradável e grandes populações vivendo nessas regiões.

(...) Novo Mundo é lícito chamar, porque entre os antepassados nossos de nenhum deles se teve conhecimento, e a todos aqueles que isso ouvirem será novíssima coisa, visto que isto a opinião dos nossos antepassados excede, uma vez que a maior parte diz que além da linha equinocial para o meio-dia não há continente, só o mar, ao qual Atlântico chamaram; e se algum entre eles ali continente afirmou e aquela ser terra habitável, por muitas razões negaram. Mas esta sua opinião ser falsa e à verdade de todos os modos contrária, esta minha última navegação atestou, visto que naquelas regiões meridionais o continente descobri, habitado de mais freqüentes povos e animais do que a nossa Europa, ou Ásia, ou África, e ainda o ar mais temperado e ameno que em outras regiões de nós conhecidas²⁷²

Da mesma forma, outras certezas tradicionais começaram a ser abandonadas a partir das viagens marítimas iniciadas no século XV, como a ideia de que o orbe terrestre tivesse uma maior extensão de terra que de água em sua superfície, o que foi contradito com a cartografia e com a circunavegação do mundo, ou que a cor da pele dos seres humanos dependia da intensidade do sol na região em que se vive, uma vez que num mesmo clima ou latitude poderiam existir brancos e pretos, ou ainda que houvessem lugares de climas extremos que não poderiam ser habitados, já que os viajantes encontraram homens até nos desertos e nos pólos. A própria descoberta do Novo Mundo já abalava a sabedoria e autoridade dos antigos, que não relataram conhecer essas terras²⁷³. Assim, aos poucos, a força da tradição começou a perder espaço para a verificação empírica a partir do século XVI. Muitos eruditos do período, entretanto, tentaram conciliar o ensinamento das autoridades com a inegável experiência das viagens²⁷⁴, como veremos detalhadamente adiante.

Mercurii” de Marciano Capella. Essas obras embasavam a divisão do mundo nas cinco zonas climáticas. GIUCCI, G. Op. cit., p. 54-56.

²⁷² VESPUCIO, A. Op. cit., p. 89.

²⁷³ GREENBLATT, S. Op. cit., p. 40. Ver também THEVET, A. Op. cit., p. 48. Exceção feita, de certa forma, a S. Brandão, que teria relatado a existência das Ilhas Afortunadas.

²⁷⁴ HOLANDA, S. Op. cit., p. 350.

2.2 O viajante.

De uma forma geral, o europeu do século XVI possuía uma grande confiança na sua superioridade em relação ao outro, na obviedade de sua crença e na centralidade de sua cultura. Essa atitude era clara quando entravam em contato com povos diferentes e, portanto, inferiores segundo seu julgamento, esperando que esses povos, por mais diversos que pudessem ser, abraçassem sem demora a fé e cultura europeia, tida como cristalina e auto-evidente, sem com isso esperar serem tratados como iguais. Jean de Léry, por exemplo, apesar de em diversos momentos exaltar algumas singularidades dos indígenas e usá-las para criticar conterrâneos seus que na sua concepção eram piores que os selvagens, deixou claro que considerava os nativos americanos inferiores aos europeus e demais povos que conheciam a escrita, afirmando que os mesmos “devem louvar a Deus pela sua superioridade sobre os dessa quarta parte do mundo (...) Além da invenção da escrita, os conhecimentos de ciência que aprendemos pelos livros e que eles ignoram, devem ser tidos como dons singulares que Deus nos concedeu.”²⁷⁵

Além de possuírem um aparato tecnológico avançado que os fizesse crer em sua superioridade, como a escrita principalmente, mas também as armas de fogo, animais treinados para a guerra, navios e toda a aparelhagem náutica disponível, o cristianismo embasava uma fé na superioridade dos europeus, representantes do único deus verdadeiro, cuja palavra deveria espalhar-se pelo mundo, num combate milenar contra o mal.²⁷⁶ Daí a certeza de muitos viajantes na rápida conversão à “fé verdadeira” de muitos povos indígenas, que apesar de idólatras “adoradoras de demônios”, demonstravam certa simplicidade que potencialmente os tornariam bons cristãos, nem que para isso os europeus tivessem que utilizar a violência coercitiva.

Os viajantes do século XVI acreditavam conseguir entender o que os nativos de diversos lugares queriam dizer através de sinais e gestos desconhecidos, interpretando o discurso a partir de sua própria lógica europeia. Essa crença na capacidade de compreensão gestual possui raízes na opinião de Agostinho, que por sua vez se apropria de uma tradição da Antiguidade tardia, que dizia existir uma linguagem universal de expressões faciais e gestos.²⁷⁷

²⁷⁵ LÉRY, J. Op. cit., p. 164.

²⁷⁶ GREENBLATT, S. Op. cit., p. 25-6.

²⁷⁷ Id. Ibid. p. 132-3.

Por sua vez, os letrados do renascimento tinham como marca de sua educação a exibição de habilidades retóricas e hermenêuticas, o uso de um estilo elegante de escrita era símbolo de distinção e refinamento do autor. O uso desse estilo era o que fazia com que a narrativa fosse considerada autêntica e legítima pelo grupo literário ao qual pertencia o autor.²⁷⁸ E essa era mais uma permanência da Idade Média, quando forma e conteúdo mesclavam-se. Para os letrados desse período, a forma era significativa, era a partir dela que se justificava a realidade manifesta e se imaginava aquilo que era desconhecido.²⁷⁹

Entretanto, uma retórica muito rebuscada podia eclipsar uma descrição mais transparente das coisas encontradas nas novas terras, distorcendo a representação daquilo que realmente havia sido testemunhado. No caso dos relatos de viagem, muitas vezes o que seus leitores almejavam (e instituições como a Coroa ou companhias mercantis) era um testemunho o mais fiel possível da realidade encontrada no Novo Mundo, em detrimento de um estilo requintado.²⁸⁰ Jean de Léry afirma não citar outros autores, quase com orgulho de assim demonstrar sua narrativa mais próxima da experiência do que da tradição: “muito raramente recorri aos outros. Mas, a meu ver, além de uma história que não se enfeita com as penas de outrem ser de mais fácil entendimento para os leitores, já ela se mostra bastante rica, bem alimentada por seu próprio assunto”, aproveitando-se para acusar seu rival Thevet de ter escrito mentiras sobre a realidade do Novo Mundo, rebuscando demais o texto e se distanciando da verdade, enquanto que o seu próprio relato “se trata de coisas científicas, de experiências, de coisas que talvez ninguém tenha ainda tratado”.²⁸¹

Destarte, coube aos autores dos relatos de viagem lançar mão de recursos que tornassem sua narrativa crível, ao mesmo tempo em que buscavam manter a fidelidade e certos tópicos retóricos em seus textos. Assim, por vezes, alguns autores questionaram e até abandonaram aquilo que era considerado como certo pela autoridade dos antigos, outras vezes mantiveram a fidelidade à tradição dos relatos de viagem, mas sempre buscavam respaldar a veracidade de sua narrativa através da reafirmação de testemunho ocular “tudo isso eu vi, e estive presente”²⁸², ou da indicação de outras testemunhas que presenciaram alguma maravilha relatada, como fez Staden ao enumerar e nomear os alemães que o acompanharam na primeira viagem e os oficiais dos navios da segunda²⁸³, ou mesmo omitindo-se de afirmar que viu alguma coisa maravilhosa demais a ponto de ser duvidosa, delegando a outros o encargo do

²⁷⁸ KAPPLER, C. Op. cit., p. 72.

²⁷⁹ Id. Ibid. p. 14.

²⁸⁰ GREENBLATT, S. Op. cit., p. 188-9.

²⁸¹ As duas citações desse parágrafo foram retiradas de LÉRY, J. Op. cit., p. 37.

²⁸² STADEN, H. Op. cit., p. 167.

²⁸³ Idem, ibidem, p. 180.

testemunho ocular: “isto me foi contado por nosso piloto Juan Carvajo, que havia passado quatro anos no Brasil.”²⁸⁴, “Não irei registrar os locais dali até Cabo Frio pois só os conheço pelo relato de outros viajantes. Deixo portanto a eles essa tarefa, pois não escreverei nada além do que vi e posso provar quando for necessário.”²⁸⁵

Era a partir dessas considerações que os relatos de viagem quinhentistas se construía. Cada relato possui uma especificidade, de acordo com cada autor, apesar das inúmeras semelhanças retóricas de seus textos. Europeus oriundos de regiões e temporalidades distintas, os viajantes apropriaram-se, uns mais outros menos, da representação do maravilhoso de terras distantes, o Oriente por excelência, e acabaram por construir uma representação do Novo Mundo como repositório desse maravilhoso. O peso da tradição se fez sentir, mas não foi suficiente para impedir que os viajantes criticassem autoridades constituídas em favor da constatação empírica de novos conceitos que o contato com as terras de além-mar trouxeram. O século XVI foi um período de inúmeras mudanças na forma como o europeu (e não só ele, mas também os ameríndios, africanos e asiáticos) apreendia a realidade ao seu redor, de como percebia seu papel no cosmo e como passou a enxergar o outro, processo que foi acelerado tanto pelas terras descobertas quanto pela difusão da imprensa. Se qualquer período histórico pode ser chamado de “período de transição”, o século XVI é um exemplo como poucos, talvez inigualável por épocas anteriores. Essa mudança na representação de mundo pode ser percebida, inclusive, nos relatos de viagem. De Vespúcio a Knivet, podemos acompanhar as mudanças não apenas com relação à colonização do Novo Mundo, mas também no que tange à esfera do maravilhoso.

Vejam os então quem são esses viajantes que não apenas acompanharam como também moveram essa mudança da representação cosmológica da cultura Ocidental. Trataremos primeiramente suas trajetórias de vida antes de adentrar em seus relatos e compará-los. Começamos pelo primeiro a chegar à América Portuguesa e perceber que o território era até então desconhecido por sua cultura: Américo Vespúcio. Sua figura histórica não é muito clara, os registros sobre ele não são abundantes e por vezes chegam a ser duvidosos. A data provável de seu nascimento seria 1452. Filho de um Notário da cidade de Florença, Vespúcio frequentou a universidade dessa cidade, tomando contato com a cultura humanista do período. Seu próprio tio era humanista e teria ensinado a ele e a Piero Sorderini, que foi o destinatário da “Lettera”, última carta atribuída a Américo. Letrado de ramo fidalgo, Vespúcio

²⁸⁴PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 55.

²⁸⁵KNIVET, A. Op. cit., p. 231. Entretanto, mais adiante em seu relato Knivet descreve localidades que nunca visitou, mas que sempre almejou alcançar, como Potosí, que julgava próximo ao interior da capitania de São Vicente.

demonstrava especial interesse e domínio pela astrologia, o que se refletiu em seus relatos. Em 1492 (ano que Colombo chegou ao Novo Mundo), o florentino mudou-se para Sevilha (Espanha) com um cargo numa filial bancária dos Médici, onde acabou tomando contato com navegantes, cujas viagens eram muitas vezes financiadas por seus empregadores. Sete anos depois partiu para as terras encontradas à oeste do mar Oceano, e tornou-se o responsável por esclarecer que Colombo havia se equivocado, que essas terras não eram o Oriente mas um continente até então desconhecido, e que o mundo era maior do que se imaginava.

Quatro cartas e um texto fragmentado são atribuídos a Vespúcio, porém não existe versão original de nenhuma delas, apenas cópias e versões traduzidas por anônimos. Além disso, em alguns pontos esses registros são conflitantes, como quando fazem referências a localidades, datas e percursos. Entretanto, as mais importantes, como a *Mundus Novus* e a *Lettera*, foram publicadas enquanto Vespúcio ainda vivia, e como não há notícia de nenhuma denúncia de falsificação, podemos crer que ou são verdadeiramente escritas por ele, ou se alguma é falsa, isso não incomodou o autor. Sejam textos autênticos ou não, o fato é que as cartas atribuídas ao navegador Florentino tiveram grande sucesso de público, a *Mundus Novus* contava com dez edições em latim em 1504, e em 1506 já havia dez edições em alemão, seguidas por outras em holandês em 1508 e daí para o restante da Europa. Os relatos de suas quatro viagens (três delas ao Brasil) obtiveram, portanto, grande difusão entre os letrados da época. Sua narrativa espelha sua formação humanista, pois abunda em referências cosmográficas e astronômicas, demonstrando que Vespúcio conhecia a tradição dos antigos referentes às terras distantes, mas isso não o impediu de colocar a força das autoridades em choque com as observações empíricas que realizou ao longo das suas viagens, como veremos adiante. Ao morrer em 1512, Vespúcio era instrutor de navegação, ocupava o cargo de Piloto Maior da Espanha, nomeado pelo rei, encarregado da elaboração e gerência das viagens de exploração marítima desse país.²⁸⁶

O relato de viagem original do comerciante Binot Paulmier de Gonneville também se perdeu. Os diários de bordo e as anotações feitas durante a viagem foram perdidos quando o navio naufragou na volta à Europa após ser atacado por piratas, o que fez com que o Capitão Gonneville fizesse uma declaração à justiça sobre a viagem, pedindo atitudes contra os piratas que o atacaram e as mercadorias e bens que ele e seus sócios perderam devido ao saque. Essa declaração, que por sua vez é uma cópia autenticada do manuscrito original que se perdeu, feita no século XVII, só foi encontrada e publicada em 1869. Portanto, a narrativa feita por

²⁸⁶VESPUCIO, A. Op. cit., introdução, p. 11-45.

Gonneville não foi publicada em sua época, nem parece ter sido produzida para esse fim, não buscava, portanto, uma aceitação do público ou dos eruditos do período, o que a torna diferente da maioria dos relatos de viagem do século XVI.

Segundo a declaração, Gonneville e sua tripulação de sessenta homens partiram de Honfleur (França), em 1503 (mesmo ano da publicação de *Mundus Novus* em latim em Paris), no navio *L'Espoir*, bem abastecidos e armados, com mercadorias conhecidas por serem de maior procura nos portos do Oriente, que era para onde o navio se dirigia. Os custos da viagem foram divididos entre Gonneville e mais oito companheiros comerciantes, que inclusive contrataram dois portugueses que já haviam estado nas Índias para ajudar com suas experiências. Entretanto, devido a tormentas, calmarias e ventos contrários, acabaram por aportar onde hoje é o litoral de Santa Catarina, em janeiro de 1504, onde permaneceram até julho do mesmo ano, tomaram contatos com povos nativos e decidiram voltar à Europa, por julgar que o navio não aguentaria continuar a viagem ao Oriente. Porém, ao chegarem à costa europeia foram atacados por piratas, perderam o navio com tudo o que nele havia, exceto os tripulantes. Por fim, retornaram à França em 1505, com apenas 28 tripulantes, além do índio *Essemericq*, batizado de *Binot*, filho de um cacique americano que entregou seu filho aos franceses com a promessa de que este retornasse ao fim da passagem de vinte luas, o que não aconteceu.²⁸⁷

O relato da primeira viagem de circunavegação do mundo foi publicado em Veneza apenas 14 anos depois de finalizada a expedição, dois anos após a morte de seu autor, o Cavaleiro de Rodes toscano de Vicenza, Antonio Pigafetta (1491?-1534), e assim como outros obteve sucesso instantâneo. Como representante da corte de Roma e com cartas de recomendação do rei Carlos V, Pigafetta embarcou como excedente na expedição espanhola comandada pelo português Fernão de Magalhães, que contava com cinco navios e 237 homens, objetivando chegar às ilhas Molucas, na Oceania, em busca de especiarias, mas pelo caminho contrário ao que os portugueses faziam, que era contornando a África, e sim dando a volta no Novo Mundo navegando a Oeste do mar para se chegar ao Oriente. A esquadra saiu de Sevilha em 1519 (ano em que Cortéz chegou ao México), cruzou o estreito no sul das Américas que foi batizado com o nome do capitão (Estreito de Magalhães) e chegaram ao Oceano Pacífico, que recebeu esse nome justamente porque durante os três meses e vinte dias que a esquadra gastou para cruzá-lo não passaram por nenhuma tempestade, ao contrário das muitas tormentas enfrentadas no Atlântico. Os navegantes posteriores não tiveram tanta sorte

²⁸⁷ MOISÉS, L. Op. cit., p. 9-35.

ao cruzar esse mar considerado bravio. Nas Filipinas, Magalhães acabou morrendo nas mãos dos nativos, e a expedição retornou à Espanha em 1522, com apenas um navio e dezoito homens, entre eles Pigafetta. Essa viagem acabou por modificar os mapas-múndi do período, descobrindo novas rotas de navegação e comprovando empiricamente que a terra podia ser contornada por mar.²⁸⁸

Pigafetta diz no prefácio de seu relato de viagem que pretendia ver com seus próprios olhos as maravilhas que diziam existir quando se cruzava o Oceano, e com isso poder testemunhar e entreter quem lesse seus registros, além de ajudar futuras viagens e, assim, tornar-se “um homem que passasse para a posteridade”²⁸⁹. Segundo ele, ao contar de suas viagens ao Papa Clemente VII (que morreu no mesmo ano que Pigafetta), o pontífice o pediu que lhe enviasse uma cópia de seus registros, o que o fez redigir o texto que acabou sendo oferecido ao Grão-mestre de Rodes, Felipe de Villers Lisle Adam.

A partir da década de 1530, o contato entre europeus e nativos tornara-se maior, Portugal passou finalmente a ocupar a costa brasileira e começava a produção do açúcar de cana de forma gradual. A partir disso, podemos notar uma sensível diminuição do maravilhoso nos relatos de viagem: os índios são mostrados cada vez mais distantes de um estado edênico, puro, inocente e passam a ser descritos cada vez mais como selvagens canibais. As riquezas maravilhosas descritas pelos primeiros viajantes não são encontradas conforme o esperado, o que acaba empurrando para o interior inexplorado do território as minas de metais preciosos. Se antes o paraíso estava próximo, as tribos canibais e os colonos degredados acabam fazendo parecer o Novo Mundo mais um purgatório que um Jardim do Éden. Entretanto, enquanto ainda houvessem regiões desconhecidas, o maravilhoso conseguiria abrigo.

Desde as primeiras décadas do século XVI os franceses já praticavam escambo na costa da colônia portuguesa, principalmente de pau-brasil. Quando Hans Staden (1524-1576) fez sua primeira viagem ao Brasil em 1549, Portugal já havia começado a ocupar a costa e montar engenhos de açúcar, uma vez que a França também tentava assegurar possessões em terras brasílicas, aliando-se a algumas tribos indígenas, como a dos Tupinambás. Nesse mesmo ano, os jesuítas chegaram à América junto com Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil, sendo também o ano da fundação de Salvador. Oriundo da região de Homenberg, em Hessen (atual Alemanha), Staden fez sua primeira viagem entre portugueses, chegando a territórios do Nordeste brasileiro. Na segunda viagem (1550), Staden embarcou em navios

²⁸⁸PIGAFETTA, A. Op. cit.

²⁸⁹Id. Ibid. p. 44.

espanhóis que partiam rumo ao rio da Prata, mas após uma série de desventuras (tempestades, naufrágios) o europeu acabou servindo como arcabuzeiro responsável por um forte na capitania de São Vicente, que vivia sobre ataques de índios inimigos dos portugueses, muitos deles aliados dos franceses. Nesse ínterim, acabou aprisionado pelo que ele chamou de tribos de “selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos”²⁹⁰, que eram os Tupinambás, aliados dos Franceses que, acreditando que Staden fosse português, portanto inimigo, queriam devorá-lo. Permaneceu em poder dos nativos durante mais de nove meses sob a espera de ser comido, sendo depois salvo por franceses, que o levaram de volta à Europa.

Seu relato de viagem, impresso em Marburgo em 1557, foi revisto, corrigido e aperfeiçoado, nos dizeres do próprio editor, por Johannes Dryander, professor catedrático de medicina na Universidade de Marburgo. A idoneidade e piedade de Staden são exaltadas no prefácio de Dryander como garantias da veracidade do testemunho daquele, bem como o fato de arcar com os altos custos de impressão e das xilogravuras (anônimas da primeira edição), o que não se esperava que alguém fizesse sem ter por isso bons motivos. Sua “História Verídica” (título abreviado de seu relato de viagem) alcançou dez reedições em cinco anos, traduzida para o holandês em 1558, um ano depois para o latim e para o Flamengo em 1560, com traduções posteriores para o inglês e francês.²⁹¹

A narrativa de Staden traz detalhes do modo de vida dos Tupinambás, sobre o ritual do canibalismo, bem como sobre as regiões que visitou e da situação política da colônia portuguesa de sua época. O viajante a todo momento deposita sua esperança e boa sorte em escapar das diversas situações de quase morte em sua devoção à deus, dando a entender que graça à sua fé conseguiu fugir da morte, enquanto outros, menos entregues e confiantes na Providencia Divina, acabaram sendo devorados pelos nativos.

O monarca francês Henrique II (1519-1559), discordando do tratado de Tordesilhas (1494) que dividia o Novo Mundo entre portugueses e espanhóis, decidiu enviar em 1555 uma esquadra com o intuito de fundar uma colônia francesa na Baía de Guanabara. O comando da expedição coube ao cavaleiro de Malta Nicolas Durand de Villegagnon (1510-1572), que recebeu dez mil libras tornesas de Sua Majestade e acabou fundando a chamada França Antártica em março de 1556. Em sua esquadra embarcaram protestantes e católicos, como o franciscano André Thevet. Inicialmente, a colônia prosperou, construíram um forte e se aliaram aos índios Tupinambás, que por sua vez eram inimigos dos índios aliados aos portugueses. Porém, com os anos as disputas entre católicos e protestantes dentro da colônia

²⁹⁰ STADEN, H. Op. cit., p. 15.

²⁹¹ Id. Ibid. p. 9-26.

francesa acabaram se acirrando, o que somado com a luta contra os portugueses e seus aliados indígenas levou ao fim a França Antártica em 1567 quando, após algumas tentativas frustradas, os franceses foram finalmente expulsos por Mem e Estácio de Sá, que fundaram a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro como um posto de luta contra os franceses.

Frei André Thevet, portanto, foi um franciscano nascido em Angoulême que acompanhou a esquadra de Villegagnon. Cosmógrafo, já havia escrito uma obra sobre a viagem que fez à costa leste do Mediterrâneo. Ao chegar ao Brasil, Thevet logo se adoentou e após alguns meses acabou voltando à França, onde escreveu seu relato “As singularidades da França Antártica”, publicado em 1557²⁹², no qual descreveu a terra, os povos, plantas, climas e costumes não apenas do Novo Mundo mas também de algumas regiões da África e algumas ilhas do Atlântico. Demonstrando toda a erudição de um letrado de seu tempo, Thevet fez constantes relações e citações de Autoridades e ofereceu um extenso relato rico em detalhes sobre o Novo Mundo. Sua narrativa fez sucesso no período e em menos de uma década já havia sido traduzido para outras línguas, como o italiano (1561) e o inglês (1568).

Enquanto Thevet publicava suas “singularidades” em Paris, o artesão huguenote e estudante de teologia reformista Jean de Léry (1534-1611) chegou à França Antártica, junto com outros protestantes, onde permaneceu por cerca de dez meses. Enviado por Calvino a pedido de Villegagnon, Léry e o restante da comitiva de missionários calvinistas acabaram perseguidos pelos colonos católicos, sob a liderança de Villegagnon, sendo que quatro huguenotes foram mortos e o restante enviado de volta à França, entre eles o nosso autor. Nascido em La Margelle, Léry fez parte do círculo de pastores reformistas de Calvino em Genebra, onde foi ordenado pastor após retornar de sua viagem ao Brasil. Seu relato foi publicado muito tempo depois de sua viagem, em 1578, e junto com a descrição minuciosa do Novo Mundo, Léry acabou denunciando os fatos que levaram seu grupo a ser perseguido pelos católicos, chegando também a tecer muitas críticas a Thevet, cujas obras foram consideradas pelo protestante como exageradas e fantasiosas. Embora os dois franceses não tenham se conhecido pessoalmente, o desenlace trágico da colônia francesa na América suscitado por disputas internas entre católicos e protestantes, dos quais cada um dos autores foi representante, fez com que ambos tornassem-se rivais, o que aparece de forma marcante na obra de Léry²⁹³. Assim, a experiência da França Antártica, embora não tenha sido duradoura, deixou-nos dois relatos ricos em descrições das terras brasileiras de meados do século XVI. Ambas as narrativas tiveram ampla difusão no período.

²⁹² Mesmo ano de publicação de “duas viagens ao Brasil”, de Hans Staden.

²⁹³ Ver, por exemplo, o prefácio de seu relato de viagem, onde escreveu duras críticas a Villegagnon e a Thevet.

Outro viajante que assim como Staden passou um bom tempo em poder de tribos canibais brasileiras foi Anthony Knivet, provável filho ilegítimo de um nobre inglês, que por não ter direito à herança seguiu a carreira militar. Pela promessa de fazer fortuna saqueando navios inimigos, Knivet embarcou na frota do corsário Thomas Cavendish (1560-1592), terceiro a circunavegar o globo e que havia sido armado cavaleiro após retornar desta viagem (1587) com um rico butim espanhol. Assim, em 26 de agosto de 1591 Knivet deixou a Inglaterra a bordo do galeão Leicester, comandado pelo capitão Cavendish que capitaneava uma armada de cinco navios e pretendia circunavegar novamente a terra. Entretanto, ao chegar aos Estreitos de Magalhães, a viagem começou a dar errado, muito tripulantes morreram devido ao mal tempo e ao frio dessa região, e após perder homens e navios, Cavendish tentou retornar à Inglaterra, mas acabou morrendo no Atlântico em 1592. Entretanto, antes de morrer o corsário acabou abandonando em terra muitos dos seus homens que estavam doentes, em diversas regiões da costa americana, um destes homens foi Anthony Knivet, deixado em 1591 no litoral de São Paulo, quase morto, com os pés gangrenados e já sem alguns artelhos, perdidos no frio dos Estreitos, e sem conseguir andar.²⁹⁴

Knivet recuperou-se e permaneceu no Brasil por quase dez anos, ora vivendo como prisioneiro dos “selvagens” colonos portugueses, ora vivendo com os “índios canibais”, segundo suas palavras. É importante observar que, apesar de Portugal (e a colônia brasileira) e Inglaterra serem parceiros comerciais desde o início do século XVI, essa relação mudou radicalmente nas últimas décadas do mesmo século, graças à União Ibérica em 1580, quando Portugal foi anexado à Espanha por Felipe II, que se tornou senhor da península Ibérica, da América, das possessões portuguesas nas Índias e na África e também da região dos Países Baixos espanhóis, que no ano seguinte tornou-se independente, formando a Holanda, inimiga da Espanha e aliada da Inglaterra, que ajudou nesse processo de independência. Assim, de um lado tínhamos o Império Espanhol, católico, e do outro seu inimigo, a Inglaterra protestante, e esse ambiente de rivalidade levou essas potências a constantes conflitos marítimos, como a derrota da Invencível Armada espanhola em 1588, quando 130 navios espanhóis foram derrotados pela marinha inglesa, e a prática da pirataria que se tornou constante, graças ao respaldo da coroa inglesa ao saque de navios espanhóis e portugueses, transformando os flibusteiros em corsários e até mesmo em homens de grande importância, como Francis Drake, segundo navegador a dar a volta ao mundo, armado cavaleiro após retornar à

²⁹⁴KNIVET, A. Op. cit., introdução.

Inglaterra carregado com um riquíssimo butim espanhol, e chamado de “my pirate” pela rainha Elisabete I (1558-1603), filha de Henrique VIII com Ana Bolena.

Knivet retornou à Inglaterra em 1601, tendo seu relato de viagem publicado em inglês no ano de 1625 no quarto volume de uma coletânea de viagens organizada e publicada por Samuel Purchas²⁹⁵, que pode ter modificado o texto, já que não temos acesso ao manuscrito original. A narrativa de Knivet é muito significativa, pois descreve os portugueses muitas vezes como mais cruéis e selvagens do que os nativos canibais, visto que o viajante foi tratado como prisioneiro e escravo da família de Correia de Sá, então governadores do Rio de Janeiro, descendentes de Mem de Sá (terceiro governador geral do Brasil em 1558) e Estácio de Sá, e denuncia em seu relato todos os maus tratos, prisões, espancamentos, fome, doenças, trabalhos forçados e condenações à morte a que foi submetido pelos portugueses, chegando a afirmar que “mais uma vez, decidi colocar-me antes nas mãos da piedade bárbara dos selvagens devoradores de homens do que da crueldade sanguinária dos portugueses cristãos”²⁹⁶. Vivendo como escravo em engenhos de açúcar ou em viagens sertão adentro em busca de ouro, escravos indígenas e pedras preciosas, Knivet viveu prisioneiro no Brasil, pois seu conhecimento sobre o território e fortificações da costa, bem como o fato de ter aprendido diversas línguas nativas era muito valioso para que caísse nas mãos dos inimigos ingleses. Além disso, o viajante viveu muitos meses em diversas tribos indígenas, sendo quase devorado em muitas ocasiões.

Diferente de Hans Staden, que atribui sua sobrevivência no Brasil à sua fé e confiança na Divina Providência, o relato de Knivet demonstra que sua sobrevivência em meio a tribos canibais e colonos que o tratavam como um inimigo deveu-se aos seus próprios meios, principalmente a muitas mentiras contadas em diferentes ocasiões, como quando se fez passar por francês perante tribos inimigas dos portugueses, o que salvou sua vida enquanto via seus companheiros serem devorados um a um, ou quando esconde sua origem nobre e protestante dos portugueses que o capturam, conseguindo escapar da pena de morte, visto que era um pirata e tinha participado de saques a vilas costeiras do Brasil, e também à sua capacidade de aprender as línguas dos povos que conheceu, tanto o português quanto algumas línguas indígenas, tornando-o um valioso intérprete e salvando-lhe da morte diversas vezes. Além disso, sua resistência física às duras jornadas de trabalho nos engenhos e às viagens feitas sertão adentro, bem como o fato de não ter comido frutos e raízes desconhecidos, o que levou

²⁹⁵ Intitulada “Hakluytus Psthumus or Purchas his Pilgrimes in Five Bookes.” A edição que utilizamos é uma tradução para o português do texto original.

²⁹⁶ KNIVET, A. Op. cit., p. 89.

à morte muitos de seus companheiros, fez com que Knivet sobrevivesse e votasse à Inglaterra, onde conseguiu um cargo público na casa da moeda e morreu, provavelmente em 1649. Seu relato é muito singular, pois apresenta Knivet quase como um herói de cavalaria, que enfrentou os perigos da selva – o que inclui encontro e combate com criaturas monstruosas – em meio a povos inimigos (portugueses) e selvagens canibais, encarando a morte diversas vezes e por fim conseguindo retornar à sua terra, conforme veremos detalhadamente no capítulo 3, ao tratar dos encontros com monstro e perigos da viagem.

Por fim, o autor fez um roteiro descrevendo a geografia, os principais portos e fortalezas e os povos indígenas que conheceu, bem como as rotas marítimas e caminhos para o ouro²⁹⁷ e outras mercadorias valiosas da colônia, como açúcar e pau-brasil, para que servisse àqueles que pretendessem viajar e/ou saquear as terras brasileiras.

2.3 Em busca do Paraíso.

A maioria dos viajantes fez eco à tradição milenar sobre a Idade de Ouro ao tratar das Índias e dos nativos americanos, apropriando-se da representação antiga de um período mítico de um passado glorioso dos homens na terra²⁹⁸. A existência de um período primordial paradisíaco, seja ele a Idade de Ouro dos antigos, seja a representação do Jardim do Éden bíblico, foi usado muitas vezes no discurso do maravilhoso no Novo Mundo, e veio acompanhado de uma série de elementos retóricos, tópicos, que foram fatores importantes para a formação da representação de um paraíso na América.

Um desses elementos é a tópica do “non ibi frigus non aestus”, como apropriado por Isidoro a partir de Lactânio, que era a representação do paraíso como uma terra onde o clima é sempre ameno, primaveril, onde “não há frio nem calor”, uma eterna temperança do ar²⁹⁹. Os viajantes do século XVI foram grandes perpetuadores dessa tradição, dizendo em seus relatos que as terras do Novo Mundo possuíam um clima agradável, sobretudo o território da colônia portuguesa. Além do clima, a terra também era vista como fértil e boa, com árvores que nunca perdiam o verdor e abundância de animais belíssimos. Vespúcio foi o primeiro a representar o Brasil dessa forma, na carta de 1502:

²⁹⁷ Knivet acreditava que o Peru ficava perto do interior do atual estado de São Paulo, e que assim seria próximo chegar às riquezas peruanas a partir da entrada pela costa brasileira.

²⁹⁸ Sobretudo a tradição que remonta à Ovídio, HOLANDA, S. Op. cit., p. 227.

²⁹⁹ HOLANDA, S. Op. cit., p. 204-5.

Esta terra é muito amena; e cheia de inúmeras árvores verdes, e muito grandes, e nunca perdem folha, e todas tem odores suavíssimos, e aromáticos, e produzem inúmeras frutas, e muitas delas boas ao gosto e saudáveis ao corpo, e os campos produzem muita erva, e flores, e raízes muito suaves, e boas, que umas vezes me maravilhava do odor suave das ervas, e das flores, e do sabor das frutas, e raízes, tanto que em mim pensava estar perto do Paraíso terrestre.³⁰⁰

Na mesma carta, mais adiante: “digo que é terra muito amena e temperada e são porque daquele tempo que andamos por ela, que foram 10 meses, não só nenhum de nós morreu, mas poucos se adoentaram (...). O céu a maior parte do tempo se mostra sereno, e é adornado por muitas e claras estrelas”³⁰¹. Gonneville deu testemunho parecido sobre essa terra “um belo país, de bom ar, terra fértil em frutas, pássaros e animais; e o mar tem muito peixe, de espécies diferentes das da Europa.”³⁰². A representação da colônia portuguesa como povoada, de clima agradável sem excesso de temperatura e com fartura de víveres sobreviveu às primeiras décadas de colonização e ainda era perceptível em meados do século XVI, quando Hans Staden descreveu “a América é uma terra muito extensa. Existem lá muitas tribos de homens selvagens com diversas línguas e numerosos animais estranhos. Tem um aspecto aprazível. As árvores estão sempre verdes. (...) em nenhuma estação faz tanto frio como aqui”³⁰³. Jean de Léry descreve-se maravilhado “quando revejo assim a bondade do ar, a abundância de animais, a variedade de aves, a formosura das árvores e das plantas, a excelência das frutas e em geral as riquezas que embelezam essa terra do Brasil”³⁰⁴.

Essa tópica do clima agradável não era tão comum em outras terras conquistadas pelos europeus, várias regiões africanas, por exemplo, foram descritas como muito quentes: “durante esse período dois portugueses morreram – o calor da região é tão intenso que lhes perfurou o coração”³⁰⁵ disse Knivet sobre uma região da África que alegou ter visitado, e mais na frente declara sobre essa mesma região: “Ah, se soubessem do calor insuportável do lugar, vocês prefeririam mil vezes morrer a viver ali uma semana!”³⁰⁶, enquanto que o território mais ao sul do Brasil foi notado como mais frio, o que corrobora a crença de que o paraíso terrestre se encontrava nas regiões temperadas do Brasil, entre o Trópico de Capricórnio e o Equador.

³⁰⁰VESPUCIO, A. Op. cit., p. 69.

³⁰¹Id. Ibid. p. 73.

³⁰²MOISÉS, L. Op. cit., p. 26.

³⁰³STADEN, H. Op. cit., p. 133.

³⁰⁴LÉRY, J. Op. cit., p. 144.

³⁰⁵KNIVET, A. Op. cit., p. 137.

³⁰⁶Id. Ibid. p. 214.

Esse clima ameno seria um dos fatores responsáveis por outro tópico recorrente nos relatos: a pretensa longevidade dos índios³⁰⁷. Vespúcio diz que “o ar lá é muito temperado e bom, e se como por informação deles (nativos) saber eu pude, jamais houve lá peste ou doença alguma, a qual viesse do ar corrompido; e se não de morte violenta morrem, por uma longa vida vivem”³⁰⁸, “são gente que vive muitos anos, (...) contam o tempo por meses lunares, (...) e encontrei um homem dos mais velhos, que me fez sinal com pedras de ter vivido 1700 lunados, que me parece sejam 132 anos, contando 13 lunados ao ano.”³⁰⁹. Léry relaciona claramente a longevidade dos índios com o clima ameno: “Apesar de chegarem muitos a 120 anos (...) poucos são os que na velhice têm os cabelos brancos ou grisalhos, o que demonstra não só o bom clima da terra (...) E parece que haurem todos eles na fonte da Juventude”³¹⁰

A longevidade era considerada, biblicamente, uma característica própria aos patriarcas do Antigo Testamento, uma espécie de herança edênica da imortalidade que os homens teriam caso não tivessem cometido o pecado original, já que a morte seria um dos castigos pela desobediência do casal primordial³¹¹. Além dessa representação bíblica, a tradição ensinava que entre os habitantes de terras remotas, como o Oriente, encontravam-se homens que viviam mais de um século com certa facilidade: “Esses (...) tem vida longa, porque são sóbrios e castos. (...). Existe entre eles uma seita de longevos, pessoas que vivem até cento e cinquenta anos, às vezes até duzentos!”³¹², como se ao se aproximar do paraíso os homens estivessem de certa forma mais próximos do estado de inocência primitivo próprio ao Éden³¹³. Dessa forma, uma representação sustentava a outra: o paraíso encontrava-se numa região de clima ameno, primaveril, que por sua vez possibilitava aos homens viverem por mais tempo, e essa longevidade era entendida como própria daqueles que estivessem mais próximos do paraíso, mais perto do estado inicial de pureza, representações que encontraram no Novo Mundo condições propícias para se materializar.

No caso da América portuguesa, os relatos de nativos vivendo mais de cem anos começam com Vespúcio, mas continuaram depois dele: “os brasileiros (...) vivem muito tempo. Os velhos chegam ordinariamente até os 125 anos e algumas vezes até os 140”³¹⁴ conta-nos Pigafetta, e Knivet conheceu um cacique de nome Abauçanga que “tinha cento e

³⁰⁷ HOLANDA, S. Op. cit., p. 315-17.

³⁰⁸ VESPUCIO, A. Op. cit., p. 95.

³⁰⁹ Id. Ibid. p. 72.

³¹⁰ LÉRY, J. Op. cit., p. 91-2.

³¹¹ Gênesis, 3: 3-23.

³¹² POLO, Marco. Op. cit., p. 116.

³¹³ HOLANDA, S. Op. cit., p. 301-3.

³¹⁴ PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 53.

vinte anos e era ainda muito forte”, que ao lutar contra os índios Goitacases ao lado dos europeus

colocou-se entre os mais aguerridos portugueses e disse assim: que aquele que nunca viu Abauçanga olhe para mim agora e aqueles que ousarem seguir-me verão a minha coragem. Então, com seu arco e flechas, ele correu pelo meio dos inimigos mais ferozes e recebeu vinte e uma flechadas. Entretanto, durante seu ataque vimos quando matou três dos goitacases. (...) Abauçanga, embora estivesse muito ferido, viveu ainda quatro horas.³¹⁵

Abauçanga, além de centenário, teria sido também um guerreiro formidável, sendo um dos raros personagens do relato de Knivet que realizou algum ato de heroísmo além do próprio autor. Abauçanga teria se convertido antes da morte e foi batizado, segundo Knivet, com o nome de João³¹⁶. Thevet também citou um grande chefe e guerreiro indígena, chamado Coniambeque, que fortificou sua tribo com armas de fogo tomadas dos portugueses.³¹⁷

Outra tópica tradicional do Medievo era a existência de fontes da juventude, cujas águas eram provenientes do paraíso e possuíam cheiro e sabor de diversas especiarias, bem como poderiam curar e estender por vários anos a vida daqueles que a provassem com certa regularidade, conforme testemunhado por Mandeville, que alegou ter bebido dessa fonte algumas vezes e ter se sentido muito melhor e bem disposto, como já citamos no capítulo anterior. As representações de juventude, longevidade e paraíso estavam tradicionalmente interligadas. Assim, ao procurar e encontrar homens cuja longevidade se aproxima à daqueles dos primórdios da criação, o viajante tinha mais um indício de estar próximo ao paraíso. Quem saberia se essas regiões também não haviam sido poupadas da condenação divina, como o paraíso foi poupado do dilúvio?³¹⁸

Entre as aproximações feitas pelos viajantes entre o Novo Mundo e o Oriente, podemos citar também as milhares de ilhas, que Marco Polo e Mandeville já haviam noticiado existirem nos mares orientais³¹⁹, e que são avistadas por Vespúcio: “mais de 5000 ilhas, e grande parte delas habitada”³²⁰. Além disso, seguindo o ensinamento bíblico de que o evangelho havia sido pregado a todos os povos, recaiu sobre o apóstolo Tomé a pregação da boa-nova entre os povos distantes, que na Idade Média ficavam no Oriente. Marco Polo e Mandeville dão notícias de suas pregações na Ásia³²¹. Com a descoberta do novo continente,

³¹⁵ KNIVET, A. Op. cit., p. 131.

³¹⁶ Id. Ibid. p. 182.

³¹⁷ THEVET, A. Op. cit., p. 176.

³¹⁸ HOLANDA, S. Op. cit., p. 231.

³¹⁹ Ver capítulo um, p. 42-8.

³²⁰ VESPUCIO, A. Op. cit., p. 79.

³²¹ Ver capítulo um, p. 42-8.

o apostolado do santo acabou se expandindo para a pregação entre os gentios americanos, sobretudo na colônia portuguesa, constituindo, nos dizeres de Sérgio Buarque de Holanda, “um mito luso-brasileiro”³²². Knivet fala claramente da pregação do santo entre os índios:

os índios dizem que São Tomé ali pregou aos antepassados deles. Ao lado há uma rocha do tamanho de quatro grandes canhões que se equilibra no chão sobre quatro pedras pouco maiores do que os dedos de um homem, feito galhos. Os índios contam que esse foi um milagre que São Tomé realizou para eles, e que aquela pedra antes era de madeira. Na beira do mar há também pedras enormes nas quais pude ver várias pegadas de pés descalços, todas do mesmo tamanho. Eles disseram que o santo chamava os peixes do mar e eles os escutavam.³²³

Outro tópico comum nas narrativas sobre o Novo Mundo era o da lendária terra das amazonas, que passou a ser localizada na América. Nascida na Antiguidade, a história de uma terra habitada por mulheres guerreiras situada no Oriente disseminou-se durante a Idade Média através dos romances de Alexandre, que contavam como o herói macedônico submeteu essas mulheres ao seu domínio, e também pela carta de Preste João, outro soberano das mulheres guerreiras³²⁴. Desde então tornou-se tradição situar a terra das amazonas nos confins do mundo, como fizeram Marco Polo e Mandeville³²⁵. Ora situadas em ilhas, ora no continente, as amazonas acabaram por serem buscadas no Novo Mundo, os viajantes davam notícias de tribos onde as mulheres eram guerreiras, sendo algumas só habitadas por elas:

acabamos mudando nosso itinerário e rumamos direto para o norte, até que chegamos na terra das Amazonas, que os índios chamam de mandioquiara. De lá retomamos nossa rota para o sul. Eu quis convencer os tamoios a guerrear contra as amazonas, mas eles não quiseram, dizendo: sabemos que elas são muitas e acabaremos mortos.³²⁶

O caso mais expressivo na América portuguesa sobre a terra das amazonas é o que nos narra Thevet. Após explicar as lendas antigas sobre as amazonas, buscou explicar a etimologia do nome delas, julgando pouco provável que essas mulheres guerreiras retirassem seu seio para melhor poderem guerrear.

Estas mulheres vivem apartadas dos homens, sendo muito raros os seus contatos e encontros, que têm uma época determinada para serem realizadas. Eventualmente ocorrem alguns encontros noturnos e fortuitos. Elas habitam pequenas cabanas e

³²² HOLANDA, S. Op. cit., capítulo 5.

³²³ KNIVET, A. Op. cit., p. 130.

³²⁴ HOLANDA, S. Op. cit., p. 29.

³²⁵ Ambos citam uma “ilha Femelle” no Oriente, na qual só viveriam mulheres.

³²⁶ KNIVET, A. Op. cit., p. 125. Knivet também descreve tribos indígenas onde as mulheres lutam como os homens.

cavernas nos rochedos, vivendo de peixes e outras veações, raízes e certas frutas típicas de sua terra. Também elas costumam matar os filhos homens tão logo eles sejam dados à luz, conquanto por vezes prefiram entregá-los ao presumível pai. Quando nasce menina, criam-na de modo idêntico ao das primitivas amazonas. Estão continuamente em guerra contra determinadas nações, e tratam mui desumanamente seus prisioneiros de guerra. (...) diferentemente do procedimento dos outros selvagens, não devoram os prisioneiros mortos, preferindo queimá-los até reduzi-los a cinzas. Quando em combate, sempre avançam emitindo os mais terríveis gritos, buscando com isso afugentar os inimigos.³²⁷

Assim, a tradição criou a representação de um paraíso no Oriente, o que foi muito bem aceito e respaldado pelas autoridades que a perpetuaram. Essa representação acompanhou os viajantes ao atravessarem o mar Oceano, não apenas os homens simples, mas também os letrados, os eruditos, e por mais que a experiência colocasse em cheque algumas certezas tradicionais, os homens do século XVI acabaram por verem reproduzidos na América uma série de elementos indicativos de que o paraíso, seja o Éden bíblico ou as terras ricas e maravilhosas dos antigos pagãos, bem poderia ser encontrado em algum ponto de um mundo inexplorado e, pelo menos até o fim desse século, esse lugar maravilhoso não deixou de ser buscado ou de oferecer pistas sobre sua localização.³²⁸

A crença na realidade física do paraíso era inquestionável e se refletia não apenas nos relatos de viagem, mas também nos mapas, nas obras de devoção, etc³²⁹. Se aos poucos a autoridade dos antigos foi sendo cada vez mais questionada a partir da descoberta do Novo Mundo, sobretudo em relação a afirmações que puderam ser contraditas pela experiência, como a inabitabilidade das antípodas e da zona tórrida, e a própria existência de outro continente até então desconhecido, o fato do paraíso terrestre localizar-se no Oriente também poderia ser relativizada. Ao encontrarem uma terra inóspita, desconhecida e possivelmente preservada dos erros da história humana, os europeus acabaram por depositar ali a esperança de encontrar o horto sagrado, e essa crença não era considerada como ilusão ou fábula, pois se durante a Idade Média o tema do paraíso foi dos mais importantes na literatura de viagem e encarnou uma busca real de sua localidade³³⁰, no século XVI o Novo Mundo abriu um leque de possibilidades para que efetivamente o paraíso fosse encontrado.

Ainda que o Jardim do Éden em tese pudesse ser encontrado, não poderia jamais ser adentrado, por isso não encontramos descrições do paraíso em meio aos relatos dos viajantes, primeiro porque não era necessário explicar aquilo que diversas autoridades já haviam

³²⁷THEVET, A. Op. cit., p. 208.

³²⁸HOLANDA, S. Op. cit., p. 220-1

³²⁹Sergio Buarque explica que nem nos portugueses o tema paradisíaco foi menor que nos outros povos europeus, mesmo com a chamada atenuação plausível do maravilhoso português, a busca do paraíso esteve bastante presente nesse período. Id. Ibid. p. 183.

³³⁰KAPPLER, C. Op. cit., p. 116

descrito³³¹, e segundo porque não havia necessidade dos viajantes descreverem um lugar em que claramente não estiveram, uma vez que os homens estavam barrados de seu sítio³³².

Além da crença dos europeus no paraíso no Novo Mundo, os próprios indígenas também possuíam diversas representações de um lugar paradisíaco, uma terra sem mal, onde não haveria morte, fome ou fadiga. Esse lugar, que muitas vezes era representado como um local físico, ainda quando situado no céu, poderia também ser alcançado, o que muito se desejava. Com esse intuito os nativos americanos faziam jejuns, danças e peregrinações, conforme testemunho de vários cronistas portugueses, principalmente os jesuítas, que tiveram contato com os índios.³³³

Ainda com relação aos índios, muitas vezes os relatos de viagem os descrevem num estado de pureza e inocência próprios ao que tiveram Adão e Eva no Éden. Sua nudez, sua falta de cobiça, sua ligação com a natureza, a ausência de reis e religião, a fraternidade no dividir os bens e alimentos, a admiração e maravilhamento que expressavam ao ver os europeus, julgando-os provenientes do céu, e que poderiam ser facilmente convertidos ao cristianismo graças à sua inocência são elementos descritivos comuns dos relatos dos viajantes que tendem a aproximar os nativos americanos de uma condição que, ainda que não se chegasse a afirmar que fossem imunes ao pecado original, as penas deste pareciam atenuadas ali, como se aplicadas de forma desigual nesse mundo preservado até então.³³⁴ Mesmo em contato com o canibalismo e a violência das guerras indígenas, o europeu continua a encontrar traços de beleza e inocência nos nativos, ainda que isso seja muitas vezes uma forma de rebaixá-los perante a astúcia do europeu. Na primeira carta de Vespúcio já detectamos essa representação: “São gente de gentil disposição, e de bela estatura; vão desnudos de todo; (...) são gente esforçada, e de grande ânimo. (...) verificando-se tão boa gente e nos tratar tão bem, não abusamos deles nada (...) nos receberam com grande amor”³³⁵; embora a partir da segunda viagem os defeitos dos índios parecem ficar mais evidentes e variar de tribo para tribo “não tem lei nem fé nenhuma, e vivem segundo a natureza. (...) não tem entre eles bens próprios, porque tudo é comum; (...) não reina entre eles a cobiça (...). A carne que comem, a habitual é principalmente carne humana (...) que parece coisa fora do

³³¹ Como Isidoro de Sevilha, que tratou da descrição do paraíso em suas Etimologias.

³³² KAPPLER, C. Op. cit., p. 122

³³³ Como Simão de Vasconcelos. HOLANDA, S. Op. cit., p. 170-3.

³³⁴ HOLANDA, S. Op. cit., p. 238.

³³⁵ VESPUCIO, A. Op. cit., p. 56-7.

natural (...) enfim é coisa brutal.”³³⁶ Gonneville pintou um quadro mais edênico dos nativos americanos:

gente simples, que não pediam mais do que levar uma vida alegre sem grande trabalho; vivendo da caça e da pesca, e do que a terra lhes dá de per si, e de alguns legumes e raízes que plantam; indo meio nus (...). Também dizem que se os cristãos fossem anjos descidos do céu não seriam mais estimados por esses pobres índios, que estavam assombrados com a grandeza do navio, com a artilharia, os espelhos e outras coisas que eles aí viam...³³⁷

Pigafetta, por sua vez, viu nos índios brasileiros seres horríveis, “ao vê-los tão negros, completamente desnudados, sujos e sem pelos, tínhamos a impressão de estar diante de marinheiros do rio Estige.”³³⁸, porém, isso não o impediu de afirmar mais adiante que “esses povos são extremamente crédulos e bons e seria extremamente fácil convertê-los ao cristianismo.”³³⁹ Mesmo Hans Staden, que ficou meses aprisionado entre os canibais esperando por ser devorado, conseguia ver beleza e virtudes nos nativos brasileiros: “são pessoas bonitas de corpo e estatura, tanto homens quanto mulheres, da mesma forma que as pessoas daqui, exceto que são bronzeados pelo sol, pois andam todos nus...”³⁴⁰, “homem e mulher comportam-se com discrição e fazem suas coisas reservadamente”³⁴¹

Assim como Staden, Knivet também passou um longo período entre os índios, porém em diversas tribos diferentes, e também quase foi devorado algumas vezes, descrevendo com detalhes o ritual do canibalismo, como Staden também havia feito. Chegou a cultivar uma amizade sincera com um índio, Guaraciaba, e muitas vezes preferiu o convívio dos canibais ao dos “selvagens colonos portugueses”. Ao descrever a tribo dos molopaques, em uma de suas entradas pelo interior da colônia, Knivet deu um claro exemplo da representação do indígena como naturalmente bondoso, belo, inocente e propenso à fé cristã, além da ligação da terra com as riquezas, como o ouro:

Esses se parecem bastante com holandeses em tamanho, têm a pele muito clara e barbas como as dos outros homens, ao contrário de outros canibais... A maioria cobre suas partes íntimas e se comporta de maneira gentil. (...) Entre esses canibais havia boa quantidade de ouro, para o qual não dão valor nem têm uso, exceto para prender nas redes de pesca quando vão pescar no rio Pará, onde conseguem peixe farto e bom... Se esses canibais tivessem conhecimento de Deus, posso arriscar dizer, não haveria gente no mundo como eles. As mulheres são bem apessoadas, têm a pele clara como as nossas inglesas e se comportam de forma muito recatada e

³³⁶Id. Ibid. p. 71.

³³⁷MOISÉS, L. Op. cit., p. 21-3.

³³⁸PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 54.

³³⁹PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 56.

³⁴⁰STADEN, H. Op. cit., p. 140.

³⁴¹Id. Ibid. p. 152.

gentil. Vocês nunca as verão rir, são pessoas perfeitamente capazes de entender qualquer coisa. Têm os cabelos tão compridos que os prendem na cintura com a casca de uma árvore e assim cobrem sua nudez, e se comprazem muito disto. (...) entre eles não verifiquei qualquer tipo de religião, embora eles sejam bastante organizados, respeitando horários de refeições (...) além de serem muito limpos em tudo o que fazem.³⁴²

Essa representação da inocência do indígena reforça ainda mais a representação de um paraíso no Novo Mundo, pois a proximidade com o paraíso poderia ser um fator para que esses povos mantivessem-se mais preservados das manchas do pecado.

De certa forma, podemos dizer que grande parte do interesse europeu em descobrir e encontrar o paraíso era sintomático de uma vontade de retorno ao estado primordial de beatitude e felicidade próprio ao Jardim do Éden. Esse desejo de reencontrar uma forma original e perfeita da vida do homem na terra acabou por influenciar a apropriação da realidade que os viajantes encontravam, formando uma representação do índio como semelhante ao homem original. Entretanto, o europeu sabia que esse mesmo homem primitivo fora o responsável pela perda do paraíso.³⁴³

A tradição, além de informar a existência do paraíso nos confins da terra, também enriqueceu essas regiões com tesouros pomposos, até maravilhosos, como os palácios decorados a ouro de Marco Polo ou o rio de pedras preciosas de Mandeville³⁴⁴. Assim, ainda que os viajantes no fundo soubessem da impossibilidade de adentrar ao paraíso exceto por um milagre, não haveria empecilhos e proibições divinas com relação ao acesso a essas riquezas maravilhosas, melhor dizendo, os perigos e desafios a serem enfrentados existiam e por vezes se mostravam extraordinários³⁴⁵, mas poderiam ser superados por quem se mostrasse capaz. As riquezas das terras do Oriente também são outro aspecto do maravilhoso que, assim como o paraíso, convidava os europeus a viajar por terras distantes e perigosas, prometendo grandes recompensas a quem o fizesse. A própria Bíblia relacionava o paraíso com fontes de ouro, ao afirmar que o primeiro dos quatro rios que nascem no Éden “rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro; e o ouro dessa terra é bom: ali há o bdélio e a pedra de berilo”³⁴⁶.

Uma maravilha muito citada nos relatos quinhentistas sobre a América portuguesa era a de uma serra resplandecente localizada no interior do território, da qual deram notícias tanto

³⁴² KNIVET, A.Op. cit., p. 188-9. Outros povos Tamoios também possuíam semelhança com os europeus, segundo Knivet.

³⁴³ KAPPLER, C. Op. cit., p. 129-30.

³⁴⁴ Ver capítulo 1, p. 47.

³⁴⁵ Como as minas de ouro protegidas pelos grifos, ver capítulo 1, p. 46.

³⁴⁶ Genesis 2: 11-12

os índios como os viajantes, e que supostamente era repleta de esmeraldas³⁴⁷. Seu brilho era tão ofuscante que não podia ser observada diretamente em dias claros:

em muitos desses córregos encontramos pequenas pepitas de ouro do tamanho de uma noz, e muito ouro em pó feito areia. Depois disso, chegamos a uma região bonita onde avistamos uma enorme montanha brilhante à nossa frente. Levamos dez dias para alcançá-la pois, ao tentarmos atravessar a planície, mesmo longe da serra, o sol ficava forte demais e não podíamos mais avançar por causa da claridade que refletia e nos cegava.³⁴⁸

A descoberta de metais preciosos na América espanhola logo nas primeiras décadas do século XVI, sobretudo as minas de prata no Peru, foi um grande impulsionador não apenas da colonização do território, mas também da representação de fazer do Novo Mundo um repositório das riquezas antes situadas no Oriente³⁴⁹. Já em sua primeira viagem, Vespúcio alega que:

trouxemos pérolas, e ouro de nascimento em grão; trouxemos duas pedras, uma de cor esmeralda, e outra de ametista duríssima, e longas de meio palmo e grossa de três dedos (...). trouxemos um grande pedaço de cristal, que alguns joalheiros dizem que é berilo, e segundo os índios nos diziam, tinham disso grandes quantidades. Trouxemos 14 pérolas encarnadas, que contentaram a Rainha, e muitas outras coisas de pedrarias, que nos pareceram belas (...). Verdade é que a navegação teve muito lucro, que é aquilo que hoje em dia se tem por importante³⁵⁰

Reparemos que a pedra citada, o berilo, é a mesma que figura na descrição do Gênesis como abundante nos arredores do paraíso. Nos relatos de suas outras viagens, Vespúcio reitera que “o ouro, do qual aqueles países abundam” e também “abundam as pérolas”³⁵¹. No caso do Brasil, Sergio Buarque aponta que o que se buscava no interior da colônia não era nem tanto o ouro e diamantes, e sim prata e esmeraldas, conforme haviam sido descobertos no Peru, procurando na colônia portuguesa o sucesso espanhol, não o famoso “el dourado”, mas um outro Peru³⁵²: “essa região, o rico Peru, que tinha sido descoberto alguns anos antes, junto com o Brasil, formavam um só continente. (...) relataram que aquelas terras deviam ser muito ricas em ouro.”³⁵³

Knivet, por exemplo, acreditava na proximidade entre o Peru e o interior do que seria hoje o estado de São Paulo: “dentro de dois dias, como o velho havia dito, chegamos à aldeia

³⁴⁷ HOLANDA, S. Op. cit., capítulo 3, p. 43-8. Knivet também fala de uma montanha de nome “Itaobi, que quer dizer montanha das pedras verdes”, KNIVET, A. Op. cit., p. 105.

³⁴⁸ KNIVET, A. Op. cit., p. 116.

³⁴⁹ GIUCCI, G. Op. cit., p. 13.

³⁵⁰ VESPUCIO, A. Op. cit., p. 61.

³⁵¹ Id. Ibid. p. 96.

³⁵² HOLANDA, S. Op. cit., p. 119.

³⁵³ STADEN, H. Op. cit., p. 42.

pela ribeira de um riacho chamado Jaguari, que nasce em Potosí, no Peru.”³⁵⁴, “quando vimos as pepitas de ouro e essas pedras, calculamos estar muito próximos de Potosí”³⁵⁵;

chegamos a uma serra onde havia boa quantidade de ouro e muitas pedras preciosas. Ao chegar nessa região, pensamos que tínhamos alcançado a província do Peru, já que havia tantas minas. Não houve um entre nós que não tivesse guardado um estoque de pedras, a tal ponto que recolhíamos pedras num dia para, no dia seguinte, jogá-las fora em vista de outras maiores e melhores. Viajamos dois meses nessa região dourada até que chegamos à enorme e curiosíssima montanha de cristal.³⁵⁶

O maravilhoso no Novo Mundo possuía elementos ligados à tradição retórica que poderiam ser independentes do tema edênico, como o heroísmo das novelas de cavalaria. Essas narrativas e suas apropriações pelos viajantes bem poderiam ser vistas como uma espécie de engrandecimento e valorização do heroísmo em detrimento da vida cotidiana, banal. O maravilhoso das terras americanas, com todos os perigos e riquezas que os viajantes narraram existir, contribuía para a construção retórica do europeu como herói, bastião da cristandade frente aos desafios de um mundo desconhecido. As várias narrativas dos grandes feitos dos conquistadores ao enfrentar os perigos dos mares, das selvas e das tribos canibais, espalhando a fé cristã e muitas vezes considerados como guiados diretamente pelas mãos divinas, realizando milagres e constatando o auxílio divino nas horas de maior perigo, foram essenciais na formação da representação do europeu colonizador como herói, mas um herói real, que dá testemunho ocular de seus feitos.

Muito comuns nas conquistas dos espanhóis, essas narrativas de heroísmo também se encontram em viajantes que vieram ao Brasil, como Knivet, que descreve as diversas aventuras que passou no Novo Mundo e que sobreviveu graças à sua astúcia, fazendo-se passar por católico quando era protestante, plebeu quando possuía ascendência nobre, isso para não ser morto pelos colonos portugueses, e francês quando encontrava tribos indígenas inimigas dos portugueses. Soube mentir quando necessário, e seu conhecimento das línguas nativas lhe tornaram precioso demais tanto para ser morto quanto para ser deixado livre e voltar à pátria, o que sem dúvida iria fornecer importantes informações aos ingleses sobre a colônia. Enfrentou monstros e animais selvagens, sobreviveu em tribos canibais enquanto seus companheiros foram todos consumidos, foi preso, torturado, encontrou tesouros e passou por tudo isso conseguindo no fim retornar à sua terra natal. Exceto pelo episódio do índio

³⁵⁴ KNIVET, A. Op. cit., p. 105.

³⁵⁵ Id. Ibid. p. 115.

³⁵⁶ KNIVET, A. Op. cit., p. 196. São muitas outras as passagens nas fontes que citam encontro com minas de ouro e pedras preciosas, limito-me a esses exemplos para não me alongar em demasia.

centenário Abauçanga, Knivet é o herói de seu próprio relato. Hans Staden, por sua vez, não se considera um herói, mas sim um instrumento que foi muito utilizado pela Providencia Divina, pois enquanto vários companheiros seus eram mortos, ele era sempre poupado pela graça de Deus de morrer entre os selvagens. Staden muitas vezes tentava convencer os índios que o aprisionaram de que o seu Deus cristão ouvia suas preces e intercedia a todo o momento por ele, “(...) o tempo ficou bom de uma hora para outra, apesar de ter estado péssimo de manhã. Todos ficaram admirados e acreditaram que o meu Deus fazia o que eu queria”³⁵⁷ e parece que o próprio viajante acabou por se convencer de que operou milagres no Novo Mundo: “disseram-me: (...) fale com seu Deus para que a grande chuva e o vento não causem dano. Calei-me e rezei por Deus, como estavam pedindo. (...) olhei ao redor. A nuvem desaparecera. Agradei então a Deus.”³⁵⁸ Qualquer infortúnio sofrido pelos seus raptos era explicado por Staden como uma retaliação por sua prisão: “Vocês todos ficaram doentes porque você quis me comer, mesmo eu não sendo seu inimigo. Sua desgraça vem daí”³⁵⁹. Assim, o viajante considerou-se privilegiado onde outros cristãos fracassaram, tornou-se um filho querido de Deus e instrumento de seu poder perante os nativos pagãos.

A travessia do mar, por mais penosa que fosse, demonstrava ser um desafio àqueles que se julgassem capazes e superá-lo. E o viajante, por ser europeu e cristão, acreditava em sua própria superioridade, e julgava que estava destinado por Deus a encontrar as maravilhas e riquezas paradisíacas confinadas em terras distantes. Se a tradição respaldou a representação de um paraíso no Novo Mundo, os relatos de viagem só fizeram praticar essa representação, confirmando elementos paradisíacos nas novas terras, como os bons ares, a fertilidade da terra, a fauna e flora belíssima, esta sempre verde, e ainda representando os povos nativos, ainda que cada vez menos ao longo do tempo, como que preservados num estado de pureza e inocência próximo ao dos seus primeiros pais, habitantes do Éden. Somou-se a isso vestígios de encontrarem-se nessa terras abundantes riquezas materiais e maravilhas tradicionais almeçadas à muito pelos europeus, tudo isso como que reservado, escondido pelo criador e esperando o momento certo para que o viajante, seja herói, seja santo ou os dois ao mesmo tempo pudesse provar-se merecedor de encontrar as maravilhas à séculos desejadas. Entretanto, as agruras do mar não eram os únicos empecilhos que se colocavam ao viajante, se o paraíso poderia ser encontrado, primeiro dever-se-ia passar por criaturas que o cercavam, que pareciam cumprir o papel de guardiões do Éden

³⁵⁷ STADEN, H. Op. cit., p. 114.

³⁵⁸ Id. Ibid. p. 67-8.

³⁵⁹ Id. Ibid. p. 86.

CAPÍTULO 3: GUARDIÕES DO ÉDEN

Os monstros nos relatos de viagem quinhentistas

As maravilhas que os europeus haviam situado há séculos no Oriente foram realocadas, no século XVI, nas terras do Novo Mundo. O paraíso terrestre e as muitas riquezas das Índias foram não apenas avistadas como também buscadas pelos viajantes, só que este aspecto recompensador do maravilhoso não estava sozinho. Ao lado da paisagem edênica, das montanhas resplandcentes, das minas de ouro e pedras preciosas, dos nativos inocentes e sem maldade, do clima ameno e de todas as figuras maravilhosas que os viajantes descreveram em seus relatos, apareciam também perigos e desafios que dificultavam o acesso a essas recompensas. O primeiro deles, como já tratamos, era o próprio mar. Mas atravessá-lo não garantia acesso a essas maravilhas almeçadas, ao contrário, quanto mais o viajante julgava se aproximar do paraíso ou das riquezas que procurava, maiores pareciam ser as tribulações a serem enfrentadas. E o maior perigo era comumente mais um aspecto do maravilhoso que foi transportado do Oriente: o monstro.³⁶⁰

Tópico tão comum da retórica do período quanto as visões paradisíacas, os monstros também habitaram o Novo Mundo. O Oriente, assim como uma terra de maravilhas paradisíacas, também era o viveiro de uma legião de criaturas monstruosas. A tradição vinculou-os de tal forma que a representação do paraíso vinha frequentemente acompanhada por monstros que habitavam suas cercanias³⁶¹. E quando o paraíso passou a ser localizado na América, seus vizinhos monstruosos também vieram habitar o novo continente.³⁶²

Nos relatos de viagem, a maravilha coexiste com a descrição do habitual. Ao lado da narrativa dos acontecimentos da viagem e da descrição daquilo que é visto, encontra-se o maravilhamento do autor perante alguma novidade. Como sabemos, a tradição criava uma expectativa no viajante, era esperado encontrar o inesperado, a maravilha era buscada pois acreditava-se que seria achada. Se a maior maravilha era o paraíso terrestre, a maior glória desejada em qualquer viagem, o viajante bem sabia que jamais poderia chegar efetivamente à sua localidade, entretanto, a tradição ensinava que tanto o Éden quanto as riquezas maravilhosas eram circundados por monstros, esses sim podendo ser encontrados. Por isso, o encontro com o monstro seria o ápice da viagem, pois indicaria que as maravilhosas riquezas descritas pela tradição ou mesmo o Jardim do Éden estariam próximos, respaldando tanto a

³⁶⁰HOLANDA, S. Op. cit., p. 21.

³⁶¹Id. Ibid. p. 21-2.

³⁶²Id. Ibid. p. 251.

tradição quanto a expectativa do viajante, que possuía a representação do paraíso atrelada à monstruosidade.³⁶³

Os monstros, assim como boa parte do que se enquadra no maravilhoso, encontravam-se geralmente em terras distantes, sobretudo aquelas pouco conhecidas: o Oriente e a África, durante a Idade Média, e também a América a partir do século XVI³⁶⁴. O encontro com o monstro validava a viagem, não se cogitava que o viajante fosse a terras longínquas e não avistasse alguma criatura maravilhosa, de forma que quando o encontro não acontecia, muitas vezes o viajante tendia a descartar a tradição como falsa e mentirosa. O encontro, entretanto, não precisava efetivamente acontecer, bastava uma testemunha digna de fé que relatasse ter visto a criatura para respaldar a crença no monstro.³⁶⁵

Os viajantes não se interessaram tanto em explicar as causas da existência do monstro quanto se empenharam em encontrá-los e descrevê-los. Podemos notar, na verdade, que muitos se abstêm de tentar fazê-lo, não tendo pretensões de perscrutar os mistérios de Deus ou da natureza. Isso é um sintoma do maravilhamento do viajante, uma vez que o maravilhoso não pede explicações, motivos ou razões, sendo que quanto mais esclarecimentos forem feitos sobre a maravilha, mais ela se empobrece, assim como ocorre com a narrativa³⁶⁶. Os viajantes quinhentistas mostraram-se, no que tange à classificação dos monstros e criaturas maravilhosas, bem mais próximos dos homens medievais, representando os monstros como parte da natureza, integrantes da obra perfeita do Criador.

Os homens do Medievo buscaram entender o papel que o monstro ocupava na Ordem da Criação Divina, tentando explicar como a desordem do monstro se encaixava na natureza ordenada e perfeita criada por Deus. Não pretendiam romper com a representação aristotélica de que o monstro fazia parte de uma ordem natural superior ao que os homens conseguiam compreender, nem desacreditar o ensinamento dos antigos sobre a real existência dessas criaturas disformes, mas buscaram confirmar a apropriação agostiniana da tradição teratológica antiga através da interpretação cristã, que ensinava que os monstros eram parte do plano divino e que contribuíam para a beleza da criação como elementos da diversidade. Entretanto, quanto mais a Idade Média se aproximava do seu fim, mais os monstros passaram a ser considerados como frutos do pecado, sejam como descendentes do filho amaldiçoado de Noé ou como resultado de pactos e relações pecaminosas com entidades demoníacas, o monstro é imperfeição, contrário ao que é divino e belo, e se ainda é tolerado por Deus (como

³⁶³KAPPLER, C. Op. cit., p. 159.

³⁶⁴Id. Ibid. p. 5.

³⁶⁵Ver por exemplo THEVET, A. Op. cit., p. 40, 184.

³⁶⁶BENJAMIN, W. Op. cit.

o diabo o é) pode ser por representar uma punição aos homens, mas cada vez mais o monstro é excluído do status de criatura divina, deixa de estar integrado no número dos eleitos e é excluído do Éden.³⁶⁷

Essa mudança iniciada no fim do período Medieval em relação ao monstro, considerando-o progressivamente não mais como natural e sim como algo diferente, à parte da comunidade humana, é acompanhada de uma aproximação do monstruoso com o diabólico. Ao lado disso, buscou-se uma explicação para o surgimento dos monstros³⁶⁸, uma vez que a representação destas criaturas como simples obras da vontade divina começou a ser relativizada. Ao mesmo tempo em que a esfera da magia passou a ser relacionada fortemente com forças diabólicas, alguns monstros deixaram de ter origem divina e passaram a ser considerados ou como fruto de imperfeições humanas, seja na concepção ou na gravidez, ou como resultado da interação demoníaca. Ambroise Paré (1510-1590), cirurgião que deixou escritos revolucionários na área da medicina, anatomia e cirurgia, enumerou treze causas para o surgimento dessas criaturas, algumas de ordem divina, a maioria humana e por fim sob influência demoníaca:

as causas dos monstros são várias. A primeira é a glória de Deus. A segunda, sua ira. A terceira, a demasiada quantidade de semente. A quarta, sua quantidade demasiado pequena. A quinta, a imaginação. A sexta, a estreiteza ou pequenez da matriz. A sétima, o assentar-se inconveniente da mãe que, em estando prenhe, permanece sentada por longo tempo com as coxas cruzadas ou apertadas contra o ventre. A oitava, por queda ou golpe dado contra o ventre da mãe que está prenhe. A nona, por enfermidades hereditárias ou acidentais. A décima, por podridão ou corrompimento da semente. A décima primeira, por mistura ou cruzamento de sementes. A décima segunda, por artifício das más disposições da parteira. A décima terceira, pelos demônios ou diabos.³⁶⁹

Vemos, portanto, que o monstro poderia tanto ser obra de Deus quanto dos homens e do Diabo. O monstro passou a ser representado cada vez mais como deformado, imperfeito, feio, contrário ao harmônico, ao perfeito e à beleza das obras de Deus. O Diabo é visto como um monstro, o que por relação torna o monstro diabólico, destituindo pouco a pouco o caráter sagrado do monstro considerado como criatura portadora de um ensinamento divino ou cosmológico.³⁷⁰ Claro que esse processo é lento e não é visto em todos os autores, porém já se faz notar no século XVI.

³⁶⁷KAPPLER, C. Op. cit., p. 360.

³⁶⁸HOLANDA, S. Op. cit., p. 269.

³⁶⁹KAPPLER, C. Op. cit., p. 318.

³⁷⁰KAPPLER, C. Op. cit., p. 348-9, 355.

Um dos principais fatores relacionados à ocorrência e aparecimento de monstros era o clima. Para os medievais (incluindo os viajantes do século XVI) o clima não apenas influenciava o físico e a moral dos homens, mas também os moldava, determinava. As criaturas eram fisicamente formadas de acordo com o clima, e de acordo com sua formação física se dava a sua conformação moral, num encadeamento de elementos interdependentes, próprio da cosmologia medieval. Uma má distribuição dos climas, com excessos de calor ou frio, causava anomalias, deformidades, perversões do natural, podendo resultar em criaturas monstruosas. O contrário também é válido, um clima ameno e bons ares podem tornar inofensivos alguns animais, pelo menos foi assim que Léry justificou alguns grandes sapos não serem venenosos, sendo que se esperava que fossem mortíferos.³⁷¹

Essa representação medieval da influência do clima na deformidade física e moral é proveniente, como se pode esperar, da Antiguidade: Platão já relacionava a má formação física com a má conduta, a feiúra e desarmonia corporal com a índole perversa³⁷². Porém, se os medievais viam nessa deformidade uma razão de ser, se o monstruoso era ainda considerado natural, parte de um esquema dual de horror e beleza, normal e anormal como duas partes de um mesmo reino, a partir do século XVI começou a desenvolver-se uma tendência a fazer do monstruoso não um exemplo extremo de diferença dentro do reino humano ou animal, mas sim torná-lo um reino à parte, dotado de uma nova estética.³⁷³

Entre os monstros do Novo Mundo, aquele que esteve mais ligado às forças infernais foi o que os índios chamaram de Anhangá ou Agnan. Dos nossos viajantes, o primeiro a dar notícias dele foi Hans Staden: “à noite, mantêm um fogo aceso e não gostam de sair sem fogo de suas cabanas, no escuro, para fazerem suas necessidades. Isso por temerem o diabo, que chamam de Anhangá e que frequentemente acreditam ver”³⁷⁴. Visto pelos europeus como uma manifestação do diabo, este espírito perseguia os índios, que estavam sujeitos às suas aflições por não terem ainda conhecido o cristianismo. Segundo Thevet:

estes pobres americanos deparam muitas vezes com um determinado mau espírito que ora assume uma forma, ora outra. Chamam-no Agnan. Este demônio persegue-os frequentemente, de dia e de noite, atormentando não só as almas, mas também – e especialmente – os corpos. Agnan castiga e machuca excessivamente os índios, fazendo com que por vezes se possa ouvi-los gritando medonhamente e suplicando a algum cristão que porventura se encontre por perto: “não estás vendo que Agnan me

³⁷¹LÉRY, J. Op. cit., p. 115.

³⁷²“a deselegância da forma, a ausência de ritmo e de harmonia são irmãs do mau espírito e do mau coração” PLATÃO. República, 401 a. Apud: KAPPLER, C. Op. cit., p. 49.

³⁷³Idem, ibidem, p. 49.

³⁷⁴STADEN, H. Op. cit., p. 138.

bate? Defende-me, se quer que te sirva e corte árvores para ti.” acham que o fogo é um soberano remédio e defesa segura contra tal inimigo.³⁷⁵

Thevet afirmou que quando ouviu falar sobre este espírito achou que não fosse verdade, porém deu crédito à história após ver um cristão exorcizar Agnan invocando o nome de Cristo. Knivet também soube desses espíritos demoníacos, contando que levava os nativos à morte. O nome de Agnan variava, sendo que o Curupira também se referia e estes espíritos: “alguns índios morriam, espantados (alguns diziam) por um espírito que eles chamam Curupira, que os matava, enquanto outros estavam possuídos por espíritos chamados Avasaly. (...) não vi um só deles escapar depois de ficar nesse estado”³⁷⁶. Jean de Léry também descreveu este ser diabólico: “(...) ao contrário as almas dos covardes vão ter com Ainhã, nome do diabo, que as atormenta sem cessar. Cumpre notar que essa pobre gente é afligida durante a vida por esse espírito maligno a que também chamam Kaagerre”³⁷⁷. Muitas vezes os cristãos aproveitaram-se desse medo que os índios possuíam para convencer-lhes que os europeus não eram afligidos por Ainhã, pois o deus cristão era mais forte, e que os índios deveriam tornar-se cristãos, o que segundo Léry não gerou muito resultado.

Embora Anhangá seja um ser imediatamente identificado com o demônio, portanto demonstrando que os monstros das novas terras podiam ser relacionados a forças infernais, esse parece ainda ser um caso atípico, pouco comum. Os viajantes não costumam narrar encontros com criaturas ligadas ao diabo, exceção feita ao exemplo que acabamos de citar, sobretudo quando se trata de feras desprovidas de inteligência. Os monstros irracionais, se pudermos utilizar essa categoria arbitrária, geralmente não estão ligados a forças do mal nem do bem, sendo descritas, nas raras ocasiões em que o viajante se preocupa em explicar a existência dessas criaturas, como maravilhas da natureza. Isso não significa que os monstros sejam menos perigosos ou temíveis, visto que levam à morte do mesmo jeito.

André Thevet foi um dos nossos viajantes que, por vezes, comentou sobre as razões da existência de monstros. Ao iniciar um capítulo sobre “um estranhíssimo animal chamado Aí”, que sabemos ser o bicho-preguiça, Thevet explica que “se aqui descrevemos alguns animais raros e desconhecidos, esperamos que tal coisa (...) sirva para satisfazer o leitor, por certo um apreciador de raridades e singularidades, e uma vez que a natureza não distribuiu suas obras

³⁷⁵THEVET, A. Op. cit., p. 115.

³⁷⁶KNIVET, A. Op. cit., p. 100.

³⁷⁷LÉRY, J. Op. cit., p. 165.

igualmente por todas as regiões”³⁷⁸. Adiante, Thevet descreve o “animal mais disforme que se possa imaginar”:

Quem nunca o viu, certamente achará essa descrição inacreditável. (...) É do tamanho de um mono africano adulto, apresentando uma barriga tão grande que chega quase a se arrastar no chão. A cabeça lembra a de uma criança, assim como também a cara (...). Quando preso, fica suspirando como uma criança que sente dores. Sua pele é cinza e felpuda como a de um ursinho. Tem patas compridas, cada uma com quatro dedos, três dos quais com unhas parecendo grandes espinhas de carpa, com as quais trepa nas árvores onde fica mais tempo que em terra. Quase não tem pelos na cauda, que mede três dedos de comprimento. Outra coisa realmente notável é que pessoa alguma jamais viu esse bicho se alimentando, nem mesmo os selvagens (...). Vigiando-o pelo espaço de 26 dias, pude constatar que ele não quis comer nem beber...³⁷⁹

Thevet acrescenta que quando este animal era domesticado tornava-se muito dócil e apegado ao dono, procurando sempre montar em suas costas, já que é de sua natureza ficar pendurado nas árvores. Porém, o índios não domesticam o animal por conta de suas enormes garras, “mais compridas que as do leão ou de qualquer outra grande fera que eu conheço”³⁸⁰, que poderiam machucar suas costas e peito, uma vez que os nativos andavam nus. Jean de Léry, mais uma vez, fez uma descrição muito semelhante à apresentada por Thevet, ressaltando “O que parece fabuloso, mas é referido não só por moradores da terra, mas ainda por adventícios com longa residência no país, é não ter jamais ninguém visto esse bicho comer”³⁸¹. Ao fato da criatura não se alimentar de nada, Thevet invoca o exemplo clássico do Camaleão, descrito desde a Antiguidade e ao longo do Medievo como uma animal que vive apenas de ar, considerando assim ser perfeitamente possível que o Aí também não precise se alimentar. Thevet, por meio da tradição e do maravilhamento ao encontrar animais exóticos em terras distantes, exalta a grandeza e diversidade da natureza ao apresentar criaturas tão singulares, aproximando-se da representação medieval de que o monstro contribuía, com sua deformidade, para a beleza do universo, como um elemento enriquecedor do mosaico perfeito que seria a obra divina:

“Eis algumas admiráveis obras da Natureza, que parece sentir prazer em criar tais coisas grandiosas e variadas, para as quais o homem não encontra explicação. Constitui impertinência procurar as causas e a razão, como muitos a cada dia mais se esforçam por fazê-lo, pois tais coisas são segredos da Natureza, cujo conhecimento compete apenas ao Criador.”³⁸²

³⁷⁸THEVET, A. Op. cit., p. 169.

³⁷⁹Id. Ibid. p. 169.

³⁸⁰Id. Ibid. p. 170.

³⁸¹LÉRY, J. Op. cit., p. 118.

³⁸²THEVET, A. Op. cit., p. 170.

Outra referência à tradição teratológica na obra de Thevet são os unicórnios. Ao visitar a ilha de Madagascar, o viajante deu notícias da existência dessas bestas tão famosas na Idade Média. Com relação ao Novo Mundo, Thevet não afirmou que os “licornes” foram efetivamente encontrados, pois os únicos relatos sobre estes monstros são provenientes dos indígenas:

“contaram que em sua região havia grande número de umas enormes feras que deviam ser uma espécie de vacas selvagens, ostentando na testa apenas um único chifre comprido, medindo cerca de meia braça. Mas daí a poder afirmar que efetivamente se tratassem de licornes ou onagros³⁸³, não posso fazê-lo de modo algum, desde que não pude pessoalmente confirmar sua existência.”³⁸⁴

Knivet também fez referência à existência dessas criaturas, quando contou que foi salvo junto com seus companheiros de morrer após comer uma fruta venenosa graças a um pedaço de chifre de unicórnio, que segundo a crença comum possuía propriedades curativas³⁸⁵. Thevet, como o exemplo demonstra, apropriava-se das descrições dos nativos para vislumbrar no Novo Mundo os monstros do Antigo. Assim como ele previu unicórnios a partir dos relatos dos índios, fez o mesmo quando deu notícia do Basilisco, criaturas reptilianas que tinham o poder de matar através do olhar ou do seu bafo: “nesta região encontram-se diversas feras extremamente perigosas e peçonhentas entre as quais o basilisco (...) um animal venenoso que mata o homem apenas com seu olhar”³⁸⁶, dizendo em outra parte de seu texto ter ouvido dos nativos que existem jacarés enormes que vivem num pântano e que expelem uma fumaça mortal pela boca.³⁸⁷ Porém, apesar de Thevet afirmar ter visto animais monstruosos em várias passagens de sua obra, geralmente não se coloca como testemunha ocular do encontro com seres muito monstruosos, preferindo dizer que ouviu alguém narrar sobre aquelas criaturas muito diferentes do normal:

Me contaram acerca do fato de ter sido visto (...) um monstro marinho de aspecto humano, que fora atirado à praia pela maré. Ouviram-se ainda os estentóreos uivos da fêmea que era arrastada pelo refluxo das águas, desesperada pela perda do macho, fato realmente digno de grande admiração. Coisas que tais mostram-nos a diversidade de animais que o mar, assim como a terra, produz e sustenta.³⁸⁸

³⁸³Tipo de asno selvagem descrito nos bestiários medievais e no livro de Jó (39:5).

³⁸⁴THEVET, A. Op. cit., p. 87.

³⁸⁵KNIVET, A. Op. cit., p. 100.

³⁸⁶THEVET, A. Op. cit., p. 83.

³⁸⁷Id. Ibid. p. 112.

³⁸⁸THEVET, A. Op. cit., p. 67.

Dentre os viajantes que selecionamos, Thevet demonstrou ter sido o mais tributário da tradição. Quando, por exemplo, esse viajante falou da Etiópia e do Oriente, baseou-se na autoridade de Plínio o Velho e nas descrições de criaturas maravilhosas de sua História Natural, não se esquecendo de atrelar aos monstros os tesouros e riquezas:

Esta terra possui coisas surpreendentes. Para as bandas da Índia, vivem animais enormes, canzarrões, elefantes, rinocerontes de espantoso tamanho, dragões, basiliscos e outros (...) e muitas outras coisas admiráveis, como nos conta Plínio em sua História Natural, livro XVII, capítulo II (...). Além disso, em algumas áreas desta terra abundam pedras preciosas.³⁸⁹

Em suas Singularidades da França Antártica, Thevet fez inúmeras referências aos autores antigos e à tradição teratologia, como quando relaciona uma árvore que renasce depois de já morta com a ave Fênix³⁹⁰, criatura que renasce de suas cinzas e relacionada, nos bestiários medievais, como o próprio Cristo ressurrecto. Entretanto, os demais viajantes também demonstram conhecimento da tradição e da representação de criaturas lendárias habitando os lugares inóspitos, mesmo que não sejam tão precisos em citar as autoridades antigas como o fez Thevet. Knivet, por exemplo, afirmou com naturalidade em meio a um trecho descritivo do litoral brasileiro que “lá vi uma sereia e muitos outros peixes estranhos”³⁹¹. Ao contrário de Thevet, Knivet não se preocupou em explicar os monstros que avistou, e não apenas se colocou como testemunha ocular como muitas vezes chegou a enfrentar em combate as criaturas monstruosas que encontrou:

vi uma coisa imensa saindo da água, com escamas enormes nas costas, garras horríveis e uma cauda comprida. Essa fera veio em minha direção e, quando vi que não tinha meios de afugentá-la, decidi enfrentá-la, mas, ao me aproximar, estaquei espantado em ver uma criatura tão monstruosa. Nesse instante, a fera parou, abriu a boca e lançou para fora uma língua tão comprida como um arpão. Encomendei minha alma a Deus esperando ser despedaçado, mas a fera virou-se e voltou para dentro do rio, e eu continuei seguindo pela beira.³⁹²

Poderíamos dizer que essa criatura seria um jacaré, porém Knivet descreveu ter encontrado com jacarés, inclusive usando esse nome e outros, em outras partes do seu relato, deixando claro que o autor, quando escreveu sua narrativa, já sabia da existência dos jacarés, portanto, se optou por manter a natureza dessa criatura em obscuro, o fez conscientemente. Nota-se que o maravilhamento foi tal que o deixou paralisado, mesmo querendo enfrentar o

³⁸⁹Id. Ibid. p. 60.

³⁹⁰Id. Ibid. p. 44.

³⁹¹KNIVET, A. Op. cit., p. 234.

³⁹²KNIVET, A. Op. cit., p. 64.

monstro. A mesma paralisia frente a um imenso e monstruoso lagarto afetou Jean de Léry, quando se aventurou sem guias e com apenas um companheiro no interior da colônia:

ouvimos o rumor de um bruto que vinha em nossa direção (...). De repente, a trinta passos de distância, à direita, vimos na encosta da montanha um enorme lagarto maior do que um homem e com um comprimento de seis a sete pés. Parecia revestido de escamas esbranquiçadas, ásperas e escabrosas como cascas de ostras; ergueu uma pata dianteira e com a cabeça levantada e os olhos cintilantes encarou-nos fixamente. Como nenhum de nós trazia arcabuz ou pistola, mas somente espadas e arcos e flechas na mão, armas inúteis contra animal tão bem armado, ficamos quedos e imóveis, pois temíamos que, fugindo, o bruto viesse contra nós e nos devorasse. O monstruoso e medonho lagarto, abrindo a boca por causa do grande calor que fazia e soprando tão fortemente que o ouvíamos muito bem, contemplou-nos durante um quarto de hora; voltou-se depois, de repente, e fugiu morro acima fazendo maior barulho nas folhas e ramos varejados do que um veado correndo na floresta. O susto nos tirou a lembrança de persegui-lo e, louvando a Deus por ter-nos livrado do perigo, prosseguimos (...). Nós tivemos pavor em contemplá-lo.³⁹³

Knivet também enfrentou outra criatura reptiliana monstruosa durante sua estadia na colônia portuguesa, porém dessa vez conseguiu matar a fera:



Figura 10: Knivet enfrenta a serpente monstruosa e volta com ela para a aldeia indígena.

³⁹³LÉRY, J. Op. cit., p. 116.

KNIVET, Anthony. **As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2007.

A serpente que matei tinha treze palmos de comprimento e quatro dentes afiados como unhas. Em torno do pescoço tinha escamas maiores do que em outras partes do corpo. As escamas eram pretas e vermelho-escuras, formando uma espécie de coleira, enquanto no corpo eram vermelho-escuras e verde escuro. Por baixo, a barriga era salpicada de preto e branco. Tinha quatro pés afiados que não eram mais compridos que um dedo humano, e uma língua que parecia um arpão de ferro. Sua cauda era como um chifre de touro, só que reto, toda listrada de preto e branco. De uma dessas o senhor me protegeu e permitiu que eu a matasse...³⁹⁴

Não apenas os monstros saídos da tradição dos antigos ou das lendas dos nativos maravilhavam os viajantes: a própria fauna desconhecida do Novo Mundo era monstruosa aos europeus. Assim, mesmo os animais encontrados rotineiramente nas novas terras foram descritos como maravilhosos, devido à sua novidade e diferença em relação aos animais conhecidos. Alguns serão distintos por sua maravilhosa beleza, digna do paraíso, outros por sua monstruosidade, mas de fato todos os viajantes ocuparam algumas páginas de seus relatos com descrições dos diversos e notáveis animais americanos.

Um dos animais mais importantes do paraíso foi a serpente: “Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo, que o Senhor tinha feito.”³⁹⁵ Além de inteligente, a bíblia descreve que a serpente falava, pois convenceu a mulher a comer do fruto do conhecimento. Além disso, a partir da condenação divina dada à serpente após o pecado, pode-se inferir que no Éden esta criatura não rastejava: “Então o Senhor Deus disse à serpente: porquanto fizeste isso, maldita serás tu entre todos os animais domésticos, e dentre todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida.”³⁹⁶ Se possuía pernas ou asas, isso não fica claro no texto sagrado, embora o fato de ser maldita entre os animais terrestres direcione a hipótese para a primeira opção.

A serpente, a partir de então, esteve associada tanto ao Éden quanto ao pecado. Responsável pelo início da perda do paraíso pelos homens, seu rastejar representava a herança desse episódio que abalou a ordem cósmica no princípio dos tempos, dizendo de outra forma, a serpente mostrava, com sua própria existência, um ensinamento divino. Para os homens da Antiguidade e Idade Média, essa era justamente a maior razão da existência dos monstros, estando inclusive na raiz deste termo, como demonstrado no primeiro capítulo. A relação entre serpente, paraíso e pecado pode ter sido significativa – é plausível cogitar – na

³⁹⁴KNIVET, A. Op. cit., p. 194.

³⁹⁵Gênesis 3:1.

³⁹⁶Gênesis 3:14.

representação que os viajantes construíram do Novo Mundo, e mesmo que isso não possa ser confirmado, o fato é que são abundantes as descrições de encontros com serpentes monstruosas e outras criaturas reptilianas na América.

Isso já é notável na segunda carta de Vespúcio: “vimos uma cobra ou serpente, que era longa de oito braços, e grossa como eu na cintura; tivemos grande pavor dela, e por a ter visto tornamos para o mar. Muitas vezes me sucede ver animais ferocíssimos e grandes serpentes”³⁹⁷. Na Lettera, quando fala da primeira viagem, Vespúcio pareceu confundir serpentes com jacarés, mas o mais interessante dessa descrição é a observação que fez de que as serpentes não possuíam asas, o que dá a entender que se esperava que estes animais as tivessem, uma vez que no paraíso a serpente não rastejava. No Novo Mundo, elas possuíam pés:

(os índios) assavam um certo animal que parecia uma serpente, salvo que não tinha asas e na sua aparência tão feio, que muito nos maravilhámos da sua veemência. Andamos assim pelas suas casas, ou cabanas, e encontramos muitas dessas serpentes vivas, e estavam amarradas pelos pés, e tinham uma corda em torno do focinho, que não podiam abrir a boca, como se faz aos cães alanos, para que não mordam; era de tão veemente aspecto, que nenhum dos nossos ousava tocar uma, pensando que eram venenosas; são do tamanho de um cabrito e de comprimento braça e meia; tem os pés longos e grossos e armados com fortes unhas; têm a pele dura, e são de várias cores; o focinho e cara têm de serpente; e do nariz sai deles uma crista como em serra; que passa nelas pelo meio do dorso até a ponta da cauda; em conclusão julgamo-las serpentes venenosas³⁹⁸

Knivet foi o autor que fez as descrições mais monstruosas das serpentes do Novo Mundo. Além de ter enfrentado “leopardos, leões e cobras enormes”³⁹⁹, Knivet viu alguns homens serem mortos de forma horrível por essas serpentes, contando que numa noite “matamos seiscentas cobras e foi somente graças a Deus que apenas um índio chamado Jerônimo, e mais ninguém, foi picado por elas. Esse índio logo começou a inchar, e sangrou pelos olhos e pelas unhas até morrer.”⁴⁰⁰ A jibóia então foi descrita por Knivet como um monstro digno de temor: “quando algum animal selvagem lhes chega perto, elas lançam duas barbatanas que lhes saem da testa e atacam com tanta força que aquilo que atingem, matam. Essa jibóia tem quatro patas como um jacaré ou um crocodilo, e uma enorme cauda que fica escondida debaixo dela...”⁴⁰¹ não fosse pela comparação com os jacarés, poderíamos dizer que o autor não sabia reconhecer ou diferenciar a jibóia desses grandes répteis quadrúpedes. Um

³⁹⁷VESPUCIO, A. Op. cit., p. 57.

³⁹⁸VESPUCIO, A. Op. cit., p. 114.

³⁹⁹KNIVET, A. Op. cit., p. 85.

⁴⁰⁰Id. ibid. p. 96.

⁴⁰¹Id. ibid. p. 172.

dos vários momentos de heroísmo narrados por Knivet em seu relato foi quando o viajante enfrentou e venceu sozinho e de noite uma cobra monstruosa, enquanto nem os colonos nem os nativos quiseram enfrentá-la:

(...) havia uma cobra enorme no pântano e que ela o tinha perseguido aos pulos. Os índios então nos disseram que era um tipo de cobra que se atirava no fogo. Em seguida perguntei a Henry Barroway onde ela estava e ele me indicou. Peguei o cabo de um machado feito de madeira escura e pesada e uma pequena tocha para que a cobra não me visse, deixando-a preparada para acender. Quando cheguei no local indicado por meu amigo, acendi a tocha e me vi tão perto da cobra que, se tentasse, não conseguiria afastá-la. A cobra trazia um enorme sapo na boca mas, assim que viu o fogo, cuspiu o sapo e, eriçando a pele como se fossem as escamas de um grande peixe, e com a boca aberta, tentou me atacar. Assim que abriu a boca eu investi contra ela e dei uma tal paulada em sua cabeça e nos seus dentes que esmaguei seu crânio. Depois que bati nela, lancei minha tocha para um lado e corri vários metros na outra direção. A cobra fez muito barulho na água mas eu fiquei observando minha tocha para saber se era verdade que ela se lançaria no fogo; não vendo nada disso, voltei e peguei minha tocha de novo. Com muito cuidado, voltei ao local em que tinha investido contra a cobra: vi sua cabeça ensanguentada, seus olhos arrebentados e acabei de matá-la.⁴⁰²

Se Vespúcio pôde ter confundido cobras com jacarés, os autores posteriores não cometeram o mesmo equívoco. Quanto a estes, Hans Staden comentou que “um grande lagarto vive ali na água e na terra. São bons de comer”⁴⁰³. Knivet disse que possuíam “quase sete jardas. Esse crocodilo tem grandes escamas e garras longas que são muito feias de se ver”⁴⁰⁴, explicando também que os portugueses os caçam devido ao perfume que se pode extrair dos testículos da criatura. Thevet descreveu-os mansos e saborosos:

(...) os jacarés, uma espécie de lagarto da grossura de um leitão de um mês, tendo o comprimento proporcional ao volume e a carne bastante apetitosa, conforme testemunham os que dela provaram. Estes lagartões são tão mansos que costumam aproximar-se das pessoas, comendo as coisas que estas lhe atiram, sem timidez ou receio.⁴⁰⁵

Monstruosos e feios para uns, saborosos e perfumados para outros, o viajante europeu não deixou de se maravilhar com os animais do Novo Mundo. Havia também aqueles animais que são maravilhosos pela sua beleza e singularidade: Vespúcio viu “lagartos com duas caudas”⁴⁰⁶, Pigafetta viu uma ave que matava baleias adentrando em sua boca e comendo seu coração⁴⁰⁷ e “morcegos do tamanho de águias”⁴⁰⁸ com gosto de frango, sendo que Hans

⁴⁰²KNIVET, A. Op. cit., p. 107-8.

⁴⁰³STADEN, H. Op. cit., p. 174.

⁴⁰⁴KNIVET, A. Op. cit., p. 180.

⁴⁰⁵THEVET, A. Op. cit., p. 105.

⁴⁰⁶VESPUCIO, A. Op. cit., p. 132.

⁴⁰⁷PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 105.

Staden e Jean de Léry também viram esses grandes morcegos, dizendo que mordem as pessoas nos pés e na testa quando estão dormindo⁴⁰⁹. Thevet maravilhou-se com o Tucano, dizendo sobre a plumagem amarela do peito deste animal que “não é possível encontrar-se um tom de amarelo mais maravilhoso que este”⁴¹⁰. Entretanto, no tucano a beleza maravilhosa convive com a monstruosidade, pois Thevet acrescenta logo depois que “o tucano é incrivelmente disforme e monstruoso, tendo um bico quase tão grosso e comprido quanto o resto do corpo”⁴¹¹.

Sobre os pássaros, era comum que a primeira maravilha fosse a sua grande quantidade: “tantos pássaros marinhos e terrestres, que eram sem conta; e eram tão simples, que se deixavam apanhar pela mão”⁴¹² afirmou Vespúcio, e Thevet fez menção a “inúmeras aves que aí vivem, todas tão diferentes das nossas do hemisfério norte”⁴¹³. Jean de Léry maravilhou-se com as aves do Novo Mundo: “Quanto à plumagem, (...) não creio que se encontre no mundo coisa mais deslumbrante; contemplando essas aves, somos forçados a exaltar não a natureza, como fazem os profanos, mas o admirável criador dessas maravilhas”⁴¹⁴, comentando também sobre a facilidade em apanhá-las “tão mansas, por nunca terem visto gente, que se deixavam pegar com a mão ou matar a pauladas”⁴¹⁵. Pigafetta viu alguns pássaros que não tinham cauda e outros que não tinham patas, dizendo que as fêmeas chocam os ovos nas costas do macho, outros ainda sem língua e com bico em forma de colher, também afirmou existirem “infinitos papagaios”⁴¹⁶ nas terras brasileiras. Sobre estes últimos, Thevet demonstrou especial admiração, sobretudo ao descrever o que ele chamou de uma variedade de papagaio, o Canindé, que seria a arara azul:

“Entre as múltiplas variedades de aves que a natureza produz (...) não se encontra uma sequer que exceda em perfeição e beleza certa ave muito comum na América: a que os selvagens chamam de Canindé. Esmerou-se a natureza em embelezar esta ave, revestindo-a de uma plumagem tão linda e original que seria impossível deixar de admirar a autora de tal obra-prima!”⁴¹⁷

⁴⁰⁸Id. Ibid. p. 97.

⁴⁰⁹STADEN, H. Op. cit., p. 175, LÉRY, J. Op. cit., p. 124. Embora em 1557 Hans Staden já tivesse publicado seu relato de viagem em língua alemã, Jean de Léry ainda não havia lido essa obra, que só conhecera posteriormente, apesar das muitas semelhanças entre as narrativas. LÉRY, J. Op. cit., p. 37.

⁴¹⁰THEVET, A. Op. cit., p. 153.

⁴¹¹Id., ibid. p. 154.

⁴¹²VESPUCIO, A. Op. cit., p. 132.

⁴¹³THEVET, A. Op. cit., p. 90.

⁴¹⁴LÉRY, J. Op. cit., p. 121.

⁴¹⁵Id. Ibid. p. 66.

⁴¹⁶PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 52, 55.

⁴¹⁷THEVET, A. Op. cit., p. 157.

Jean de Léry, que acabava maravilhando-se tanto quanto seu rival Thevet com as aves americanas, também descreveu as araras como maravilhas: “Quando essa ave se expõe ao sol, como sempre acontece, não se fartam os olhos humanos de contemplá-la(...) pasmamos ante tanta formosura ao vê-la como que vestida de ouro e por cima toda sombreada de roxo”⁴¹⁸. A tradição ensinava que os papagaios eram aves provenientes do Oriente, alguns diriam até do paraíso⁴¹⁹. Thevet narra maravilhado que os índios os criavam soltos em suas cabanas e os ensinavam a falar. Outro pássaro maravilhoso descrito por Thevet foi o beija-flor, chamado no relato de gonambixe: “embora seja tão miudinho, não existe nada mais belo que ele (...). E conquanto seja, ao que presumo, a menor ave que existe sob os céus, o gonambixe canta maravilhosamente, constituindo um verdadeiro prazer escutá-lo.”⁴²⁰

Thevet enxergou maravilhas em diversos animais americanos, como nas tartarugas, que alegou ter visto “algumas de tão assombroso tamanho (...) que quatro homens não podem carregar uma”⁴²¹, ou nos tatus, “animais de corpo recoberto por uma couraça”⁴²², ou ainda de um peixe “considerado como verdadeiramente monstruoso”⁴²³ recoberto de placas como o tatu e com a cabeça maior que o próprio corpo, concluindo que nessas terras “encontram-se muitos animais extraordinários e monstruosos”⁴²⁴ e também “monstruosos peixes”⁴²⁵, embora na sua opinião alguns animais africanos sejam mais ferozes. Jean de Léry assustou-se com o focinho do quati, “Não me parece que exista algo mais extravagante ou monstruoso do que esse focinho semelhante a um canudo de gaita de foles”⁴²⁶. Hans Staden, além de ter descrito vários animais que Thevet posteriormente avistou, como o tatu, disse que no Novo Mundo encontram-se “muitos tigres que despedaçam gente e causam grandes danos, e ainda um tipo de leão, a que chamam de leopardo”⁴²⁷. Léry conta dos mortais escorpiões “sob as pedras encontram-se no Brasil escorpiões, os quais menores que os da Provença são venenosos e mesmo mortais como verifiquei”⁴²⁸. Knivet também afirmou que “o Brasil é cheio desses animais selvagens e perigosos, e muitos outros”⁴²⁹, descreveu a anta como um ótimo animal e

⁴¹⁸LÉRY, J. Op. cit., p. 122.

⁴¹⁹HOLANDA, S. Op. cit., p. 258.

⁴²⁰THEVET, A. Op. cit., p. 159.

⁴²¹Id. Ibid. p. 53.

⁴²²Id. Ibid. p. 175.

⁴²³Id. Ibid. p. 91.

⁴²⁴Id. Ibid. p. 181.

⁴²⁵Id. Ibid. p. 95.

⁴²⁶LÉRY, J. Op. cit., p. 118.

⁴²⁷STADEN, H. Op. cit., p. 175.

⁴²⁸LÉRY, J. Op. cit., p. 127.

⁴²⁹KNIVET, A. Op. cit., p. 244.

o tamanduá como portador de “uma cauda enorme e bonita”⁴³⁰. Com isso, formou-se uma representação da América portuguesa como viveiro tanto de animais belos quanto de feras temíveis. Se haviam riquezas a serem encontradas em suas selvas, materiais ou espirituais, elas tornaram-se recompensas devido aos grandes perigos a que deviam passar aqueles que as buscassem.

Podemos dizer que, a partir dos relatos dos viajantes, não conseguimos identificar uma clareza em definir o monstruoso como um reino à parte, pelo contrário, monstro aqui parece mais um adjetivo para animais disformes e incomuns do que um tipo de criatura de natureza diferente da animal. Assim sendo, se o monstro ainda estava incluído na natureza como um constituinte da mesma, o quê o caracterizaria, o diferenciaria dos animais, na representação do viajante? Parece-nos que, em se tratando de monstros desprovidos de razão, o monstro se diferencia pela sua singularidade. Sua principal característica, de acordo com os relatos de viagem do século XVI, é o desvio da norma, a diferença. O monstro é monstruoso porque é diferente, incomum, singular. Não encontramos mais, diferentemente dos períodos anteriores, espécies abundantes de monstros, apenas criaturas isoladas e por vezes únicas que maravilham o viajante. Isso não se aplica aos homens monstruosos, como veremos adiante. Podemos dizer que, quanto mais animalesca é a criatura, mais monstruosa e maravilhosa, por outro lado, quanto mais humano é o monstro, mais ele é representado como mágico e diabólico.

Com relação aos homens monstruosos, a tradição é igualmente abundante. Desde a Antiguidade diversos autores falavam de povos monstruosos que habitavam o Oriente, o que fez com que Agostinho se apropriasse dessa tradição conforme fosse representada pela visão cristã e bíblica da história, perpetuando essa prática de localizar em terras longínquas homens com cabeça de cachorro, peludos, gigantes, de um pé só, etc. Até mesmo na Baixa Idade Média Marco Polo e Jhon Mandeville testemunharam em seus relatos a existência de reinos e ilhas habitados por homens monstruosos. Ora, com a chegada do europeu na América, e o consequente traslado dessa tradição de maravilhas do Oriente para o Novo Mundo, a visão do paraíso nas novas terras veio acompanhada de boa parte da fauna maravilhosa que pertencia aos arrabaldes do jardim do Éden, e não apenas dos monstros mais comuns dos bestiários medievais, mas também dos povos de homens monstruosos que habitavam os confins da Terra. Sobre o encontro com reinos maravilhosos como o das Amazonas nós já

⁴³⁰Id. Ibid. p. 104, 205.

tratamos, veremos portanto como o viajante encontrou no Novo Mundo homens monstruosos, sejam provenientes da tradição ou seres jamais descritos.

Aquela representação do índio como dotado de uma bondade natural pouco a pouco cedeu lugar ao seu oposto, isto é, a representação do índio como um canibal selvagem que usa feitiçarias ligadas ao Diabo. Nesse período a esfera sobrenatural da magia já era vista como obra diabólica, e muitas vezes os viajantes descrevem a ação de feiticeiros entre os índios, alguns vistos como enganadores e outros como servos do Diabo. A visão daqueles que visitaram o Novo Mundo e tiveram encontros amistosos com os nativos, como Vespúcio e Goneville, é bem diferente daqueles que, a partir de meados do século XVI, ficaram mais tempo no Brasil vivendo entre colonos e como prisioneiros dos índios. Os colonos, que viviam em constantes guerras contra os índios, não foram afeitos a uma representação do índio como puro e bondoso⁴³¹. Staden, por exemplo, descreve o ritual de transformação dos maracás (um objeto indígena semelhante a um chocalho, que acreditavam que pudesse falar, pois possuía espíritos dentro) em ídolos, dizendo que “no início, quando cheguei entre eles e me falaram dos maracás, pensei que talvez fosse uma ilusão do diabo”, mas quando viu que na verdade os adivinhos é que falavam pelo maracás, Staden considerou tudo uma farsa e enganação, “reconheci a fraude e pensei comigo mesmo: que gente tola e iludida”⁴³². Logo adiante Staden descreve a transformação das mulheres índias em feiticeiras, mas tende a considerar isso como pura credence ou engodo, nada que a verdadeira fé cristã não possa desbaratar. Knivet não chegou a ser tão devoto, pois foi beneficiado por um curandeiro do Novo Mundo, quando estava com os pés gangrenando devido ao frio dos Estreitos de Magalhães:

Lá o capitão-mor capturou um cirurgião que curava com palavras. Quando subiu a bordo de nosso navio esse homem disse algumas palavras sobre meus pés de modo que voltei a senti-los, e também minhas pernas, o que não acontecia há quinze dias. Muitas vezes antes desse homem aparecer haviam colocado ferros em brasa nos meus pés, mas, por mais quentes que fossem, eu nada sentia.⁴³³

Knivet conta também de um médico e curandeiro inglês chamado Andrew Towers que “realizou muitas curas. Os portugueses passaram a considerá-lo um mago, pois ele conseguia fazer muitas previsões. Ele só tinha um olho, e os portugueses diziam que no lugar do outro

⁴³¹HOLANDA, S. Op. cit., p. 372.

⁴³²STADEN, H. Op. cit., p. 155.

⁴³³KNIVET, A. Op. cit., p. 54.

olho morava um espírito do mal.”⁴³⁴. O aspecto mágico também se fez presente no Novo Mundo, e geralmente encontrou-se relacionado com o mal.

Knivet, que como já dissemos acreditava na proximidade do Peru com a capitania de São Vicente, vislumbrou em terras americanas criaturas oriundas das narrativas da Antiguidade, os pigmeus, que segundo a tradição eram um povo de baixíssima estatura que vivia em constante combate contra as Grulas, aves que segundo os bestiários permaneciam em formação militar, fazendo vigílias à noite e dormindo em pé⁴³⁵. E Knivet não apenas vislumbrou esses homens monstruosos como também opinou que não eram tão pequenos como se acreditava: “Essa região de Tucumã é toda arenosa e lá vivem os pigmeus. Vi muitos deles com os espanhóis no rio da Prata. Não são tão pequenos como imaginamos aqui na Inglaterra e, em Tucumã, vivem em cavernas no chão.”⁴³⁶

Do mesmo modo, Thevet avistou, no Novo Mundo, homens monstruosos provenientes da tradição antiga. Entretanto, buscou respaldar a existência dessas criaturas não somente na autoridade dos antigos, mas principalmente nas Sagradas Escrituras. É o que fez, por exemplo, em relação aos sátiros. Explica, contudo, que antes da vinda de Jesus Cristo esses homens monstruosos eram mais comuns, sendo eles muitas vezes ilusões do demônio para enganar os homens. Em terras distantes, onde o evangelho não foi pregado, ou melhor, foi esquecido, já que São Tomé teria feito suas pregações entre os povos gentios, essas criaturas monstruosas ainda podiam ser encontradas:

acredito, baseado na interpretação do capítulo XIII do Livro de Isaías⁴³⁷, que existem certos monstros de aparência humana chamados sátiros. Eles vivem nas florestas e são peludos como feras selvagens. Os escritos dos poetas estão repletos de alusões a esses sátiros, assim como faunos, ninfas, dríades, hamadríades, oréades e outros tipos de monstros que já não existe hoje em dia como no passado, quando o espírito maligno de esforçava para iludir os homens, usando de todos os meios e assumindo mil disfarces. Hoje, porém, depois que Nosso Senhor se comunicou à humanidade movido pela compaixão e nos concedeu um poder maior que o destes espíritos (...) eles foram expulsos do nosso meio. Na África, ainda se podem encontrar monstros disformes...⁴³⁸

Dessa forma, Thevet relacionou os homens monstruosos ao diabo, dizendo que após a vinda do Salvador essas criaturas, comuns na Antiguidade, tornaram-se raras e passaram a habitar locais distantes. Sua existência era embasada na Bíblia e na tradição, e a representação

⁴³⁴ Id. Ibid. p. 133.

⁴³⁵ MALAXECHEVERRÍA. Op. cit., p. 85-9.

⁴³⁶ KNIVET, A. Op. cit., p. 198-9.

⁴³⁷ Versículo 21: “mas as feras do deserto repousarão ali, e as suas casas se encherão de horríveis animais, e ali habitarão as avestruzes, e os sátiros pularão ali”.

⁴³⁸ THEVET, A. Op. cit., p. 108.

do maravilhoso distante contribuiu para localizá-las em terras recém descobertas, como a África e o Novo Mundo. Se nessa passagem Thevet afirmou apenas acreditar na existência desses monstros humanos, mais adiante em sua narrativa, ao tratar da região do Estreito de Magalhães, o viajante indicou ilhas habitadas por essas mesmas criaturas, “na verdade, existem quatro ilhas desta mesma área do Mar do Poente que não são habitadas por seres humanos, mas sim – segundo se afirma – por sátiros! Daí terem sido denominadas *Ilhas dos Sátiros*.”⁴³⁹

Se Thevet acreditou na existência dos peludos sátiros, esforçou-se também em combater a visão de que os nativos americanos seriam cobertos de pelos: “muita gente compartilha da absurda ideia de que estes a quem chamamos de selvagens teriam, pelo fato de viverem pelos campos e florestas quase que como animais, os corpos recobertos de pelos, assim como ursos, cervos ou leões.” Essa representação do homem selvagem como peludo era tradicional, conforme mostramos com o exemplo dos sátiros, e para combatê-la Thevet ofereceu seu testemunho ocular: “tive a oportunidade de vê-los pessoalmente, posso assegurar que o aspecto dos selvagens é exatamente o oposto”. Se Thevet relacionou os homens monstruosos com as forças diabólicas, por outro lado aproximou os selvagens dos próprios europeus nesse aspecto físico, dizendo que os bebês indígenas “saem do ventre materno tão bonitinhos e lisos quanto as crianças europeias”⁴⁴⁰, acrescentando que além de não serem peludos também abominam e arrancam os pêlos do corpo, tanto os homens quanto as mulheres, retirando até os cílios e sobrancelhas, deixando crescer apenas o cabelo da cabeça.

Essa representação dos índios como peludos poderia ter algum embasamento real graças a um costume peculiar de certas tribos indígenas. Além da força que a tradição exercia nos viajantes, existia o costume dos índios de cobrir o corpo com penas de pássaros “esfregando o corpo com certa resina apropriada grudam-no (as penas) em cima, ficando assim vermelhos e emplumados como pombos recém-nascidos. Isso talvez tenha levado alguns observadores apressados a propalarem o boato de serem os selvagens cabeludos; não o são, entretanto”⁴⁴¹, o que fez com que Knivet, ao vê-los pela primeira vez assim paramentados, julgasse que os mesmos possuísem penas pelo corpo: “assim que os vi julguei que nascessem com penas na cabeça e no corpo, como pássaros. Na verdade, eles besuntavam o próprio corpo com a seiva

⁴³⁹THEVET, A. Op. cit., p. 185.

⁴⁴⁰Todas as citações desse parágrafo foram retiradas de: Id.Ibid. p. 107.

⁴⁴¹LÉRY, J. Op. cit., p. 94.

dos espinhos de um bálsamo e cobriam-no todo com penas coloridas, de tal forma que não restava uma só parte de pele nua, exceto as pernas.”⁴⁴²

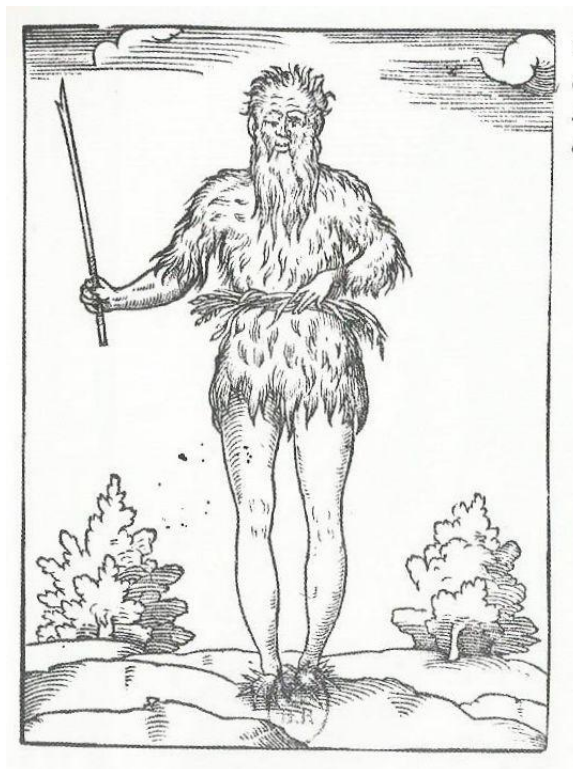


Figura 11: Representação medieval de um homem selvagem peludo.

DEL PRIORE, Mary. **Esquecidos por Deus:** monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história sobre monstros do velho e do novo mundo (séculos XVI – XVIII). São Paulo: Companhia das letras, 2000.

Frei André Thevet, que dos nossos viajantes foi o que mais vezes buscou explicar as maravilhas a que aludiu, embora tenha descrito homens monstruosos e criaturas maravilhosas, fazendo muitas referências às autoridades da Antiguidade e à tradição do maravilhoso medieval, nega ter encontrado aquela profusão de monstros descritos por Mandeville e Marco Polo, para dar alguns exemplos conhecidos, descartando como fantasiosas e mentirosas as notícias da existência dessa miríade de monstros:

Sua população é bárbara, selvagem e até mesmo monstruosa. Entretanto, não se deve acreditar que os homens dali sejam tão disformes quanto no-los são apresentados pelas descrições de determinados autores (...) Estes, por certo, deviam estar dormindo e sonhando quando tiveram o descaro de afirmar que ali haveria indivíduos com orelhas pendentes até a altura do calcanhar, ou então com apenas um olho no meio da testa (aos quais chamam arimases), e outros sem cabeça, e ainda

⁴⁴²KNIVET, A. Op. cit., p. 90.

outros que só teriam um pé, porém tão descomunal que podiam com ele cobrir-se do ardor do sol.⁴⁴³

Ciápodas, arimaspes, blêmias, ciclopes... criaturas saídas das narrativas da Antiguidade e representadas pelos cristãos medievais como habitantes do Oriente, Thevet não deu crédito à existência destes homens monstruosos. Não que considere que os monstros não existam, mas que se existem, não puderam ainda ser encontrados no Novo Mundo:

existem ainda certos autores, entre eles até alguns modernos, que descrevem, com igual descabimento, seres ainda mais estranhos, revelando uma total falta de critério, de razão e de conhecimento de causa. Não pretendo absolutamente negar a existência de monstros que fujam às normas e padrões da natureza (desde que sejam conhecidos pelos filósofos e confirmados pela experiência), mas sim rejeitar fatos que nos são apresentados como verdadeiros, conquanto não o sejam.⁴⁴⁴

Ora, se Thevet só deu crédito aos monstros que puderam ser “conhecidos pelos filósofos e confirmados pela experiência”, o quê o fez acreditar e defender a existência de sátiros, criaturas tão disformes e monstruosas como os outros seres que julgou inexistirem, se também só obteve notícias indiretas desses, não avistando pessoalmente nenhum sátiro? A única resposta que nos pareceu plausível foi o fato do embasamento bíblico. Se nesse período as viagens contribuíram de um lado para alimentar a tradição teratológica do maravilhoso distante nas terras recém descobertas, por outro, as mesmas viagens acabaram abalando certezas tradicionais como a inabitabilidade da zona tórrida e das antípodas. Assim, nesse período de incerteza onde o maravilhoso se fez tão presente, a infalibilidade das Sagradas Escrituras era um porto seguro para o viajante que ousava descrever monstros e maravilhas. Se a veracidade do relato de um frade franciscano poderia ser questionada, assim como toda a tradição e autoridade dos antigos, a Bíblia por sua vez era o divisor de águas quando o assunto dizia respeito às obras do Criador.

Nem apenas de homens peludos, disformes e monstruosos alimentou-se o maravilhoso no Novo Mundo. Conforme já demonstramos, os selvagens apresentavam maravilhas aos europeus sem com isso chegarem à monstruosidade, como o caso das tribos das Amazonas no norte da colônia portuguesa. Uma maravilha recorrente citada por diversos viajantes foi a presença de gigantes no sul da América. O primeiro a relatar a existência desses homens gigantesco foi Antonio Pigafetta, que durante a primeira viagem de circunavegação do

⁴⁴³THEVET, A. Op. cit., p. 83.

⁴⁴⁴Id. Ibid. p. 83.

mundo teria encontrado gigantes da região da Patagônia, que inclusive recebeu esse nome graças às pegadas deixadas na areia pelos gigantes, os patagões.

“aqui habitam os canibais ou comedores de homens. Um deles, de figura gigantesca e cuja voz parecia a de um touro, se aproximou de nosso navio para dar ânimo a seus companheiros, os quais (...) se afastavam do rio (...). Perseguimo-los para tentar capturar algum, mas eles davam enormes passadas que nem correndo conseguimos alcançá-los (...). Um dia, quando menos esperávamos, um homem de figura gigantesca se apresentou ante nós. Estava sobre a areia, quase nu, e cantava e dançava ao mesmo tempo, jogando poeira sobre a cabeça (...). Este homem era tão grande que nossas cabeças chegavam apenas até à sua cintura. De porte formoso, seu rosto era largo e pintado de vermelho, exceto os olhos, que eram rodeados por um círculo amarelo e dois traços em forma de coração nas bochechas.”⁴⁴⁵

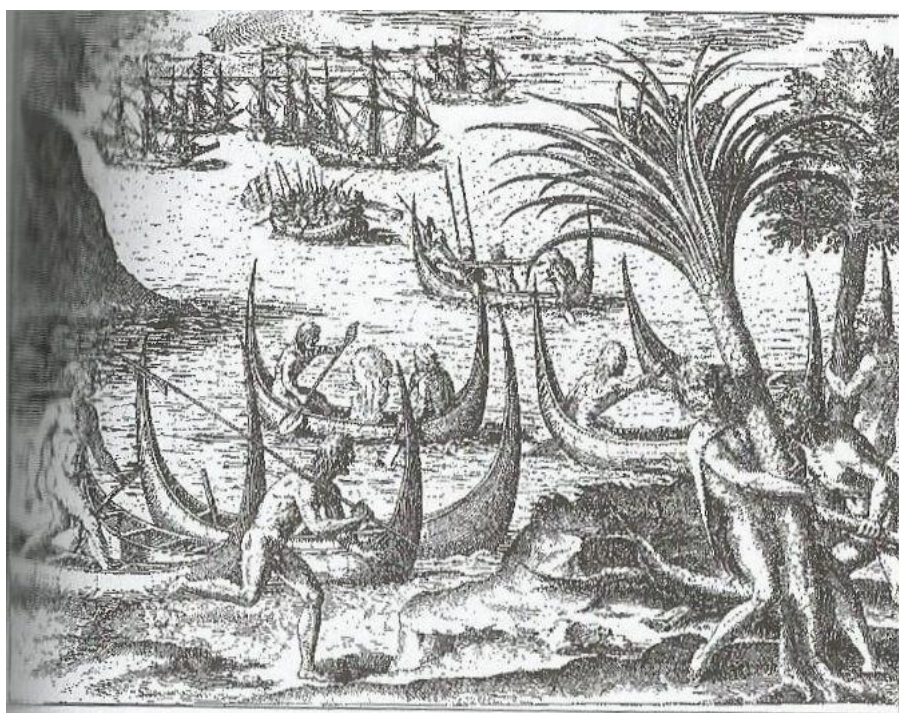


Figura 12: Gigantes da Patagônia. Gravura de Theodore de Bry.

PIGAFETTA, Antonio. **A primeira viagem ao redor do mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães.** Porto Alegre: L&PM, 2011.

A estes relatos seguiram-se outros. Esses homens, além de gigantes, não eram muito bondosos, andavam armados e, segundo Pigafetta, adoravam ao Diabo. Ao serem aprisionados, tentaram resistir, e foi com grande dificuldade que os europeus conseguiram levar aos navios essas criaturas. Porém, nenhum deles chegou vivo à Europa, morrendo todos ou no frio dos Estreitos ou no calor equatorial.

⁴⁴⁵PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 57-9.

Ao cabo de quinze dias, chegaram até nós outros quatro gigantes. Vinham sem armas, mas sabemos em seguida que as haviam deixado escondidas entre as moitas (...). Parece que sua religião se limita à adoração do diabo. Julgam que quando um deles está morrendo, aparecem dez ou doze demônios cantando e dançando ao seu redor. O demônio que provoca maior alvoroço e que é o chefe maior dos diabos é Setebos. Nosso gigante afirmava ter visto uma vez um demônio com chifres e pelos tão longos que lhe cobriam os pés, e que expelia chamas pela boca e por trás.⁴⁴⁶

Esse mesmo gigante, que estava a bordo do navio de Magalhães, onde se encontrava Pigafetta, antes de morrer acabou pedindo o batismo, sendo dado-lhe o nome de Paulo. Porém, quando o gigante ainda estava vivo e prisioneiro, Pigafetta contou que “um dia em que lhe mostrei a cruz e a beijei diante dele, me disse por senhas que Setebos entraria em meu corpo e me faria arrebentar”⁴⁴⁷. Percebe-se, já no primeiro relato de encontro com gigantes na América, a relação desses homens monstruosos com o Diabo. Knivet, ao passar por essa região, também afirmou ter visto gigantes, ainda que estivessem mortos, mas suas pegadas pareciam não deixar dúvidas:

(...) vivem gigantes de quinze ou dezesseis palmos de altura. Garanto que em Port Desire vi as pegadas deles na praia, e que tinham a extensão de quatro pés de um de nossos homens. Vi também dois deles que tinham acabado de ser enterrados e um tinha quatorze palmos de comprimento. (...) contaram que os gigantes jogaram pedras imensas, com cordas, na direção deles, de modo que tiveram que levantar âncora e se afastar da costa. Vi outro desses no Brasil (...). Esse gigante, embora fosse apenas um rapaz, já tinha mais de treze palmos de altura.⁴⁴⁸

Thevet, que também noticiou a existência de gigantes no Novo Mundo, acrescentou ainda que só se alimentavam de carne humana e “caminham com muita ligeireza e, quando correm, conseguem alcançar os mais velozes animais. São dentre os selvagens, os que vivem mais longamente, havendo alguns que chegam à idade de 150 anos!”⁴⁴⁹. Jean de Léry igualmente ressaltou sua velocidade “os grandes gigantes que vivem no rio da Prata e são igualmente tão fortes e ágeis que agarram com as mãos os cabritos na corrida”⁴⁵⁰. É importante ressaltar que os gigantes também figuram no Antigo Testamento⁴⁵¹, sendo portanto a sua existência bíblicamente confirmada. Mais uma vez, assim como os sátiros, os gigantes eram homens monstruosos dignos de fé pois também foram criaturas citadas pelas Sagradas Escrituras, o que de certa forma deixou-as a salvo de qualquer crítica que poderia ser dirigida à tradição.

⁴⁴⁶PIGAFETTA, A. Op. cit., p. 61-3.

⁴⁴⁷Id. Ibid. p. 70.

⁴⁴⁸KNIVET, A. Op. cit., p. 202-3.

⁴⁴⁹THEVET, A. Op. cit., p. 180.

⁴⁵⁰LÉRY, J. Op. cit., p. 64.

⁴⁵¹Ver por exemplo o gigante Golias em 1Samuel, 17:4.

Mesmo quando os selvagens não apresentavam nenhuma monstruosidade na forma física de seus corpos, seu comportamento era descrito como monstruoso. Assim, à respeito das motivações das guerras entre as tribos, Thevet explica que embora os índios não possuíssem ganância de capturar espólios ou territórios dos inimigos, atitude louvável e digna de admiração pelos viajantes, “move-os apenas o mero apetite de vingança, e nada mais, tal e qual se fossem animais ferozes”⁴⁵², e descreve com aversão os costumes das tribos que habitavam o norte da colônia portuguesa:

são os mais cruéis e desumanos de todos os povos americanos, não passando de uma canalha habituada a comer carne humana do mesmo jeito que comemos carne de carneiro, se não até mesmo com maior satisfação. (...) Não há feras dos desertos d'África ou d'Arábia que aprecie tão ardentemente o sangue humano quanto estes brutíssimos selvagens.⁴⁵³

Se o canibalismo tornava os nativos semelhantes às feras monstruosas, havia também outros costumes que os relacionavam com as forças infernais. Junto da idolatria e veneração dos Maracás, do constante sofrimento causado pelo demônio manifesto através do espírito de Anhangá, conforme já demonstramos acima, a figura do Pajé representava uma espécie de sacerdote do Diabo. Thevet, sendo um frade franciscano, não pôde deixar de execrar a conduta dos pajés e relatar o suposto mal que faziam aos índios:

Além das perseguições que sofre por parte do espírito maligno e do seu modo errôneo de interpretar os sonhos, este povo tão distanciado da verdade procede de modo tão irracional que chega ao ponto de adorar ao diabo, através de seus ministros chamados pajés (...), pessoas de má vida que se dedicam a servir ao diabo (...). Tais impostores, para disfarçar sua malignidade e fazer-se honrar acima dos outros, não se fixam em um determinado lugar. Tornam-se vagabundos (...). Lá dentro (da cabana), sozinho, depois que todo o povo se retirou, estende-se o pajé na rede e começa a invocar o espírito maligno...⁴⁵⁴

⁴⁵²THEVET, A. Op. cit., p. 127.

⁴⁵³Id. Ibid. p. 199.

⁴⁵⁴THEVET, A. Op. cit., p. 117-8.



Figura 13: Knivet assiste ao início do ritual de canibalismo, o momento da morte do inimigo. KNIVET, Anthony. **As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet.** Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2007.

Durante a Idade Média e ainda no século XVI, os europeus acreditavam que existiam dois tipos de magia, segundo Thevet “uma é a que o homem emprega para comunicar-se com os espíritos malignos, e a outra é a que lhe permite desvendar os segredos mais íntimos da natureza. A primeira é, de fato, mais viciosa que a segunda, mas ambas derivam da enorme curiosidade humana”⁴⁵⁵. Portanto, enquanto uma delas estava claramente ligada ao poder maligno, a segunda, ainda que natural, era condenável por ser fruto de curiosidade, da vontade do homem de desvendar os segredos da criação divina, de obter o conhecimento oculto tal como Adão e Eva quando comeram do fruto da árvore do conhecimento. Thevet, além de condenar o uso mesmo da magia “branca”, explica que os brasileiros não foram os primeiros nem os únicos a praticar magia, visto que os povos antigos a praticaram até a vinda de Jesus Cristo, que libertou os homens da ignorância e da influência de Satã, e que os povos da Etiópia ainda a praticavam, desconhecendo a verdade revelada na Bíblia⁴⁵⁶.

De forma semelhante, Jean de Léry, estudante de teologia e seguidor de Calvino, considerava as cerimônias indígenas de canibalismo como “bacanais à moda pagã, de que são sacerdotes ébrios”⁴⁵⁷ acreditando que os índios fossem descendentes de Cam, filho

⁴⁵⁵Id. Ibid. p. 119.

⁴⁵⁶THEVET, A. Op. cit., p. 61.

⁴⁵⁷LÉRY, J. Op. cit., p. 108.

amaldiçoado de Noé⁴⁵⁸, referindo-se a algumas tribos inimigas dos Tupinambás como “diabólicos (...) comedores de carne humana, como cães e lobos, e donos de uma linguagem que seus vizinhos não entendem, devem ser tidos entre os mais cruéis e terríveis que se encontram em toda a Índia Ocidental”⁴⁵⁹. Entretanto, Jean de Léry critica ao mesmo tempo os europeus, que cometiam atos até piores que os selvagens, como aqueles perpetrados durante as guerras religiosas⁴⁶⁰, das quais já tinha sido testemunha ocular quando decidiu escrever seu relato de viagem.

Ora, como poderiam coexistir as representações do nativo como belo e inocente, de uma bondade natural, como demonstramos no capítulo anterior, e de um índio selvagem, canibal e cultuador de ídolos e demônios? O que sabemos é que, num contato inicial, sobretudo nas primeiras viagens do século XVI, tendia a prevalecer a visão de um indígena abençoado, que habitava regiões paradisíacas e que fosse preservado da malícia humana. Com o aumento das relações dos europeus com os diversos povos indígenas, o convívio com seus costumes favoreceu a formação pelo europeu de uma representação do nativo como um selvagem comedor de gente que vivia sob as ilusões do demônio. À medida, portanto, que o contato com o Novo Mundo e seus habitantes aumentava, mais se distanciava a representação maravilhosa dessas terras e povos⁴⁶¹. A maravilha, como sabemos, está fadada a migrar para um pouco além dos limites do conhecido, quanto mais se conhece, mais a maravilha se distancia. É o que podemos notar, por exemplo, quando comparamos os relatos de Vespúcio e Gonville, que descrevem os nativos mais mansos e bondosos, com os relatos de Thevet e Léry, que assistiram as guerras dos índios após o início da colonização, e com Hans Staden e Knivet, que ficaram prisioneiros de tribos canibais. A partir das várias citações que fizemos, podemos constatar que os viajantes do início do século eram mais propensos a descrever o índio num estado próximo ao do paradisíaco, enquanto que à medida em que o tempo passava e o contato com os nativos aumentava, cada vez mais os relatos sobre os índios tendiam a representá-los com caracteres monstruosos e até demoníacos.

⁴⁵⁸Id. Ibid. p. 175.

⁴⁵⁹Id. Ibid. p. 63.

⁴⁶⁰Id. Ibid. p. 161-2.

⁴⁶¹Essa tese já foi explicada e defendida pela historiografia, ver por exemplo: SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

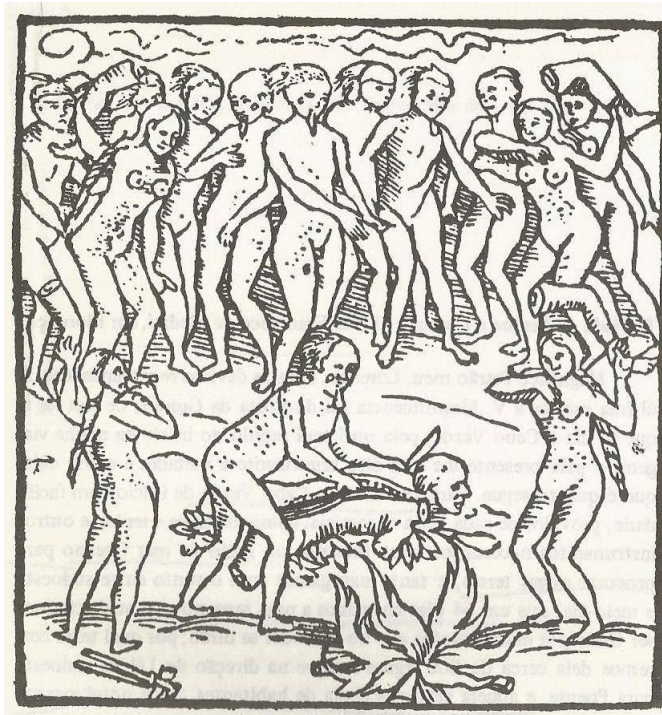


Figura 14: O Corpo é despedaçado. STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil.** Porto Alegre: L&PM, 2013.

Homens monstruosos e demoníacos, animais e criaturas disformes e maravilhosos. Desde a Antiguidade, a representação de riquezas e tesouros, materiais ou espirituais como o Paraíso e a fonte da juventude, entre outros exemplos já citados, confinados em terras distantes e pouco acessíveis, esteve ligada quase sempre a uma abundante fauna maravilhosa de monstros que circundariam as mesmas riquezas. Como uma espécie de guardião, o monstro dificultava o alcance a esses tesouros maravilhosos e ao mesmo tempo justificava o motivo dos mesmos tesouros perdurarem ao longo dos séculos. Como se o risco representado pelo monstro engrandecesse e valorizasse ainda mais não apenas a riqueza protegida, mas também a glória em conquistá-la, a ligação praticamente umbilical entre monstro e riqueza na tradição perpetuou-se pela Idade Média e alcançou a expansão ultramarina europeia, encontrando no século XVI um período fértil para apropriações e formação de novas representações tanto do maravilhoso das riquezas distantes quanto dos próprios monstros⁴⁶². E se a tradição de tesouros guardados por monstros apresentava um desafio ao cristão europeu, a literatura hagiográfica e as novelas de cavalaria estimulavam os mesmos e buscarem a glória daqueles que enfrentaram e superaram as adversidades dignas dos heróis da Antiguidade⁴⁶³. A presença de monstros transformava as riquezas paradisíacas em uma espécie de recompensa a quem se

⁴⁶²HOLANDA, S. Op. cit., p. 251.

⁴⁶³HOLANDA, S. Op. cit., p. 162.

mostrasse heroico ou santo o bastante para merecê-las. Thevet, no prefácio de sua obra, citando inúmeras autoridades e heróis da antiguidade, justificou sua viagem a partir dessa representação de heroísmo e santidade em enfrentar os perigos das terras distantes:

ousei tentar tal empresa imitando o exemplo de vários outros ilustres personagens, cujos gestos heróicos e cujos atrevidos empreendimentos, celebrados pela História, conservam seus autores vivos em nossa memória e merecedores de perpétua honra e glória imorredoura. (...) o Soberano Criador dotou o homem de duas essências totalmente diferentes, uma elementar e corruptível, outra celeste, divina e imortal, do mesmo modo colocou todas as coisas que estão abaixo do firmamento sob o poder do homem e para seu uso. Contudo, a fim de que este pudesse adquirir o conhecimento necessário para alcançar esta supremacia, permitiu que alguns obstáculos lhe estorvassem o caminho⁴⁶⁴

O monstro, portanto, possuía um papel fundamental na representação do maravilhoso, o que justificava sua presença nos relatos de viagem ao Novo Mundo. Se o viajante, ao contrário das várias autoridades da Antiguidade e do Medievo, como Agostinho e Isidoro, não colocava-se a incumbência de explicar e justificar a natureza dos monstros, tentando enquadrá-lo na cosmologia cristã a partir das modificações e abalos que a tradição sofreu a partir da expansão ultramarina, por outro lado representava o monstro como um desafio natural, esperado, a ser vencido para que se alcançassem as recompensas maravilhosas almejadas. E se essas recompensas foram buscadas incessantemente e raríssimas vezes encontradas, o monstro por sua vez mostrou-se muito presente, e mesmo que este seja um desafio, um obstáculo a ser superado, ao mesmo tempo era uma esperança de que logo depois as riquezas ou mesmo o paraíso descortinar-se-iam diante do viajante. Não se chega à glória sem riscos, ou ao paraíso sem passar pelos monstros.

⁴⁶⁴THEVET, A. Op. cit., p. 12.

CONCLUSÃO

Tentamos montar um quadro geral da formação de uma representação do maravilhoso no Novo Mundo. Buscamos suas raízes na Antiguidade, conhecendo como as autoridades antigas classificavam as maravilhas e como os autores medievais apropriaram-se dessa representação à luz do cristianismo. O maravilhoso de finais do Medievo foi o que serviu de base para a projeção das esperanças dos viajantes sobre as terras que visitariam, porém pudemos constatar que, como qualquer representação, o maravilhoso do primeiro século de expansão ao Novo Mundo sofreu um processo dinâmico de reformulação e apropriação.

A maravilha é o desconhecido experimentado no qual mal se pode acreditar, possui muito mais a dizer sobre quem se maravilha do que sobre o objeto do maravilhamento, uma vez que proclama tanto a expectativa do maravilhado frente ao desconhecido quanto parte da representação de mundo dele. A busca por maravilhas expressa, da mesma forma, uma certa decepção com a realidade, considerada geralmente inferior diante do maravilhoso. Essa seria, segundo Le Goff, uma das funções do maravilhoso, o da compensação à banalidade cotidiana da vida⁴⁶⁵. A maravilha oferece uma janela para os mistérios da criação divina, uma forma de compreender o universo muito mais atraente do que qualquer outra. E essa compensação manifestava-se não na esperança de um futuro utópico, mas sim no retorno a um passado beatífico perdido, representado como a Idade de Ouro na Antiguidade e no Paraíso Edênico a partir do Medievo.

Conforme explicitamos inicialmente, a relação umbilical entre maravilha, espanto frente ao desconhecido e a expectativa dessa admiração ao que é diferente causou nas remotas terras americanas a criação de um local propício tanto para receber essas expectativas de encontrar as maravilhas quanto para, uma vez em contato com as singularidades desconhecidas do lugar, maravilhar a realidade encontrada. Entretanto, pela própria natureza nômade do maravilhoso, uma vez ocorrido o deslumbramento, é necessário que esse se desloque para regiões ainda mais distantes e diferentes, evitando o esgotamento das maravilhas e alimentando as expectativas do viajante. Essa busca por maravilhas se mantém enquanto houver esperanças de que as mesmas existam, pois mesmo depois de encontradas elas continuam a transportar-se para pouco além do horizonte conhecido. A maior maravilha de todas, o Jardim do Éden, foi uma fonte inesgotável de esperança e expectativa para o viajante, uma vez que a sua existência, pelo menos até o século XVI, era mais uma certeza do que uma

⁴⁶⁵ LE GOFF, J. Op. cit., p. 26-7.

crença, por outro lado, era uma maravilha que não se poderia alcançar, exceto por milagre. O paraíso jamais seria obtido, estando sempre além do alcance dos homens, porém continuaria eternamente buscado, pois a esperança de sua existência baseava-se na certeza bíblica. Um símbolo perfeito de maravilha.

Entretanto, acompanhamos uma mudança em relação à representação de maravilha por parte do viajante ao longo do século XVI. Os relatos de viagem não são recheados de monstros como eram em séculos anteriores, nenhum viajante descreveu encontrar nem metade daquilo que Marco Polo e Mandeville haviam narrado, além disso percebemos que, quanto maior o contato com o Novo Mundo, mais significativa era a diferença entre a descrição das maravilhas. Inicialmente a visão do paraíso descortinou-se claramente frente ao viajante, trazendo consigo outros elementos maravilhosos como as riquezas materiais e os monstros que a tradição havia representado como pertencentes às cercanias desse lugar quase celestial. Contudo, com o tempo parece que o paraíso, antes tão próximo, distanciava-se cada vez mais, deixando no caminho monstros e selvagens que, ao contrário de inocentes e bondosos como apareceram num primeiro olhar, pareciam servos do demônio. Quanto mais se buscava o prêmio, mais se mostravam os desafios. Se nos séculos posteriores a visão de um paraíso no Novo Mundo foi transformada em uma representação de um inferno atlântico, isso é algo que foge à alçada desta pesquisa, mas podemos dizer que, mesmo longe de se consolidar, esse processo já havia começado no século XVI.

Mais patente do que um combate entre a representação de um paraíso ou a de um inferno na América foi a força que a experiência pareceu exercer contra a influência da tradição. A representação de maravilhas em terras distantes já existia na Antiguidade e foi apropriada pelo cristianismo na Idade Média, tornando-se tradicional. No século XVI, com a expansão ultramarina a terras distantes, a tradição exerceu seu peso sobre os viajantes e propiciou o maravilhamento dos mesmos com as novidades encontradas. A tradição favorecia a proliferação de maravilhas. Porém, a realidade que se mostrava frente ao viajante de certa forma forçava-o a contestar sua própria representação de mundo e apropriar-se de novos conceitos advindos da experiência: a zona tórrida e as antípodas eram habitáveis, assim como todas as zonas do mundo, existia um continente até então desconhecido, a terra era redonda e podia ser contornada e havia populações numerosas ignorantes ao evangelho, para citar alguns exemplos já trabalhados ao longo do texto. Assim como essas constatações empíricas chocavam-se diretamente com a tradição, fazendo com que a mesma perdesse aos poucos seu status de detentora da sabedoria e caminho para se chegar à verdade, sendo cada vez mais substituída pela experiência, o maravilhoso, que a princípio deveu sua difusão à essa mesma

tradição que o consagrou, acabou por também enfraquecer-se, embora de forma menos impactante, já que ele continuou a se desenvolver de forma independente da tradição. Não é pouco significativa a afirmação de Thevet de que “temos que desculpar os antigos por não serem totalmente dignos de fé, devido a basearem suas afirmações antes em conjecturas do que na experiência”,⁴⁶⁶ se antes a autoridade dos antigos era invocada para respaldar afirmações sobre a realidade, a partir da expansão ultramarina o testemunho desses homens passou a ser cada vez mais digno de desculpas. Isso nos leva a considerar que, em que pese o processo histórico de formação da tradição do maravilhoso nos relatos de viagem quinhentistas, o âmbito da maravilha pode existir de forma independente da tradição. Se ambas perderam a força que possuíam até finais do Medievo, o maravilhoso continuara sendo alimentado por outras fontes, como os desejos e expectativas de um mundo velho frente à novidade de novas terras a serem desbravadas.

Acreditamos que devido a esse processo de reformulação representacional entre tradição e experiência, os monstros descritos nos relatos de viagem quinhentistas são em sua maioria criaturas desconhecidas, novas, por isso mesmo desprovidas de uma significação moral ou relação com virtudes ou vícios, diferente da forma como os bestiários medievais representavam os monstros tradicionais. O encontro, apesar do heroísmo demonstrado em algumas narrativas, é descrito de uma forma relativamente simples, são buscadas obviamente características conhecidas pelos viajantes e os possíveis leitores de seus relatos para descrever as maravilhas, pois só se descreve o desconhecido através de elementos conhecidos, só se pode apropriar a realidade a partir de suas próprias representações⁴⁶⁷. A visão de muitas maravilhas consagradas pela tradição pelos viajantes atesta que esse processo foi lento e apenas havia começado no século XVI, mas seus efeitos já se faziam sentir.

Assim, o maravilhoso no Novo Mundo tentou adquirir uma autonomia da tradição, buscando um vigor próprio frente à desvalorização da mesma. Porém, não poderia ser totalmente independente, pois ainda havia forças que tentavam cercear sua liberdade, ao mesmo tempo em que se aproveitavam do mesmo para se firmar. A mais significativa dessas forças foi a representação cristã de mundo. Se as autoridades tradicionais poderiam ser desacreditadas, a Bíblia permanecia praticamente imune a questionamentos. Mesmo com a Reforma Protestante e a divisão de uma interpretação única da verdade revelada em várias representações do cristianismo, a Sagrada Escritura continuava como um divisor de águas entre fantasia e realidade. O maravilhoso, por seu caráter fluido, acabou encontrando respaldo

⁴⁶⁶THEVET, A. Op. cit., p. 72.

⁴⁶⁷KAPPLER, C. Op. cit., p. 31.

nessas amarras frente ao avanço da importância dada à experiência. Um exemplo disso é mostrado quando vemos um Frade Franciscano Cosmógrafo como André Thevet descartar a existência de muitas raças de homens monstruosos com base na experiência, ao mesmo tempo em que defende a existência de sátiros, respaldado na Bíblia.

Portanto, se o maravilhoso possui vida própria, é movido pelo desejo de contrabalançar uma realidade rotineira e um afã de contemplar e desvendar os segredos da natureza, essas já seriam justificativas para a presença de monstros nos relatos de viagem à América Portuguesa. Entretanto, conforme pretendemos ter demonstrado ao longo do texto, o maravilhoso apresentava prêmios a serem não apenas conquistados, mas também merecidos. A representação do paraíso e riquezas maravilhosas construiu-se atrelada a monstros e desafios que impediam o acesso às mesmas⁴⁶⁸. Se as certezas tradicionais poderiam ser superadas, talvez as façanhas dos grandes heróis e santos também pudessem: “ousei tal empresa imitando o exemplo de outros ilustres personagens, cujos gestos heroicos e cujos atrevidos empreendimentos, celebrados pela História, conservam seus autores vivos em nossas memórias e merecedores de perpétua honra e glória imorredoura”⁴⁶⁹.

O monstro era a parte mais importante dessa busca por maravilhas, mais até do que as próprias recompensas, pois se estas dificilmente foram encontradas, o monstro colocava-se diante de qualquer viajante, como um aspecto do maravilhoso que alimentava a crença em outras maravilhas, demonstrava a grandiosidade da natureza e criação divina e enaltecia a aventura no além-mar. Afinal, que glória haveria numa aventura sem riscos e infortúnios? Que espécie de santo ou herói seria o viajante se não enfrentasse nenhum monstro? Se o monstro é aquele que demonstra, no relato ele funcionava também como prova do valor do viajante.

⁴⁶⁸HOLANDA, S. Op. cit., p. 251.

⁴⁶⁹THEVET, A. Op. cit., p. 12.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA:

Fontes primárias:

FRANCA, Susani Silveira Lemos (org.). **Viagens de Jean de Mandeville**. São Paulo: EDUSC, 2007.

KNIVET, Anthony. **As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2007.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

MALAXECHEVERRÍA. **Bestiário medieval**. Madri: Siruela, 1987.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil 1503-1505** 2ª.ed.São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

PIGAFETTA, Antonio. **A primeira viagem ao redor do mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

POLO, Marco. **O livro das maravilhas**. Porto Alegre: LP&M, 1985.

STADEN, Hans. **Dois viagens ao Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1978.

VESPUCIO, Américo. **O Novo Mundo**. Porto Alegre: LP&M, 1984.

Obras gerais sobre o tema e de referência:

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. **Naufraágios e comentários**. Porto Alegre: LP&M, 1985.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. Perspectivas teóricas acerca da análise de relatos de viajantes: Hércules Florence, narrador , p. 5. In: **Fênix**, revista de História e Estudos Culturais. Abr./Mai./Jun. de 2005. Vol. 2, ano II, nº 2. Disponível em: www.revistafenix.pro.br acesso em: 15/02/14.

CASCUDO, Luíz da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1976.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **À Beira da Falésia; a História entre Certezas e Inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHIAMPI, Irleamar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América**. Porto Alegre: LP&M, 1984.

DEL PRIORE, Mary. **Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano: uma história sobre monstros do velho e do novo mundo (séculos XVI – XVIII)**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

_____. (org.); TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. **Monstros e monstregos do Brasil; ensaio sobre a zoologia fantástica brasileira nos séculos XVII e XVIII**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente; 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DURKHEIM, Émile. **As Formas elementares de Vida Religiosa; o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ECO, Humberto. **História da feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FARIA, Ernesto (org). **Dicionário Escolar Latino-Português**. 3 ed. Rio de Janeiro: MEC-CNME, 1962.

FEBVRE, Lucien. **Problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIL, José. De los Mitos de las Indias. In.: BERNAND, Carmen (compiladora). **Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años**. México: Fondo de cultura econômica, 1994.

GIUCCI, Guilherme. **Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões Maravilhosas; o deslumbramento do Novo Mundo**. São Paulo: EDUSP, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso : os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

KAPPLER, C. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LE GOFF, Jaques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1985.

LESTRINGANT, Frank. **A Oficina do Cosmógrafo**, ou a imagem do mundo no Renascimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

LOPES, Maria Margaret. **Invertendo o sentido das viagens**. História ciências saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, agosto 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702003000200018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 nov. 2012.

SEIXAS, Jacy Alves de. “Percurso de memória em terras de história: problemáticas atuais”, In.: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Editora Moraes, 1977.